



Anno XVII... Nº 24
Rio de Janeiro.
2 de Julho de 1916

Revista DA Semana

A TORRE EIFFEL

97

Rua do Ouvidor

99



Artigos para
homens e meninos

—

Malas e todos
os
objectos indispen-
saveis
para viagem

—

Artigos de banho
e
de toilette

97

Rua do Ouvidor

99



O maior sorti-
mento

—

Melhor qualidade

—

Menor preço

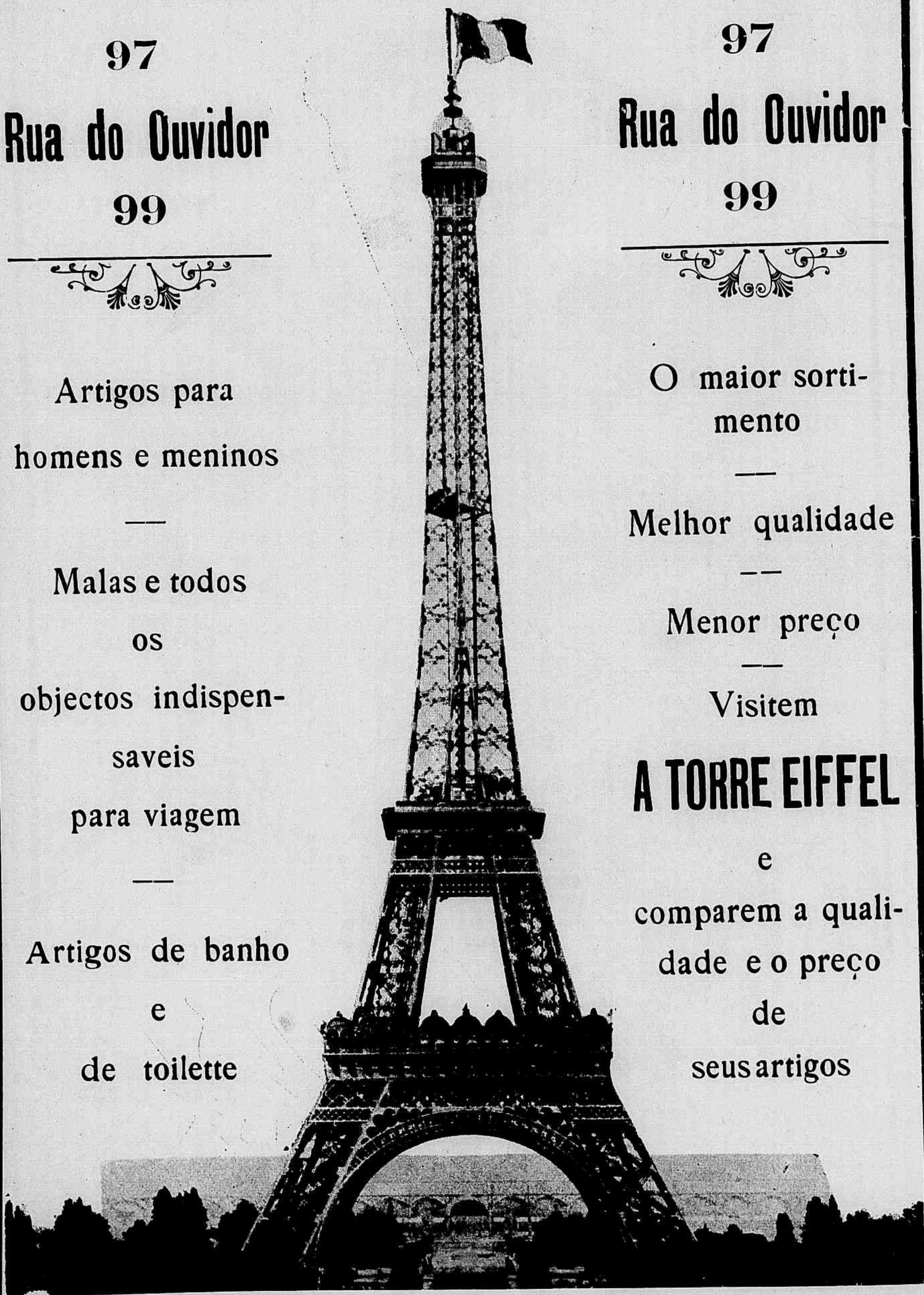
—

Visitem

A TORRE EIFFEL

e

comparem a quali-
dade e o preço
de
seus artigos





O Mistério do Imperador

Romance de MAURICE LEBLANC



CAPITULO XV

(Continuação dos numeros anteriores)

O soldado partiu correndo. E Paulo imediatamente observou que seria capaz de chegar á "garage", da qual elle via as luzes, sem ser preciso deixar a escuridão protectora.

— Vem! — disse elle a Bernardo. — Tenho uma idéa. Vaes ver o que é.

O som dos seus passos era abafado pela relva e assim poderam contornar as cocheiras e os alpendres dos motores, e conseguiram entrar sem ser vistos. O soldado estava n'um quarto das trazeiras, cuja porta estava aberta. Elles viram-n'o tirar do cabide um grande casaco de pelle de cabra, que poz ao hombro, e pegar em quatro latas de gazolina. Assim carregado, sahiu do quarto e passou em frente de Paulo e de Bernardo.

A partida foi rapidamente feita. Antes que elle tivesse tempo de soltar um grito, foi deitado por terra, amordaçado e impossibilitado de se mover.

— Está prompto! — disse Paulo. — Agora dá-me o seu casaco e o "kepi".

— Então vaes-te arriscar? — perguntou Bernardo. — Suppõe que Karl repara que não és o seu "chauffeur"? —

— Elle nem pensará em olhar para mim.

— Mas, se te falar?

— Não lhe respondo. Além disso, uma vez fóra dos campos, nada mais terei a receiar d'elle.

— E eu, que faço?

— Tu? vendas cuidadosamente o prisioneiro e fecha-o em lugar seguro. Depois voltas aos arbustos por baixo da janella de sacada. Tenho esperança de me juntar alli comtigo e com Isabel, pelo meio da noite, e teremos só que voltar pelo tunel ao ponto de partida. Se não voltar...

— O que?

— Então volta sosinho, antes que seja dia.

Paulo já se afastara. Estava na tensão de espirito do homem que não se demora a reflectir. Os acontecimentos pareciam provar-lhe que fazia bem. Karl recebeu-o com brutalidades, mas sem prestar a menor attenção a este supranumerario, a quem não dava a menor importancia. O espião enfiou o seu casaco de pel-

les e sentou-se ao guiador, emquanto Paulo tomava logar ao lado d'elle.

CAPITULO XVI

UM CAMINHO ERRADO QUE CONDUZ A UMA VOLTA INESPERADA.

O carro estava prompto a partir, quando se ouviu, do alto da escada, uma voz que chamava em tom de commando:

— Karl! Espera!

Paulo sentiu um momento de anciedade. Era a condessa Hermínia que, dirigindo-se ao espião, lhe disse em francez, baixando a voz:

— Eu quero, Karl, ter a certeza e... Mas o teu ajudante saberá por acaso francez?

— Elle mal sabe allemão, "Excellenz". E' idiota. Pode falar claro.

— O que eu te queria dizer, é que não é preciso deitar mais de dez gottas da garrafinha, se não...

— Muito bem, "Excellenz"! Mais alguma coisa?

— Escreve-me d'aqui a oito dias, se tudo correr bem. Escreve para o nosso "adresse" em Paris, mas não antes; seria inutil.

— Então vae voltar a França, "Excellenz"?

— Vou; o meu plano está maduro.

— O mesmo plano?

— Sim. O tempo é-nos favoravel. Tem chovido durante alguns dias e o Conselho disse-me que tencionava proceder do seu lado. Assim, estarei lá amanhã á noite e só haverá necessidade de lhe dar a ultima demão...

— Isso mesmo, a ultima demão, mais nada. Eu mesmo fiz o trabalho e está tudo prompto. Mas falou-me n'outro plano para completar o primeiro, e confesso que esse...

— Já devia estar executado. A sorte voltou-se contra nós. Mas se eu fôr bem succedida, será a ultima vez que recuamos.

— Tem o consentimento do Kaiser?

— Eu não lh'o pedi. E' uma d'aquellas empreitadas de que se não fala.

— Mas esta é terrivelmente perigosa, "Excellenz"!

— Não se pode evitar!
— Não precisa lá de mim, "Excellenz"?

— Não. Livra-nos da pequena. Será o bastante por ora. Adeus!

— Adeus, "Excellenz"!

O espião destravou e o carro partiu.

O caminho, que corria ao longo da avenida central, ladeava uma casa que ficava ao lado da grade do jardim, e que servia actualmente como posto da guarda. Altos muros, que rodeavam os campos, erguiam-se de ambos os lados.

Um official sahiu do posto e Karl deu-lhe a palavra de passe, "Hohenstaufen". As portas abriram-se e o motor lançou-se na estrada que primeiro atravessava a pequena cidade de E'brecourt e depois corria entre collinas pouco elevadas.

Assim Paulo Delrose, ás onze horas da noite, estava em pleno campo, sosinho com Isabel e com Karl, o espião. Se elle conseguisse subjugar o espião — e não duvidava conseguil-o, — Isabel ficaria livre. Então nada mais haveria a fazer senão voltar para a "villa" do Principe Conrad e reunir-se alli a Bernardo, com a ajuda da palavra de passe. Assim a aventura estava inteiramente conforme com os designios de Paulo, e todos tres voltariam pelo tunel ao castello de Ornequin.

Elle vigiava attentamente a estrada, para não errar o caminho quando voltasse, e planeava o seu ataque, fixando-o para a primeira paragem que tivessem. Resolveu não matar o espião, mas atordoal-o primeiro com uma pancada, depois derrubal-o e amarral-o, atirando-o para alguma moita ao lado da estrada.

Chegaram a uma villasinha; depois atravessaram duas aldeias e depois ainda, chegaram a uma cidade, onde foram obrigados a parar para mostrar os papeis do carro. Eram onze e meia.

Mais uma vez estavam no campo, correndo atravez de uma serie de pequeninos bosques, cujas arvores abriam caminho para os deixar passar.

Naquelle momento a luz dos pharoes começava a esmorecer. Karl affrouxou o andamento e resmungou:

— Parvo, nem sequer podes

conservar os pharoes accesos ? Tens ainda carbureto ?

Paulo não respondeu. Karl continuava lastimando a sua sorte. Subitamente, travou, soltando uma praga.

— Grande idiota ! Não podemos continuar assim ! Espevita os teus cotos e accende-os !

Paulo saltou do seu lugar, enquanto o carro encostava ao lado. Tinha chegado o momento de agir.

Primeiro attendeu aos pharoes, não perdendo de vista os movimentos do espião e tendo o cuidado de evitar a luz. Karl apeou-se, abriu a portinhola do carro e encetou uma conversação que Paulo não pôde ouvir. Depois voltou perto de Paulo, dizendo :

— Então, cabeça de burro, ainda não acabaste ?

Paulo tinha as costas voltadas para elle; estava attendendo ao seu trabalho e esperando o momento propicio em que o espião, avançando mais dois passos, lhe ficasse ao alcance.

Passou-se um minuto. Elle cerrava os punhos. Calculava o movimento exacto que devia executar, e estava a ponto de o fazer, quando subitamente se sentiu agarrado por detraz e atirado ao chão, sem poder offerecer a minima resistencia.

— Raios e coriscos ! — gritou o espião, segurando-o debaixo do joelho. — Por isso elle me não respondia. Chamou-me a attenção o facto, por me parecer exquisito, mas não lhe dei grande importancia. Foi agora mesmo que a luz do pharol illuminou o teu perfil. Mas quem é que eu tenho para me ajudar ? Será algum cão de francez ?

Paulo tinha retezado os musculos e acreditou por um momento que conseguiria escapar áquella pressão. A força do inimigo affrouxava. Paulo sentiu que o ia gradualmente dominando e exclamou :

— Sim, um francez, Paulo Delrose, aquelle que tentaste matar, o marido de Isabel, tua victima. Sim, sou eu; e sei quem tu és, tu és Laschen, o falso belga; és Karl, o espião !

Calou-se. O espião, que só affrouxara a pressão para tirar um punhal do cinto, erguia-o agora sobre elle.

— Ah ! Paulo Delrose ! Mas isto é uma caçada real ! Primeiro o marido e depois a mulher. Assim vieste cahir-me nas garras ! Toma isto, meu rapaz !

Paulo viu brilhar sobre a sua cabeça uma lamina, fechou os olhos e murmurou o nome de Isabel.

Um segundo, e ouviram-se tres tiros successivos. Alguem desfechara por detraz dos dois adversarios.

O espião soltou uma praga horrivel. Paulo sentiu-se livre da pressão, enquanto Karl, com o punhal na mão tremula, vergava pesadamente para o chão, resmungando :

— Oh ! maldita mulher ! Devia tel-a estrangulado no carro. Eu sabia que isto havia de acontecer.

Depois calou-se. Algumas convulsões, um rapido estertor, e foi tudo.

Paulo tinha-se levantado. Correu para a mulher que lhe salvara a vida e que ainda empunhava o revolver.

— Isabel ! — gritou com alegria feroz.

Mas ficou parado, com os braços estendidos. No escuro, o vulto da mulher não lhe pareceu o de Isabel, porque era mais alta e mais forte. E num tom de infinita angustia, gritou :

— Isabel, és tu ? E's tu realmente ?

Ao mesmo tempo, instinctivamente, já sabia a resposta que ia ouvir.

— Não, — disse a mulher, — a sra. Delrose partiu um pouco antes de nós, n'outro carro. Karl e eu deviamos reunir-nos com ella.

Paulo lembrou-se do carro que elle e Bernardo tinham julgado ouvir quando davam a volta á casa. Como as duas partidas tinham tido logar com intervallo de alguns minutos quando muito, elle exclamou :

— Aviamo-nos então, não percamos tempo ! Largando a toda a força, teremos a certeza de os apanhar.

Mas a mulher immediatamente objectou :

— E' impossivel, porque os dois carros tomaram differentes estradas.

— Que importa isso, se ambos se dirigem para o mesmo ponto ? Para onde levam elles a sra. Delrose ?

— Para um castello pertencente á condessa Herminia.

— E onde é esse castello ?

— Não sei.

— Não sabe ? Mas isso é terrivel ! Pelo menos sabe-lhe o nome ?

— Não, não sei. Karl nunca m'o disse.

Desesperado com as ultimas palavras que acabava de ouvir, Paulo sentiu a necessidade de alguma acção immediata. O seu plano — que era de servir-se do tunel antes que o alarme fosse dado, — o seu plano estava perdido. Dando de barato que conseguisse achar Isabel e soltal-a — contingencia muito pouco provavel — quando teria isso logar ? E como escaparia depois ao inimigo e voltaria a França ?

Encaminhou-se para o cadaver do espião. A mulher estava debruçada sobre o corpo, examinando-o á luz de uma das lanternas que tirara do carro.

— Está morto, não está ? — perguntou Paulo.

— Está morto. Duas balas entraram-lhe pelas costas.

E murmurou com uma voz comovida :

— E' horrivel o que fiz. Fui eu mesma que o matei ! Mas não é um crime, não é um assassinio, pois não ? Estava no meu direito, pois não estava ? Ainda assim é horrivel ! Matei Karl !

O seu rosto, que era ainda joven e bastante formoso, quanto vulgar, estava transtornado e os seus olhos encovados como os d'uma caveira.

— Quem é a senhora ? — perguntou Paulo.

Ella respondeu soluçando :

— Era a sua amante, e mais do que isso, ou talvez peor. Elle tinha jurado casar commigo. Mas os juramentos de Karl ! Era tão mentiroso, tão cobarde ! Oh ! o que eu sei d'elle ! Eu mesma, simplesmente por me calar, tornei-me sua cumplice. Assustava-me, mettia-me medo ! Já o não amava, mas obedecia-lhe porque o temia, e para o fim, cheia de nojo ! Elle sabia quanto eu o desprezava, e costumava dizer : "E's muito capaz de me matar, mais dia menos dia". Eu pensava n'isso, mas nunca teria coragem. E foi só ha pouco, quando vi que o ia apunhalar, e sobre tudo quando ouvi o seu nome...

— O meu nome ? O que lhe importava isso ?

— O senhor é o marido da senhora Delrose.

— E então ?

— Pois bem, eu conheço-a. Não ha muito, só desde hoje. Esta manhã, Karl, de volta da Belgica, passou atravez da cidade onde eu estava e levou-me para casa do Principe Conrad. Disse-me que tinha de tomar o logar de dama de companhia de uma senhora franceza que deviamos conduzir para um castello. Compreendi o que isso queria dizer. Devia mais uma vez ser sua cumplice para lhe inspirar confiança. Depois vi a tal senhora franceza, e vi-a chorando; e ella foi tão gentil e amavel, que me inspirou compaixão. Prometti salvá-la, somente nunca imaginei que seria por esta forma, matando Karl...

Levantou-se rapidamente e disse com voz dura :

— Mas tinha que ser, senhor. Estava escripto, porque eu sabia muito a respeito d'elle. Tinha que ser ou elle, ou eu. Foi elle, não lhe posso dar remedio e não tenho pena. Era o verme mais

infecto da terra e, com creaturas daquella especie, não ha que hesitar. Não, não tenho pena.

Paulo perguntou:

— Elle era dedicado á condessa Herminia, não era?

Ella estremeceu, e baixando a voz, replicou:

— Oh! não fale n'ella, por favor! E' mais terrivel ainda, e ainda está viva. Oh! se ella alguma vez suspeitasse!

— Quem é essa mulher?

— Que posso eu dizer? Ella vem e vae, ella é quem manda, onde quer que se encontre. Obedecem-lhe como ao proprio Imperador. Temem-n'a como a seu irmão.

— Seu irmão?

— Sim, o major Hermann.

— O que é isso? Pretende que o major Hermann é seu irmão?

— Mas, certamente! Além disso, basta só olhar para elle. E' o retrato fiel da condessa!

— Já os viu alguma vez juntos?

— Palavra que me não lembra. Por que pergunta isso?

O tempo era muito precioso para Paulo insistir. A opinião da mulher sobre a condessa Herminia não tinha nada que ver com o caso, portanto, perguntou:

— Ella está ainda em casa do Principe?

— Por agora, está. O quarto do Principe é no primeiro andar, nos fundos; o della, no mesmo andar, mas na frente.

— Se lhe fizer saber que Karl teve um accidente e que me mandou a mim, seu "chauffeur", prevenil-a, receber-me-ha?

— Certamente.

— Ella conhece o "chauffeur" de Karl?

— Não. Era um soldado que Karl tinha trazido comsigo da Belgica.

Paulo ficou por momentos pensativo; depois disse:

— Ajude-me.

Puxaram o corpo para um fosso ao lado da estrada, rolaram-n'o e cobriram-n'o com ramos seccos.

— Volte para a casa de campo — disse elle. — Vá até ao primeiro grupo de casas. Acorde os moradores e conte-lhes que Karl estava sendo assassinado pelo seu "chauffeur" enquanto a senhora fugia. O tempo que levam a prevenir a policia, a interrogar-a e a telephonar para a casa de campo, é mais do que eu preciso.

Ella disse assustada:

— Mas a condessa Herminia?

— Nada receie. Mesmo que eu não consiga que ella faça escandalo, como poderá suspeitar de si, quando as investigações policiaes me farão responsavel por tudo? Além d'isso, nós não temos a liberdade da escolha.

CAPITULO XVII

O PRINCIPE CONRAD E' FEITO PRISIONEIRO, MAS PAULO TAMBEM.

Sem mais uma palavra, Paulo preparou a machina, tomou o guiador e, apezar das objecções medrosas da mulher, partiu, dizendo comsigo:

— Hei de ver a condessa. Ella deve estar anciosa por saber a sorte de Karl e quererá que eu a leve immediatamente junto d'elle, ou receber-me-ha n'um dos seus aposentos. Ou então, encontrarei a maneira de a compellir a revelar o nome do castello onde Isabel está prisioneira. Conseguirei que me dê meios de a livrar e facilitar a sua fuga.

Como tudo aquillo era vago! Encontraria elle obstaculos no seu caminho? Como poderia esperar que as circumstancias fossem propicias para esconder os factos aos olhos da condessa, e por ultimo privar-a de toda a ajuda?

Não importa, Paulo não ligaria importancia ás probabilidades de insuccesso. Elle encurtava o caminho, correndo com o carro pelas estradas como um furacão e affrouxando apenas a corrida, quando atravessava aldeias e cidades.

— "Hohenstaufen"! — gritou á sentinella postada fóra do muro.

O official de piquete, depois de o interrogar, mandou-o para o sargento commandante do posto da porta principal. O sargento era o unico que tinha livre accesso na casa de campo, e elle informaria a condessa.

— Muito bem, — disse Paulo.

— Primeiro vou guardar o meu carro.

Na "garage" apagou as luzes e antes de ir procurar o sargento, dirigiu-se para o lado da casa de campo, em procura de Bernardo, para saber se elle tinha descoberto alguma coisa.

Encontrou-o atraz da casa, entre os arbustos fronteiros á janella da balaustrada.

— Vens só? — perguntou Bernardo anciosamente.

— Sim, o lance falhou. Isabel tinha partido em um primeiro carro.

— Que terrivel contrariedade!

— E', mas pode-se remediar. O que ha a respeito do "chauffeur"?

— Está bem escondido. Ninguém o verá, pelo menos antes de amanhã, quando os collegas vierem para a "garage".

— Muito bem. Nada mais?

— Ha uma hora veio uma patrulha. Consegui que não me vissem.

— E depois?

— Depois fui até ao tunel. Os homens começavam a mexer-se. Além d'isso, havia qualquer coisa que os fazia a todos mostrarem-se muito satisfeitos!

— O que era?

— A subita chegada de certa pessoa do nosso conhecimento; a mulher que encontrei em Corvigny, que se parece extraordinariamente com o major Hermann.

— Iria para os arredores?

— Não, partia.

— Sim, eu já sabia que tencionava partir.

— Ella já partiu.

— Isso é engano! Não posso acreditar-o! Não havia urgencia da sua partida immediata para França.

— Comtudo, eu vi-a partir.

— Como? Por que caminho?

— Pelo tunel, está claro! Imaginas que o tunel já não serve para isso? Foi a estrada que tomou, vi eu, nas mais confortaveis condições, n'um auto-electrico, guiado por um guarda-freio. Não resta duvida, desde que o objecto da sua jornada era, como tu dizes, ir a França, fizeram-n'a passar pelo ramal de Corvigny. Isto foi ha duas horas. Olha, ali vem o auto de volta, estou a ouvi-lo.

O desaparecimento da condessa Herminia era para Paulo uma nova decepção. Perguntou a Bernardo se não tinha visto mais nada.

— Não, nada mais.

— Não viste ninguém passar pelo jardim?

— Não. Os criados foram para a cama. As luzes estão apagadas.

— Todas as luzes?

— Excepto uma, alli, sobre as nossas cabeças.

A luz estava no primeiro andar, n'uma janella situada por cima d'aquella em que Paulo tinha observado a ccia do Principe Conrad.

— Aquella luz foi accesa enquanto eu estive na varanda? — perguntou Paulo.

— Sim, quasi no fim.

— Pelo que colijo, — murmurou Paulo, — aquelle deve ser o quarto do Principe Conrad. Elle está embriagado, e foi preciso leval-o para cima em braços.

— Sim, por essa ocasião eu vi algumas sombras, mas desde então, nada se move.

— Está dormindo o seu Champagne. Oh! se podessemos ver, se podessemos entrar no quarto!

— Isso é facil, — disse Bernardo.

— Como?

— Pelo outro quarto, que deve ser o quarto de vestir. Deixaram a janella aberta, naturalmente para lhe dar ar.

— Mas eu precisava uma escada de mão.

— Ha uma encostada á parede

da cocheira; queres que a vá buscar?

— Sim! — disse Paulo anciosamente. — Avia-te!

Todo um novo plano estava tomando vulto no seu pensamento; semelhante em tudo ao primeiro plano de campanha, e que provavelmente, segundo pensava, lhe daria um resultado plenamente favorável.

Certificou-se de que as proximidades da casa, de um e outro lado, estavam desertas e que os soldados de guarda se tinham afastado da porta da frente. Então, quando Bernardo voltou, collocou a escada em posição, encostada á parede. Depois subiram.

Como elles suppunham, a janella aberta pertencia ao quarto de vestir, e pela porta entreaberta podia-se ver a cama. Nenhum ruido vinha do quarto, senão um resonar estrondoso. Paulo espreitou pela greta da porta.

O Principe Conrad, ainda fardado, dormia atravessado na cama como um boneco articulado. O seu somno era tão profundo, que Paulo pôde examinar o quarto á sua vontade. Havia uma ante-camara entre o quarto e o corredor, com uma porta em cada extremidade. Paulo fechou as duas á chave, e assim ficaram sós com o Principe Conrad, sendo impossivel serem presentidos do lado de fora.

— Vamos! — disse Paulo, depois de terem entre si repartido o trabalho a fazer.

Collocou uma toalha torcida sobre o rosto do Principe e tentou metter-lhe as pontas na booca, enquanto Bernardo lhe amarrava os pulsos e os tornozellos com outras toalhas. Tudo isto foi feito em silencio. O Principe não offerecera a menor resistencia, nem soltara um grito. Tinha aberto os olhos e fixava os seus aggressores com o ar de um homem que não comprehende o que lhe está acontecendo.

Paulo conseguiu, por fim, metter-lhe metade da toalha na bocca. Ergueu-o e disse:

- Partamos.
- Que intentas fazer?
- Leval-o.
- Para onde?
- Para França.
- Para França?
- Pois então! Temol-o em nosso poder. Terá de nos ajudar.
- Não o deixarão passar.
- E o tunel?
- Não se póde contar com elle. Vigiam-n'o agora com muito cuidado.

— Veremos.

Tirou o revolver e apontou-o ao Principe.

— Preste-me attenção, — lhe disse Paulo. — A sua cabeça está

muito pesada para comprehender as minhas perguntas, mas um revolver é coisa facil de entender, não é? Fala uma linguagem clara, mesmo para um homem embriagado e que está a tremer de medo. Pois muito bem, se não vem commigo muito quietinho, se pretender estrebuchar ou fazer barulho, se o meu amigo e eu estivermos em perigo, um só momento que seja, o senhor é um homem morto. Sente o cano do meu revolver na sua fonte? Pois bem, ha aqui uma bala para os seus miolos. Aceita as minhas condições?

O Principe acenou affirmativamente com a cabeça.

— Bem! — disse Paulo. — Bernardo, desata-lhe as pernas, mas prende-lhe os braços ao longo do corpo. E' isso mesmo. E agora partamos.

A descida pela escada foi facil. Atravessaram as moitas que ficavam em frente e que separavam o jardim do pateo onde eram as barracas. Aqui passaram o Principe de mão para mão como uma trouxa, e depois, tomando o mesmo caminho por onde tinham vindo, encaminharam-se para as pedreiras.

A noite estava bastante clara e permittia-lhes ver o caminho, e, além d'isso, tinham na sua frente um clarão diffuso, que parecia vir da casa da guarda, á entrada do tunel. Com effeito, alli, todas as luzes estavam accesas, e viam-se os homens, fóra da sombra, bebendo café. Um soldado, com a carabina ao hombro, passeava em frente do tunel.

— Nós somos dois, — segredou Bernardo. — Alli estão seis; e ao primeiro tiro reunir-se-hão algumas centenas de "boches", que estão aquartelados a cinco minutos d'aqui. As forças são deseguaes; que é que dizes?

O que ainda mais augmentava a difficuldade, a ponto de a tornar insuperavel, era não serem realmente dois, mas tres, e que o seu prisioneiro os embaraçava horivelmente. Com elle era impossivel apressarem-se ou fugirem. Tinham que inventar um estratagemma que os ajudasse.

Lenta e cautelosamente, deslissavam ao longo do caminho, de maneira que nem uma pedra rolava debaixo dos seus pés ou dos do prisioneiro e descreveram um circulo, rodeando o espaço illuminado, que os trouxe, no fim de uma hora, junto do tunel.

— Fica aqui, — disse Paulo a Bernardo, em voz muito baixa, mas de modo que o Principe o podesse ouvir. — Fica onde estás e lembra-te das minhas instrucções. Primeiro que tudo, toma conta do Principe, com o revolver

na tua mão direita e segura-lhe a gola com a esquerda. Se lutar, faz-lhe saltar os miolos. Seria para nós um mau negocio, mas peor seria para elle. Eu volto para traz, a uma certa distancia da sombra, e despertarei a attenção dos cinco homens da guarda. Então a sentinella lá de baixo virá juntar-se aos mais, n'este caso, tu vaes seguindo com o Principe, ou então a sentinella obedece ás ordens e fica no seu posto. N'este caso, tu fazes fogo sobre ella e segues com o prisioneiro.

— Sim, eu irei, mas os "boches" irão atraz de mim e apanhar-nos-hão.

— Não, não irão.

— Se te parece que será assim...

— Muito bem, estamos entendidos!

E dirigindo-se ao Principe:

— E o senhor comprehendeu? Submissão absoluta, senão, o menor descuido, o menor engano, pode custar-lhe a vida.

Bernardo segredou ao ouvido de seu cunhado:

— Eu apanhei uma corda; vou atar-lh'a ao pescoço e se elle quizer fazer-se fino, sentirá um bom esticão que o chamará á realidade das coisas. Somente, Paulo, previno-te que se pensar em lutar, sou incapaz de o matar assim a sangue-frio.

— Não te preocupes. Está com muito medo para reagir. Vae comtigo até ao fim do tunel como um carneiro. Assim que lá chegares, fecha-o em qualquer canto do castello, mas não digas a ninguém quem é.

Paulo retirou-se.

Esta ultima tentativa só poderia ser bem succedida á força de audacia, e devia ser executada por um homem resolvido a tudo. Mais dez minutos e, ou elle seria victorioso, ou seria um homem morto.

Fazendo varios rodeios, alcançou a estrada de comunicação entre as pedreiras e o aquartelamento. Em uma das ultimas barreiras, os seus pés tropeçaram em um bloco de pedra solta, que se desmoronou. Abaixando-se e tateando com as mãos, percebeu que este bloco era formado de uma massa de areia e seixos.

— E' isto mesmo que eu precisava, — disse elle.

E dando naquella massa um formidavel pontapé, atirou com tudo para o caminho, com o estrondo de uma avalanche.

Paulo saltou para o meio das pedras, deitou-se de bruços e começou a gritar por soccorro, como se tivesse sido victima de um accidente.

(Conitínua)

O NOVO E SENSACIONAL CONCURSO DA "REVISTA DA SEMANA"

Primeiro premio

UM RICO "SAUTOIR" COM 755 PEROLAS

com um fecho artístico ornado com dois brilhantes e uma perola

Bellissima joia no valor de 5:000\$000

adquirida na conceituada joalheria OSCAR MACHADO, da rua do Ouvidor, onde se acha exposta para ser devidamente apreciada pelo publico.

Segundo premio

Uma rica e artistica Cruz e collar de platina, com 16 bellissimos e escolhidos brilhantes e 41 diamantes DO VALOR DE 1:500\$000 adquirida na afamada Casa Adamo, da rua do Ouvidor, onde se acha exposta.

Além dos dois ricos premios que nesta pagina mencionamos distribuiremos mais 50 premios de consolação

PARA UM NUMERO BASTAM 15 «COUPONS»

CORTAR E COLLECIONAR OS «COUPONS» — Os coupons, em numero de 15, devem ser collados n'um pedaço de papel com a indicação do nome e morada do colleccionador. Estas colleções de coupons só serão trocadas pelos respectivos numeros quando se annunciar.

A seriedade com que são feitos os concursos da Revista da Semana conquistou a confiança de todos os seus leitores, que comprehendem o desejo sincero que temos de os associar á nossa prosperidade contemplando-os com premios de valor incontestavel. O publico que lê a Revista viu a correção inexcédível com que foi feito o sorteio do bello collar de brilhantes e o mesmo verificou com o do automovel e verificará com todos os demais que fizcemos.



SER BELLA

CREME DE BELLEZA «ORIENTAL»

unico sem rival, para manter a epiderme em perfeito estado de hygiene e belleza pelas suas qualidades emolientes e refrigerantes, embranquece e assetina a cutis, dando-lhe a transparencia da juventude. Não é gorduroso, é o melhor para maçagens e faz adherir o pó de arroz, tornando-o completamente invisivel.



Vidro 3\$000, pelo Correio 3\$500

Vende-se nas perfumarias e pharmacias do Rio e das principaes cidades dos Estados.

Deposito: — Perfumaria Lopes

URUGUAYANA, 44 — RIO

MEDIANTE UM SELLO DE 100 RÉIS, ENVIAMOS O CATALOGO DE «CONSELHOS DE BELLEZA» A' venda no Estado do Rio Grande do Sul nas seguintes casas:

Porto Alegre, «Casa Brito»; Pelotas, «Parc Royal»; Rio Grande, «A Gaucha»; Bagé, «Casa Caminha»; Santa Maria, «A Preferivel»; Joinville, João Pieper; Florianopolis, Antonio Joaquim Coelho, Oscar Lima Maya & Irmão; Estado de S. Catharina, E. Blum.

TONICO CAPINETTE

Fortalece a raiz do Cabello, evita a queda, elimina a caspa, dá brilho e conserva sua cor primitiva.

PREÇO-VIDRO - 4\$000

VENDE-SE NAS PERFUMARIAS E DROGARIAS

Em S. PAULO: CASA LEBRE E BARUEL & C^{ia}

Pequeno Anúncio e Informação Útil

Medicos

Molestias das crianças — DR. E. BANDEIRA DE MELLO. — Clinica exclusivamente de crianças. — Cons. rua da Assembléa, 43, ás 4 horas. Teleph. 5, Villa. — Só attende a doentes da sua especialidade.

Molestias das senhoras. Vias urinarias, partos, operações, tumores do ventre e dos seios — DR. DOMÉQUE DE BARROS, com longa pratica dos principaes hospitaes da Europa e ex-assistente dos professores Bumm, em Berlim, e Pozzi, de Paris — Cons.: Quitanda, 11, ás 3 horas. Res.: rua das Laranjeiras, n. 265. Telephone n. 5.872, Central.

Clinica de vias urinarias — DR. CARLOS NOVAES, membro da Associação Franceza de Urologia. Trat. da blenorragia aguda e chronica, estreitamentos e prostatites chronicas pelas correntes thermo-electricas. Cons.: rua da Carioca, 50, das 12 ás 17.

Molestias das senhoras — DR. OCTAVIO DE ANDRADE, com pratica dos hospitaes da Europa, evita a gravidez por indicação scientifica, sem prejudicar o organismo. Hemorrhagias, suspensão, etc. Residencia e cons.: rua Sete de Setembro, n. 186, sobrado, das 9 ás 11 e 1 ás 4. Telephone n. 1.591, Central. Consultas gratis.

Dr. A. Hygino Das Fac. de Paris e Rio. Laureado nos Hospitaes de Paris, Cirurgião do Hosp. da Misericórdia, Membro correspondente da Soc. de Sciencias Medicas de Lisboa, etc. Operações, Hernias, Vias urinarias, Hydrocelles, Molestias de Senhoras. Tumores dos seios e do ventre — Consultorio: rua S. José, 69, de 1 ás 3 — Res.: R. Conde de Bomfim, 835. Telephone 909, Villa

DR. ALBINO PACHECO

DOS HOSPITAES DE LISBOA
Doenças das senhoras, Partos,
Clinica Geral e Syphilis

Consulta das 9 ás 11 e das 3 ás 5
Rua 7 de Setembro, 117
(1.º ANDAR)
Telephone, Central 4494

PREÇO FIXO

**DROGAS E PRODUCTOS
PHARMACEUTICOS
DE
LEGITIMIDADE GARANTIDA**
RUA 1.ª DE MARÇO, 14, 16, 18
RUA VIS.ª DO RIO BRANCO, 31
LABORATORIO
RUA DO SENADO, 48

GRANADO & C.ª

Ao Moinho de Ouro
Café sem igual
Bonbons finos
2, RUA LUIZ DE CAMÕES, 2

"BENZOLIN"

Para o embelezamento do rosto e das mãos, refresca a pelle irritada pela navalha. Vidro 4\$000; pelo correio, 5\$000.

A venda em todas as Pharmacias, Drogarias e Perfumarias. Deposito
Perfumaria ORLANDO RANGEL

FABRICA DE PLACAS ESMALTADAS

Para nomenclatura de ruas — Numeração de predios e reclame



Fundição Indigena
Rio de Janeiro

VICTORY

Não é tintura

Recoloração verdadeiramente natural dos cabellos, sem que elles fiquem ou pareçam pintados. Supprime todas as tinturas e seus inconvenientes. Não tem nitrato de prata. UNICA no mundo que se usa com as proprias mãos, sem manchar ou sujar a pelle.

The Victory Hygiene of Hair

Americans and Products Chemists Co. — New-York
— Nas Principaes Perfumarias —

Entre rapazinhos.
— O meu pae é deputado e o teu o que é que faz?
— O que manda a minha mamãe.

Pó de Arroz DORA

Medicinal, adherente e perfumado.
Lata 2\$000
Pelo correio, 2\$500



ARTIGOS PARA MODISTAS
e todas as miudezas de armarinho PONTO Á JOUR
bordados, plissés — festonné, botões e passemanaria.

CASA RATTO

RUA GONÇALVES DIAS, 57
Telephone, 2118 — Central

VESTUARIOS PARA CRIANÇAS

TECIDOS TODOS OS GENEROS

Escala completa para as idades de: 3 a 12 annos

A maior variedade que é dado apresentar-se pode ser vista e admirada no

"O TOMBO DO RIO"

RUA URUGUAYANA, 3 @ ESQUINA DA RUA DA CARIOCA
PARADA DE BONDS

Vestuarios para preços de 4\$000 para cima

UM REMEDIO NOTAVEL!

UM REMEDIO ALIMENTO!



CADA VIDRO 5\$000

Pelo correio mais 2\$000

Sempre que tenham de tomar um tonico para fortificar o organismo, comprem o unico tonico recommendado, o unico preferido, que não irrita o estomago porque não tem alcool, o tonico

VITAMONAL

Do Dr. Mascarenhas

PODEROSO GERADOR DAS FORÇAS!

NOTAVEL GERADOR DA NUTRIÇÃO!

UMA COLHER DE SOPA DO **XAROPE VITAMONAL** alimenta mais do que **UM BIFE!**

Uma colher de sopa do **XAROPE VITAMONAL** alimenta tanto como **TRES OVOS!**

Uma colher de sopa do **XAROPE VITAMONAL** é um **ALIMENTO COMPLETO!**

Dá ás mães abundancia de leite!

A's senhoras anemicas, côres rosadas e lindas!

Desenvolve os seios ás senhoras!

Cura a pallidez! Cura a impotencia em menos de um mez.

Cura a neurasthenia.

Cura a chlorosis e anemia.

Cura o rachitismo e lymphatismo.

O Xarope Vitamonal não contém alcool e póde tomar-se em todos os climas e estações. Não tem dieta e póde tomar-se no trabalho.

O Xarope Vitamonal promove o appetite, melhora a digestão, augmenta a vitalidade do sangue, fortalece o coração, dá elasticidade ao systema nervoso, augmenta a resistencia do organismo e faz augmentar o peso.

E' TONICO DOS NERVOS!

E' TONICO DOS MUSCULOS!

E' TONICO DO CORAÇÃO!

E' TONICO DO CEREBRO!

Cura perturbações mentaes — Cura as cellulas cançadas — Cura palpitações do coração — Cura doenças do estomago.

Em poucos dias de uso de Xarope Vitamonal o doente physicamente abatido sente-se forte, com verdadeira disposição para trabalhar.

DEPOSITARIOS:

DROGARIA RODRIGUES

DE J. RODRIGUES & C.

59, Rua Gonçalves Dias, 59

AGENTES GERAES:

PHARMACIA CARIOCA

DE HUGO & C.

33, Rua da Carioca, 33



Má dentadura ? -- Má digestão

Certo como *deis e 10is* são *quatro*. A maioria das doenças do estomago são provenientes da má digestão.

Quando os dentes se arruinam e não se pode mastigar bem o alimento, a gente fica *avseptica* e sofre do estomago.

SOZODONT é a ultima palavra em descobertas scientificas. O liquido SOZODONT penetra as cavidades buccaes, limpa-as perfeitamente e ao mesmo tempo dá á bocca uma ineffavel sensação de frescor e perfume. A pasta SOZODONT é composta de melhores ingredientes do que qualquer preparado analogo; de sabor e cheiro agradaveis, possui qualidades hygienicas sufficientes para, de per si, conservar a dentadura sempre sã. Com o uso do SOZODONT liquido e creme combinado, senão SOZODONT liquido e pó se pode obter uma formosa dentadura e evitar o estrago e a carie prematura dos dentes.



FORÇA

SAÚDE

VIGOR



**VINHO RECONSTITUINTE
GRANADO**

Quinium, Carne, Lacto phosphato de cal,
Pepsina e Glycerina

TONICO E NUTRITIVO

NA TUBERCULOSE, ANEMIA,
FRAQUEZA, NEURASTHENIA, ETC.



Sabão Aristolino

para o banho e toucador

Sabão Aristolino

PARA A TOILETTE

dos homens, das senhoras e das
crianças

Evita os artificios que estragam a
Pelle e o Cabello

Não tome banho

Não lave a cabeça

Não lave o resto

SEM O

Sabão

Aristolino

A' venda em qualquer parte

PARA A
BELLEZA DA PELLE
USAE O
Sabão Aristolino



NOTAS DE REPORTAGEM

A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Sede Social: Avenida Rio Branco, 125
(EDIFÍCIO DE SUA PROPRIEDADE)

Aspecto do 40.º sorteio de tão acreditada Companhia, realizado no dia 15 do corrente mez, sob a presidência do Sr. Mattos Costa, nosso collega d'A Tribuna e com assistencia dos demais collegas da imprensa, vendo-se em pé o Sr. Luiz Loureiro, gerente e os Srs. Ernesto Penna, Affonso e J. Lara Fernandes, empregados de tão conceituada Companhia.

Publicamos em seguida a relação das apolices em dinheiro, em vida do segurado:

82.632 Francisco Durski da Silva, Prudentópolis, Paraná. 13.852 Francisco Macedo Couto, Quarahy, Rio Grande do Sul. 50.173 Demetrio Padilla, Manáos, Amazonas. 96.470 Emilio O. de S. Guimarães, Barra do Pirahy, Estado do Rio. 88.970 Dr. João Augusto Bezerra, Crato, Ceará. 95.661 Estevão Ribeiro da Cruz e esposa, S. Luiz, Maranhão. 17.271 Manoel J. da Silva Guimarães Junior, Recife, Pernambuco. 80.729 Alberto da Costa Neves, S. Salvador, Bahia. 95.695 Joaquim A. de Barros Penteado, Limeira, S. Paulo. 44.017 José Soares, S. José do Rio Pardo, S. Paulo. 97.100 Jorge Luiz Davis, Bello Horizonte, Minas. 96.983 Pedro Tostes, Juiz de Fôra, Minas. 16.409 José Antonio Pereira Chouzal, Capital Federal. 96.619 Franklin Ferreira de Sousa Ribeiro, Idem. 93.725 Mario Leite Borges,

Idem 96.345. Luiz Augusto Diniz Junqueira, Idem.

NOTA — O Sr. Francisco Macedo Couto, em 16 de Abril de 1906, teve sorteada a mesma apolice n. 13.852.

Tambem o Sr. Demetrio Padilla teve a mesma apolice n. 50.173 sorteada em 15 de Julho de 1914.

Igualmente o Sr. Manoel J. da Silva Guimarães Junior, pela 2.ª vez, teve sua apolice n. 17.271 sorteada; a 1.ª vez foi a 15 de Abril de 1906.

O Sr. Jorge Luiz Davis, pela 2.ª vez, recebe o premio do sorteio, a

1.ª vez foi a 15 de Abril de 1909, por sua apolice n. 80.419.

O sr. José Antonio Pereira Chouzal, com os 3 premios acima, tambem pela 2.ª vez teve sorteada sua apolice n. 16.409, tendo sido a 1.ª em 15 de Abril de 1908.

A EQUITATIVA tem sorteado, até esta data, 1026 apolices, no valor de 4.204.590\$000, importancia paga EM DINHEIRO, aos respectivos segurados, continuando as mesmas apolices em vigor, com direito aos sorteios ultteriores, de conformidade com as clausulas respectivas.



CASA BASTOS

ALTA NOVIDADE



Borzeguins pretos envernizados, atacador pelo lado de dentro..... 35\$000

O mesmo artigo em cromo amarello, preço..... 32\$000

Pelo correio mais Rs. 2\$000

Tel. 2616 C.
e 3302 C.

RUA URUGUAYANA, 19-22—RIO

Companhia Lacteinios de Juiz de Fora

Entrega a domicilio: Leite pasteurizado e homogenizado

LEITE MATERNISADO PARA AMAMENTAR CRIANÇAS
MANTEIGA IDEAL

Garante-se a pureza de todos os productos

Rua Visconde de Inhauma, 83

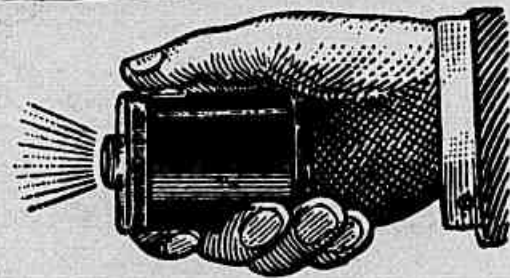
Telephone Norte, 1.891

Rua Barão de Mesquita, 340

Telephone 1514, Villa

GRATIS

10.000 MOÇAS
MOÇOS



podem FACILMENTE ganhar lindos premios fazendo propaganda da Revista Mensal "O ECHO". Peçam hoje descripção dos lindos objectos que offerecemos aos nossos correspondentes, enviando este annuncio pre-

gado a um bilhete postal com seu endereço exacto a Redacção da Revista Mensal

— "O ECHO" —

CAIXA POSTAL N. 398

— SÃO PAULO —



CASA COLOMBO

AVENIDA

E

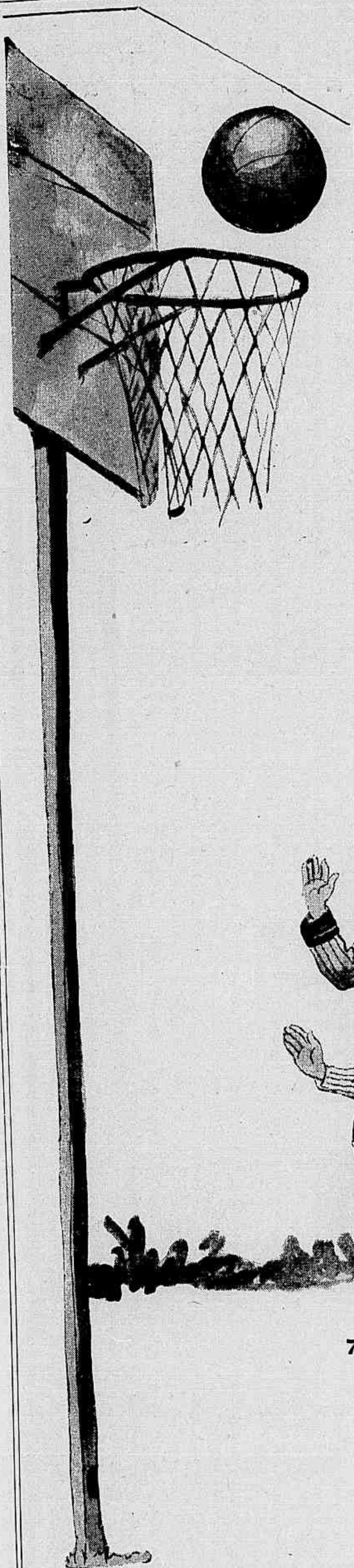
OUVIDOR

SECÇÃO

DE

MENINOS

ROUPAS PROPRIAS PARA
BASKET-BALL



- 7147 — Vestuario brim de côr listrado, com punhos, golla e cinto, azul-marinho ou azul-claro, a começar .. 78000
Sapatinhos verniz ou camurça branca a .. 78000
Meias d'algodão, compridas, inglesas, o par .. 48000
- 7148 — Vestuario brim de côr, fantasia, a começar .. 58000
Sapatinhos solado forte, a começar .. 108000
- 7149 — Vestuario brim branco "Americano" golla de brim azul-claro ou vermelho, a começar .. 58500

- 7150 — Vestuario brim branco liso com golla brim azul-claro ou azul-marinho e enfeite soutaxe, a começar .. 128000
Meias curtas de algodão, o par desde .. 18000
Sapatinhos em couro amarello, a começar .. 48500
- 7151 — Vestuario brim branco liso, com golla de fantasia, a começar .. 118500
Sapatinhos em couro amarello, a começar .. 98000

EM PLENA ESTAÇÃO

O Inverno firmou-se este anno de sorte a justificar em defeza da Saúde e do Conforto, a aquisição de toda a especie de Artigos
===== de Inverno =====

O nosso "stock", nessa classe de artigos, constantemente renovado pelas exportações da nossa casa de Paris com os ultimas modelos, as ultimas novidades, as ultimas criações, convertem n'uma completissima ency-
===== clopedia da Moda do dia as =====

GRANDES EXPOSIÇÕES DE INVERNO

DO

PARC ROYAL

REVISTA DA SEMANA

Premiada com Medalha de Ouro na Exposição de Turim de 1911

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Anno XVII — N. 24 — Rio de Janeiro, 22 de Julho de 1916

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: REVISTA — TELEPHONE: 3660, NORTE

Redacção e Administração

PRAÇA GONÇALVES DIAS, 12 — Rio de Janeiro

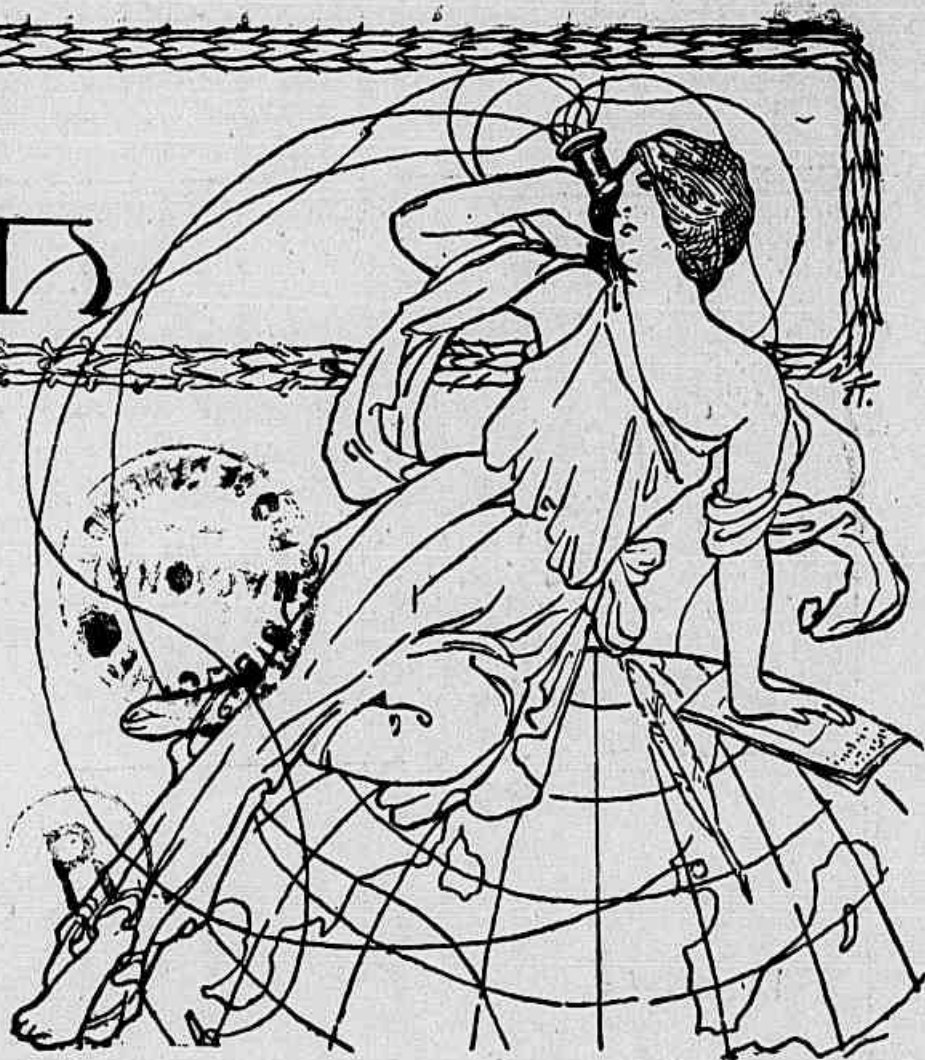
DIRECTOR — C. MALHEIRO DIAS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Por cada serie de 52 numeros (1 anno): 18\$000 — Estrangeiro: 50 francos

AVULSO 400 RÉIS

Correspondencia dirigida a ARTHUR BRANDÃO, DIRECTOR-GERENTE



BILHETE DE INVERNO

DECIDIDAMENTE rompemos. E' a terceira vez. Como levei agitado a noite, procurando nas gavetas para passar o tempo, pedaços de escriptos meus, encontrei a carta que te escrevi e não enviei por vergonha — quando foi do teu primeiro e inexplicavel abandono. Pobre carta! Desgraçada carta! Carta idiota!... As lettras parecem o arquejo dos soluços. Eu chorava sentindo o mundo irremediavelmente perdido.

Ora dessa carta para cá eu me fiz homem, sagrado pela dôr e pela desillusão. E deante della, agora que de novo me abandonas, vejo a tua fraqueza e a minha obra de proprio aperfeiçoamento.

Tu voltaste. Eu nunca mais te amei. Isto é — era capaz de morrer por ti, preferiria todos os desastres sobre mim a um leve aborrecimento teu. Como ainda agora. Mas estavam distantes, imensamente distantes. Como agora. E vendo-te todos os dias, ouvindo as tuas mentiras encantadoras, amava-te e sabia tudo que é nada: o deserto da separação das nossas almas.

Assim, desta vez, um pouco de enervamento proveniente de um habito de tortura indifferente de novo interrompido, e tambem uma satisfação de ave inutilmente livre — porque ninguem no mundo me prenderá jamais...

Vão lá comprehender o coração humano! O meu nada tem de extraordinario e por isso mesmo é interessante como exemplo. Que se procura no amor? A transfusão das almas? Não! Um accorde.

Um accorde apenas. Não havia necessidade alguma de me abandonares para renovar um accorde que nunca será tão delicioso como foi o nosso. Partiste como quem vae definitivamente para a China e eu tenho a certeza que tomaste um trem do suburbio.

Que se ha de fazer?

Por outras creaturas, antes de te encontrar, fiz loucuras. Por ti fiz tambem, como para nenhuma outra. Mas nada para apagar a emoção como a insistencia, a repetição. Os teus suspiros, os teus abraços, aquelle ar de fatalidade que emprestavas á tragedia — eram sinceros e davam-me a sensação do pathetico. Mas em amor repetir embota. Ficamos como os politicos, os jornalistas, os homens de negocio que não acreditam e não se ralam para não augmentar o dissabor da vida. Assim eu não acredito. Não acredito, desde a nossa separação. Em ti que eu sei estimar-me, como nos homens, nas amizades, nas influencias boas ou más. Abriram-se-me os olhos. Vi o egoismo universal, sentindo a dôr de um abandono sem razão alguma.

Não imaginas o sentimento frio e ausencia de entusiasmo com que, estando eu de atalaia, recebi o teu choque nullo, como nulos serão para o meu coração todos os horrores. Sentirei ainda? Talvez! Mas, como em aeroplano — a tres mil metros do solo, inatingivelmente. E — palavra! — com pena de não sentir como quando tu me demonstraste a inutilidade do amor, do sacrificio, da dedica-

ção, da fé a serio em alguma coisa...

O nosso velho Ruben Dário escreveu:

“Desventurado el que ha cogido
“tarde la flôr!

“Y ay de aquel que nunca ha sa-
[bido
“lo que és amor”.

Muito bem. Amor é a dôr, é o desgosto, é a miseria, é a transfiguração do homem numa superespecie: a que nunca mais poderá amar e diz com os seus botões:

—Porque perdi eu tanto tempo, em vez de ser logo como sou hoje, e por consecuencia acima de aborrecimentos?

Por isso se nos encontramos sejamos simples, camaradamente.

E' uma extravagancia recordar, ficar com as mãos geladas, a preocupação na face. Juro-te que cremos sentir, quando não passa de um gesto atavico de hypocrisia. Para que lembrar, quando nunca mais, nunca mais é possivel reviver o minuto que já vivemos? Basta ás vezes uma palavra para estabelecer esse nunca mais! O melhor para não soffrer é pensar para adeante. Vamos assim indo todos.

Com muita pena de não poder dar-te o prazer de me ver soffrer de novo cruelmente, e certo de que de novo sinceramente me deplorarias, cheio de affectos e de desillusões...

Jõe.



Ventoinha

A SRA. Ema deixa o Trianon? A sra. Ema faz a sua "tour-née" ao sul com o Duque, que patrioticamente se mostra por todo o Brasil? A sra. Ema estreia na opereta, desde que a sra. Cremilda estreia no drama?

A sra. Ema de Sousa, bonita, linda, falando inglez, falando francez, falando hespanhol, e italiano, e allemão, e até mesmo portuguez, continúa a ser uma creança. Ninguém sabe o que ella fará, o que ella não fará, sendo apenas possível saber que ella é capaz de fazer.

—Tudo depende do vento...

—E' a ventoinha encantada!

Estará hoje no Rio Grande do Sul? Amanhã é capaz de já ter chegado ao Amazonas.

E o diabo é que todos se interessam por Ema de Sousa, desejando que ella ficasse sempre na Avenida. Ema é uma das figuras do Rio.

*
**

Erudição de pauta

O DR. Nilo Peçanha, de bigode grisalho e "pince-nez", está ultimamente de uma severidade alarmante. Severidade magestosa de soberano, cuja preocupação unica é o Brasil. Está-se tornando celebre a maneira por que s. ex. recebe os jovens deputados pelos outros Estados.

—Ah! E' da Parahyba? Estado muito promissor. Vinte e cinco artigos na pauta!

—Bahia! Grande Estado! Ses-senta e nove artigos na pauta!

—Rio Grande! Que Estado! Quarenta artigos na pauta!

A maioria dos deputados não sabe bem a produção e a exportação dos respectivos Estados, de

modo que Nilo, o venerando, passa a ser um homem extraordinario, meditando e trabalhando pela salvação do Brasil com as pautas de côr...

Outro dia, porém, s. ex. repetia o motivo da pauta para um admirador.

—Mas v. ex. disse da outra vez que eram 23 artigos.

—Augmentaram, meu amigo. A gloria do Brasil neste momento melindroso está em augmentar os artigos da pauta.

*
**

"Talon rouge"

UM cavalheiro, cuja senhora é citada pelos jornaes, teve ha dias confidencias com um banqueiro muito seu amigo.

—A minha situação financeira é terrivel. Palavra! Estou sem nickel!

—Oh!

—Com a renda da casa em atraso, o verdureiro, só o verdureiro, credor de mais de um conto de réis. Francamente, lembro-me do suicidio. Só o suicidio poderia resolver isso.

—E porque não se suicida?

—Com as relações que eu não tenho com minha mulher? Julgariam o meu suicidio por amor, e seriam capazes de calumniar-me. Não, v. é nosso amigo e deve comprehender quanto eu sou "Talon rouge" nessas coisas...

*
**

Chegou Guitry

A CHEGADA de Guitry é definitivamente a grande nota sensacional da estação. Guitry, como os artistas francezes que realisaram "tournées" após a guerra,

participa do elevado heroismo capaz de espalhar a gloria de França, a gloria do seu espirito, no momento angustioso das luctas.

As "tournées" hoje não são apenas viagens de lucro; são obras de patriotismo. E Guitry, o illustre artista, viu bem como foi recebido: era á arte e ao homem que iam os enthusiasmos — ao homem que nos mostra a maravilha da civilização universal: — o Theatro Francez.

*
**

O senador

O SENADOR Lopes Gonçalves muito entendido no curso do rio Tapajóz, é um frequentador de theatro. Está toda a noite na Vitale.

— "Ah! la bella Italia!"

Está todo o dia nas companhias portuguezas.

— "P'ra aprendê a falá"... (explica).

Em virtude desse enthusiasmo tão abundantemente theatral, as senhoras mandaram-lhe um camarote para os festivaes de caridade no Municipal. E como elle, o senador, é só — mandaram o camarote I.

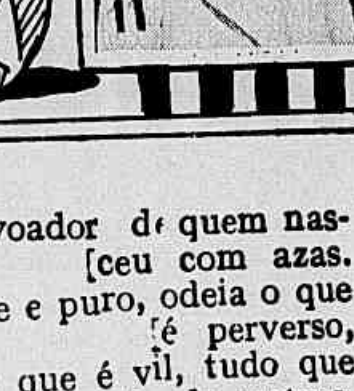
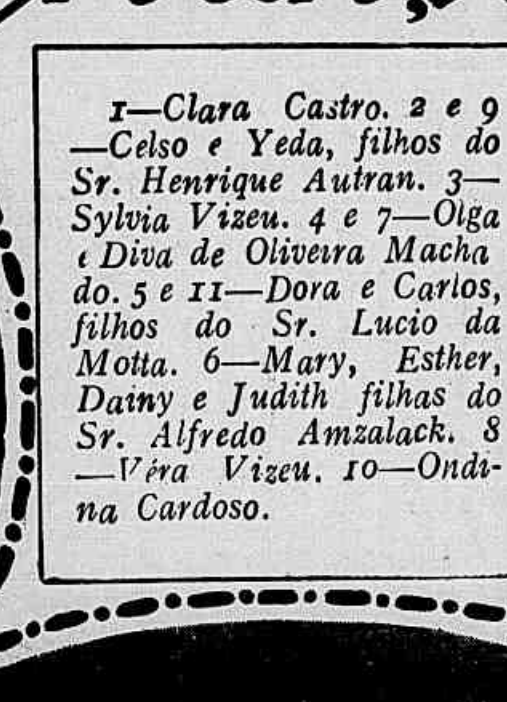
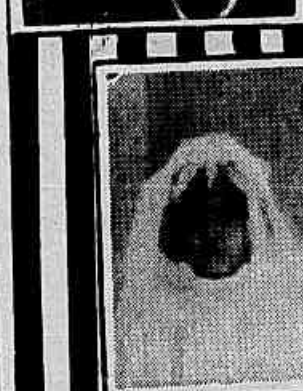
Lopes acceitou generoso. Mas de volta do theatro, na ceia, desdobrando sobre a pança um lençol que lhe serve de guardanapo, deu o desespero:

—Eu sou só, mas sou gordo, mas sou senador. Quasi não cabia naquelle quartinho!

Trata-se a toda pressa de consentir do dr. Wenceslau o camarote da presidencia para Lopes poder desdobrar a sua immensa e faladora gordura á vontade.

Crianças

1—Clara Castro. 2 e 9
—Celso e Yeda, filhos do
Sr. Henrique Autran. 3—
Sylvia Vizeu. 4 e 7—Olga
& Diva de Oliveira Macha
do. 5 e 11—Dora e Carlos,
filhos do Sr. Lucio da
Motta. 6—Mary, Esther,
Dainy e Judith filhas do
Sr. Alfredo Amzalack. 8
—Vera Vizeu. 10—Ondi-
na Cardoso.



A importancia

NINGUEM ignora que o senador Chico Salles é o grande fornecedor do mercado de Bello Horizonte. Só em couves e tomates rende-lhe a horta mais de dois contos por mez. Mas o senador tem tambem o desejo de ser considerado o unico fornecedor da politica. Elle é que resolve os casos todos...

Assim, quando a politica tem um momento complicado, Chico Salles annuncia que vem ao Rio, toma um leito em cima (para economisar 5\$000), dorme vestido, desembarca na Central, trata dos seus negocios particulares. E quando a politica mudou, torna a embarcar, e chega a Bello Horizonte como aquelle que tudo fez...

Isso a principio fulminava os mineiros.

—Que importancia a de nho Chico! E' mesmo quem manda no Brasil...

Mas houve quem desconfiasse, acompanhasse o senador e contas-se. De modo que hoje quando o dr. Salles annuncia que vem ao Rio, até as cosinheiras no mercado riem.

—Que importancia! Lá vae elle salvar o Brasil.

Soneto

Basta, crei na Belleza... Ama-a, no
[Kosmos, fora
de ti, e ama-a em 'mesmo E' a su-
[prema pesquisa!
Busca-a. Esculpe teu ser, juntando
[hora por hora,
mente que concebe o escopro que
[realisa.



Perguntas: — «Onde o metro, a nor-
[ma, a arte precisa
para rasgar no bloco a forma que se
[ignora?»
— Quem ao leão deu o ardor com que
[os desertos pisa?
E quem a aguia ensinou a ser do azul
[senhora?

Tens o instincto voador de quem nas-
[ceu com azas.
Ama o que é forte e puro, odeia o que
[é perverso,
o que é baixo, o que é vil, tudo que
[anda de rastros.

E põe-te em communhão, no amor
[em que te abrazas,
com a Belleza, esplendor da vida e
[do universo,
com a poesia, os heroes, os abismos
[e os astros.

AMADEU AMARAL.

S. Paulo, 1916.



Pecuaria

COMO ninguém ignora, o movi-
mento pela criação de gado é
colossal. Desde o dr. Venceslau
ao mais mais modesto ganhador
todos falam de bois.

Ora outro dia na casa de jan-
tar, hora do chá, de uma das mais
distintas senhoras da nossa alta
sociedade, as amigas da distincta
senhora notaram que a leiteira
era uma vaquinha em porcelana
de Saxe que (por não ter outro
meio de certo) deitava o leite pe-
la cauda.

— Mas é uma curiosidade! ex-
clamou uma das senhoras.

— Que se ha de fazer? fez a
dona da casa. Com os progressos
da pecuaria é isso que vocês es-
tão vendo!



A Europa devastada pela guerra

O TEMPO é o mais poderoso collaborador dos aliados. A phrase, tornada possível e posta em circulação depois da batalha do Marne, que inutilizou o plano da victoria allemã, adquiriu foros de axioma. Não é possível modificá-la. O grande estado-maior allemão, compenetrado desse truismo, deliberou reconstituir com o ataque a Verdun a sua concepção primitiva de uma guerra victoriosa, e talvez, embora com recrudescentes difficuldades, houvesse obtido o seu "desideratum", se a grande batalha inicial, aberta com os canhões no dia 21 de Fevereiro, tivesse atingido a perspectiva strategica da ruptura das linhas francezas antes da improvisação das novas linhas de obstaculos. A finalidade strategica da gigantesca operação de guerra, revestida de tão grandiosa ousadia, mallogrou-se. Ha quatro mezes que a batalha colossal se desenvolve, e se cada vez mais os allemães se approximam do objectivo e estavam já, no fim da semana passada, a menos de um kilometro do forte de Souville, não é menos verdade que, a não succederem acontecimentos absolutamente inesperados guiados pelo genio de um Napoleão germanico ainda inedito, a tomada de Verdun já não poderá annullar o aphorismo e já não permittirá aos exercitos do Kaiser o accesso de Paris.

Todavia muito se enganam aquelles que na actual offensiva

franco-anglo-russa pretendem já visionar o prologo da derrocada allemã e a entrada na phase do desequilibrio de forças. Por ora, ainda, a Allemanha ataca em Verdun e está em uma contra-offensiva activa nos outros palcos de batalha. O exemplo da resistencia de Verdun mostra-nos quanto será sobrehumanamente difficil aos aliados a reconquista dos territorios de que se apoderaram os seus adversarios e as perdas sangrentas que a offensiva lhes custará quando, convicta de não poder resolver a guerra

esse recurso supremo, mas a marcha de taes acontecimentos é extremamente lenta e enquanto elles se desenvolvem a Europa anemisa-se e definha, precipitando-se pela ruina economica na anarchia e na fallencia, ao passo que se desenvolvem e prosperam em face do seu declinio as potencias americana e asiatica. O tempo não combate apenas no terreno militar contra a Allemanha. A sua acção assoladora no campo economico estende-se a todas as nações envolvidas e empenhadas no conflicto portentoso. Quanto mais

este se dilata, mais alarmante se apresenta a situação do continente europeu, sangrado em todas as suas fontes de receita, diminuido na sua capacidade productiva. Os economistas, quer na Inglaterra—cuja hegemonia mundial depende quasi exclusivamente de factores economicos e financeiros,—quer na França, não occultando a sua inquietação. O governo francez já inaugurou mesmo, seguindo o exemplo das despoçadas nações americanas, o serviço de assalariados, fomentando a emigração de marroquinos, chinezes, e annamitas para os trabalhos agrarios, confessando implicitamente o exgottamento das suas reservas humanas. Assim, quando a Inglaterra annuncia altivamente que levará a guerra até ao fim nem que seja preciso estender desde o Somme ao mar do Norte uma linha ininterrupta de canhões, roda contra roda, ella ameaça o inimigo mas não pode estar convencida de obter

com esses sacrificios a almejada victoria decisiva, que se assemelharia a uma derrota financeira. O prolongamento indefinido da guerra é uma concepção inviavel, pois que muito antes de attingida a méta de uma victoria cathorica, o grupo adver-



A propaganda ingleza da guerra — Cartaz com a allegoria de S. Jorge combatendo o dragão germanico.

pelos lances da grande estrategia, a Allemanha se resignar ao papel defensivo em que a França se conservou durante mais de anno e meio, desafiando a potencia germanica. Certamente, os acontecimentos, na sua marcha fatal, conduzirão a Allemanha a

sario encetaria as negociações da paz ao encarar a perspectiva do revez.

O projecto macabro — como aliás toda a guerra em todos os seus pormenores aterradores, — de reduzir a Allemanha á capitulação pela fome, parece, ao que se deduz das declarações do ministro da Agricultura, barão von Schorlemer, não dará, pelo menos tão cedo, aos alliados, a solução ambicionada ao conflicto. As dificuldades com que luta o povo allemão são enormes, mas o genio de organização e o instincto de disciplina conseguiram o milagre de superar a catastrophe.

Os pacientes estudos que os physiologistas dedicaram nos ultimos tempos ao problema da alimentação haviam provado que a conservação da vida humana não exigia uma tão grande quantidade de alimento como o que se ingere normalmente. A redução dos alimentos não importa no deperecimento da especie. Assim é possível fazerem-se consideraveis economias na nutrição. A fome não existe na Allemanha, o que não quer dizer que a vida se não encontre seriamente dificultada na hora actual de provações que atravessam os Imperios Centraes. As noticias que nos chegam amiudadas vezes de movimentos de rebelião popular em varias regiões da Allemanha e da Austria não deve conduzir-nos ao precipitado convencimento de que as populações se preparam para um grande e generalizado movimento de reacção contra a guerra. São desabafos, apenas, de um mal estar que tão cedo não assumirá o character franco de uma revolta generalizada, sobretudo pelo que respeita a Allemanha. Nada nos auctorisa a pensar que o povo allemão, poupado até hoje nas suas propriedades e seus haveres por uma guerra que os exercitos do Imperio transportaram para os paizes inimigos, se mostrasse menos resignado perante a desgraça do que a França, a Belgica e a própria Russia. Contra o que geralmente se diz na

nossa imprensa, somos levados a concluir do estado actual da guerra que ella poderá rematar-se, mesmo com a victoria dos alliados, sem que os exercitos da coligação atravessem o Rheno. Em vista das despesas colossaes que a guerra está custando e que já se elevam para o conjuncto de potencias empenhadas no conflicto á somma fabulosa, nunca prevista, de cerca de 200 billões de francos, o problema militar toma cada vez mais a configuração de um duello de resistencia economica. E' certo que a iniciativa offensiva está-se transferindo para

as possibilidades da Russia para proseguir na offensiva inaugurada com grandes successos parciais na Bukovina e na Wolkynia, e que, a dar credito a um telegramma de Berlim, custou já aos exercitos do Czar a perda de 14.900 officiaes, entre os quaes 17 generaes e 29 commandantes de regimento, e 248.000 soldados.

Estes numeros inauditos servem apenas para provar o quanto esta guerra monstruosa consome de vidas. A' luz tragica das estatisticas do obituario da guerra visiona-se com lucidez a impossibilidade das offensivas latentes e ininterruptas. Esta guerra gigantesca está submettida a pausas, é uma guerra de rythmos, de fluxos e refluxos.

Um dos problemas que nesta hora mais interessam a attenção dos criticos militares é a arrojada experiencia allemã das viagens dos submarinos mercantes. O "Deustschland" regressará incolume ao seu ponto de partida? No caso em que essas carreiras de navegação, embora sujeitas a todas as contingencias da emboscada e do cerco, possam estabelecer viagens periodicas, a Allemanha terá obtido resolver uma das suas maiores difficuldades, que consiste em abastecer-se de algumas materias-primas indispensaveis, entre as quaes a borracha, e cuja falta se está já fazendo sentir de modo inquietador. A chimica encontrou a formula dos substitutos de algumas das materias primas imprescindiveis á in-

dustria tenebrosa da guerra, mas nem todos esses succedaneos correspondem na pratica ás necessidades industriaes. Evidentemente foi á procura de materias-primas que o "Deustschland" viajou de Bremen a Baltimore, cumprindo com surpreendente arrojo o seu itinerario pelo canal da Mancha.

A guerra attingiu um dos seus momentos paroxysmicos. Em todas as frentes o canhão trôa e os exercitos inglezes, francezes, italianos e russos atacam as linhas allemãs e austriacas, desde o Somme até ao Duena, desde a Picardia até á região de Riga.



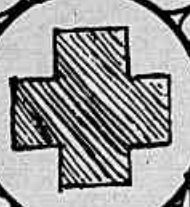
A Caminho da Victoria—Composição de Bernard Partridge no "Land and Water", allusiva á offensiva do exercito inglez.

os alliados, e que a Turquia, dilacerada por luctas intestinas, já pouco poderá fazer e difficilmente acompanhará os seus alliados até ao desenlace da pugna gigantesca. Mas não basta, para resolver a guerra, que a Allemanha perca gradualmente a iniciativa dos ataques, pois que na reconquista das centenas de milhares de kilometros quadrados de territorio que ella occupa nas duas frentes se consumirá o melhor dos recursos militares dos alliados. Os grandes embates empenhados na frente oriental ainda não se concluíram e ignoram-se

Red Cross Depot A Succursal de Petropolis.



Por iniciativa da graciosa Consulesa da Grã-Bretanha, Mrs. Drummond Hay, ha cinco mezes que se organisou no Rio uma secção da Cruz Vermelha com succursaes em Nictheroy, Santa Thereza e Petropolis, onde grupos de senhoras da colonia ingleza, auxilia- das por outras distinctas damas e de- moiselles, trabalham na confecção de bandagens e talas destinadas aos hos- pitaes militares de Inglaterra e de França. A Revista da Semana reúne nesta pagina alguns aspectos das labo- ricasas officinas da succursal do «Red Cross Depot», de Petropolis, onde mãos de anneis preparam para os heroes te- ridos da grande guerra telas e banda- gens.



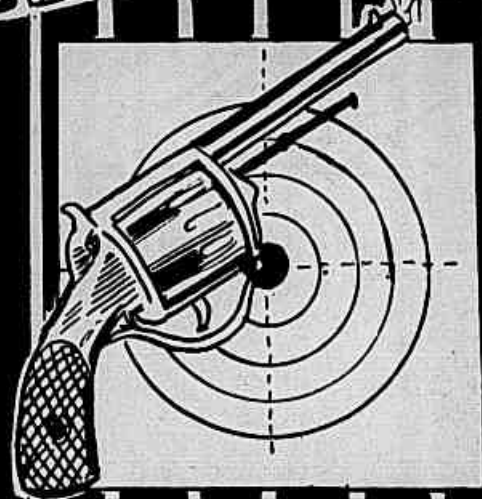
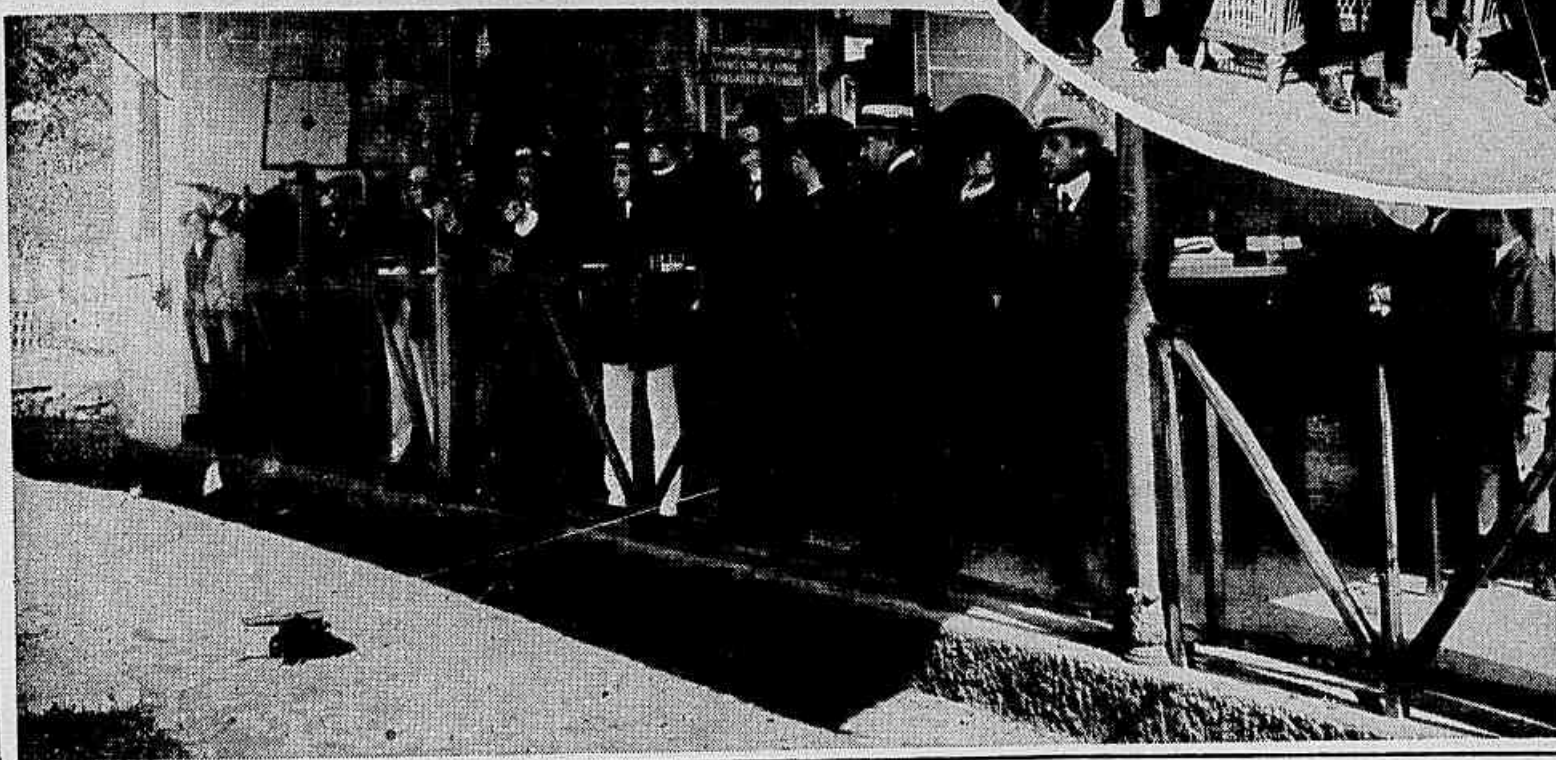
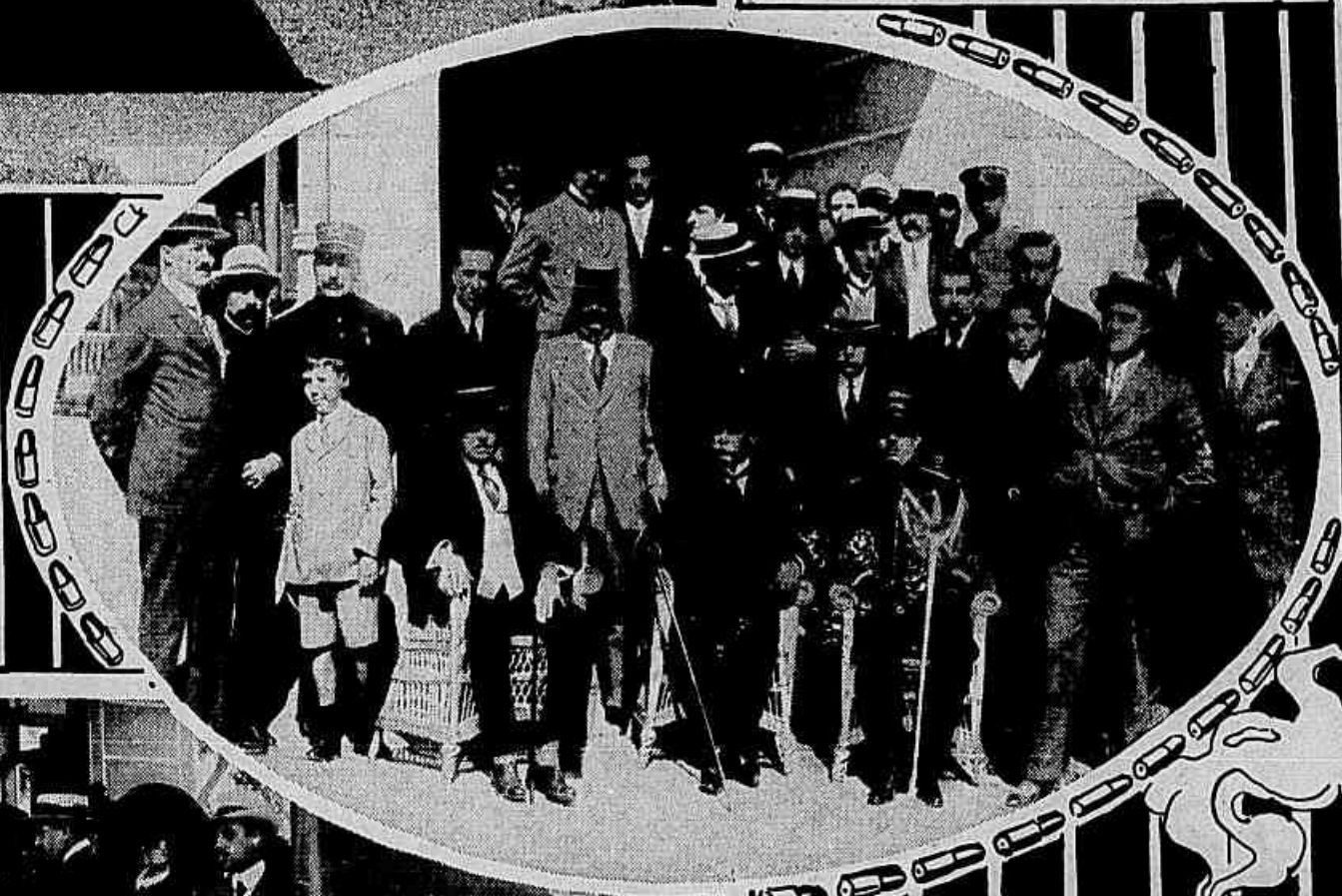
M. Swales e Mrs. Gray. 4 — Secção de Ta- las — Miss. A. Landsberg, Miss. A. Lauder, Mrs. Landsberg, Miss. I. Kendall, Miss H. Kendall, Miss Swales, Miss F. Hyde e Miss Lauder. 5 — Secção de Côte e de Engommar. Mrs. Landsberg, Miss May Swales e miss. Yvonne Landsberg.



1 — A distincta consulesa de Inglaterra, Mrs. Drummond Hay, presidente da Cruz Ver- melha Britannica, no Rio de Janeiro. 2 — He- lena Kendall, Grace Landsberg, Isabel Ken- dall, Lili Swales, Maria Kendall, E. Hyde, E. Wilmet, M. Lauder, E. Weber, Mrs. Swales, Landsberg, Allen, Willicms, Perkinsen, Cro- cker, Fickerdyke. Mrs. Gray, Anita Lauder, May Swales e Margaret Lauder. 3 — Ses- são de Pendgens — Miss. M. Lauder, Mrs. Swales, Mrs. Crocker, Miss. Weber, Mrs. Al- len, Mrs. Walment, Mrs. Bickerdyke, Miss

Campeonato DO Revolver-Club.

1 — O stand do «Revolver Club», que comemorou o segundo anniversario da sua fundação disputando entre os seus socios o Campeonato do Revolver-Club. 2 — Grupo de assistencia á festa, entre a qual se nota o sr. Almirante Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha. 3 — Alguns dos concorrentes ao Campeonato atirando aos alvos.



D. Gaby Coelho Netto

Passa no proximo dia 25 o anniversario natalicio da dedicada companheira do glorioso romancista, deputado Coelho Netto. Tanto pelas suas qualidades pessoas como pela sua situação social, D. Gaby Coelho Netto é uma das senhoras mais queridas na sociedade brasileira e não ha no mundo inquieto e volúvel das letras escriptor de nomeada que não deva ao lar acolhedor da rua do Roso, onde reina a bondade da esposa do grande mestre, horas de conforto affectuoso, cuja grata saudade o tempo não apaga.

A' illustre senhora a «Revista da Semana» apresenta as suas antecipadas felicitações

RIO ELEGANTE



Mme. Angela Vargas Barbosa Vianna sahindo da Associação dos Empregados no Commercio depois da brilhante audição de suas alumnas.

“A NOITE”

Completo no dia 18 cinco annos de existencia o popular vespertino, que todo o Rio lê e aprecia como um dos seus mais favoritos jornaes.

A Noite, habilmente dirigida e administrada, conseguiu em cinco annos ultrapassar em tiragem todos os jornaes do Brasil. Esse milagre merece bem as admirações de toda a grande familia jornalística e é com sincera sympathia que nos associamos ás felicitações endereçadas ao prospero jornal na data do seu anniversario.

Figuras & Factos



1 — Enlace Silveira Bergalho — Grupo tirado após a cerimonia do casamento de Mlle. Dulce da Silveira, filha da Exma. viuva Maria da Silveira, com o Dr. Raul Bergalho, medico legista da Policia. 2 — O acto civil. 3 — Helena Bastos Ribeiro da Silva, gentil filha do Dr. Orozimbo Ribeiro da Silva, estimado clinico em Barra Mansa, e Mlle. Dina Reis, filha do Snr. Vicente dos Reis, conceituado negociante naquella localidade. 4 — O academico Humberto Santiago (Paulo de Warjis) auctor dos trabalhos «Elogio da Dôr» e «Hecylus» que conquistaram o premio de honra no concurso litterario de 1915.



5 — Grupo de senhoritas que fizeram parte da Commissão das barracas «Beira-Alta» e «Beira-Baixa», na keimesse realisada em Manãos, em beneficio da Cruz Vermelha Portuguesa.

A Semana Elegante

A chronica habitual de «José A ton o José» neste numero é substituida pelo acto de graciosa «charge» que «João do Rio» escreveu para a recita de segunda-feira no Municipal, e que constitue uma verdadeira chronica dialogada. O exito obtido pela representação de «Um Chá das cinco» dá uma palpitante actualidade a esta elegante satyra que é um fogo de artifício de espirituosas ironias.

UM CHÁ DAS CINCO

ACTO CONTEMPORANEO

ACTO UNICO. — Salão que communica á direita com outro salão, onde ha rumor. Ao fundo, terraço sobre o jardim. Mobiliario um tanto «disparate», posto que summario. Ao levantar o panno já está cantando o fatal romance italiano uma voz qualquer. D. Maria e Pedro estão á porta do outro salão. O romance termina. Elles descem.

SCENA 1.^a — D. MARIA E PEDRO.

D. MARIA — Não me faça rir, Pedro!

PEDRO — E' tudo quanto ha de mais serio.

D. MARIA — Foi de repente?

PEDRO — Como todas as paixões. Via a Irene diariamente. Não tinha o menor sentimento. Achava-a apenas um pouco distante. De repente, uma noite—a chamma! E exquisita. Não penso senão nella com um infinito medo de dizer que a amo. Se ella recusar? Se disser que não? Até agora sei que não tem outro. Mas logo mais? Ella é tão sensível, tão radiosamente princeza...

D. MARIA — Felizmente ha para as mulheres um momento em que vocês lhes fazem justiça.

PEDRO — Qual?

D. MARIA — Antes do casamento. Também depois, nunca mais.

PEDRO — O facto é que este momento compensa em ancia, em sofrimento, em medo...

D. MARIA (interrompe). — Creio que V. não me vae repetir o que dizem todos os namorados, desde Adão?

PEDRO — Perdão. Desde Adão, não! Adão não disse nada. Pelo menos não consta.

D. MARIA — Com certeza porque não tinha a quem.

PEDRO — Ou porque não tivesse tempo. Eu, entretanto tenho medo do tempo enorme. Foi por isso que lhe pedi para a consultar.

D. MARIA — Bonito papel me reservou você!

PEDRO — D. Maria, eu fico tão sem coragem, eu sou tão timido..

D. MARIA — Como todo o homem superior.

PEDRO — Não diga brincando.

D. MARIA — Repito o que V. me disse hontem. E isso mesmo disse a Irene.

PEDRO — E que respondeu ella?

D. MARIA — Ella também é timida. E graças a Deus, mulher. Ficou muito seria.

PEDRO — E' bom signal?

D. MARIA — Sei lá! O certo é que respondeu: «Eu mesma responderei ao sr. Pedro, amanhã no chá».

PEDRO — Responderá sim?

D. MARIA — Ignoro. Afinal V., no seculo do tango e da batalha de Verdun, é espantoso. Mandar pedir licença para declarar uma paixão! Ou uma ingenuidade que eu não lhe conheço...

PEDRO — Obrigado!

D. MARIA — Não ha de que! Ou uma grande labia — a batalha de trincheira. (Rindo.) Vae-se dar o combate. Ella não tarda. Talvez demore um pouco por estrategia. O terreno é o meu chá...

PEDRO — O seu chá é a muralha da China do meu amor!

D. MARIA — Muralha de fumaça perfumada. Olhe, divirta-se esperando. Tome chá.

PEDRO — Não posso. O amor transforma. Desde que amo, acho todos esses chás horribes.

D. MARIA — Você? Francamente! Pois ouça aquelles que o chá conserva.

PEDRO — As futeis figuras de chá...

D. MARIA — Que são a vida quando não ha amor...

SCENA 2.^a — OS MESMOS, ALBERTINA E MARGARIDA

ALBERTINA — Boa tarde.

MARGARIDA — Good evening!

D. MARIA — Sabem que o Pedro está atacando os five-o'clocks?

ALBERTINA — O Pedro ha tempo que não sabe o que diz.

PEDRO — Merci!

MARGARIDA — That's all right.

PEDRO — That's all right o que?

MARGARIDA — Yes. It's impossible. Encontra-se você em todos os chás.

PEDRO — Por motivo superior...

ALBERTINA — O super-homem aborrecido!

D. MARIA — Sub, sub-homem. Trata-se do amor.

PEDRO — Não me traia, D. Maria.

MARGARIDA — Poeta!

PEDRO — Como pilheria não acho graça.

SCENA 3.^a — OS MESMOS, CESAR E FLORA, (QUE VEEM DE DENTRO)

ALBERTINA — O verdadeiro amor eil-o.

FLORA — E' connosco isso? Mas que mania!

CESAR — Não ha meio de se conformarem com a nossa camaradagem.

MARGARIDA — E' camaradagem para o futuro.

D. MARIA — Acaba em casamento. Camaradagem para o augmento da população.

CESAR (a Flora, sceptico) — Que se ha de fazer?

FLORA — Eu já lhes disse uma porção de vezes que tomei o Cesar para meu par porque com elle estou tranquilla, certa de não ouvir tolices.

CESAR — Apoiado.

ALBERTINA — Porque?

FLORA — Porque é um sportsman, um homem forte. Antigamente tinha muito medo dos rapazes que jogam o foot-ball, o tennis, a malha, o remo, a natação. Que brutamontes!

CESAR — Estava errada.

FLORA — Estava sim. Uma vez, a bordo jogavam a malha varias pessoas. Havia um desses rapazes fortes, grande, que usava o relógio no pulso. Era de tarde. De repente vi que estava só com elle. Olhei-o, tive um susto exquisito: pensei que elle vinha agarrar-me, a cabeça andou á roda. Cahi desmaiada.

MARGARIDA — Coitada!

FLORA — Quando vim a mim, entretanto, elle dava-me a cheirar um frasco de saes, com todo o respeito. Depois cumprimentou e afastou-se. Desde então prefiro o genero forte. Porque eu não quero casar-me e quero divertir-me.

ALBERTINA (assustada) — Mudemos de assumpto! Vem ahi a terrível mme. Bastos!

SCENA 4.^a — OS MESMOS E MME. BASTOS

MME. BASTOS (effusiva) — Boa tarde! Meu bem, como vae? Grande ingrato! Não se incomodem!

TODOS (exaggero amavel e prudente) — Mme. Bastos! D. Rosinha!

MME. BASTOS — Não podia falar ao seu chá. Você tem tanto gosto, recebe pessoas tão distinctas!

(Senta-se no silencio expectante) Pois eu venho da casa dos FONSECAS. Também muito boa gente. A velha Fonseca — sim, por que ella é velha!

PEDRO — Claro! Velhissima...

MME. BASTOS — A velha Fonseca é que é um pouco arrevesada quando está com enxaqueca.

CESAR — E ella está sempre com enxaqueca.

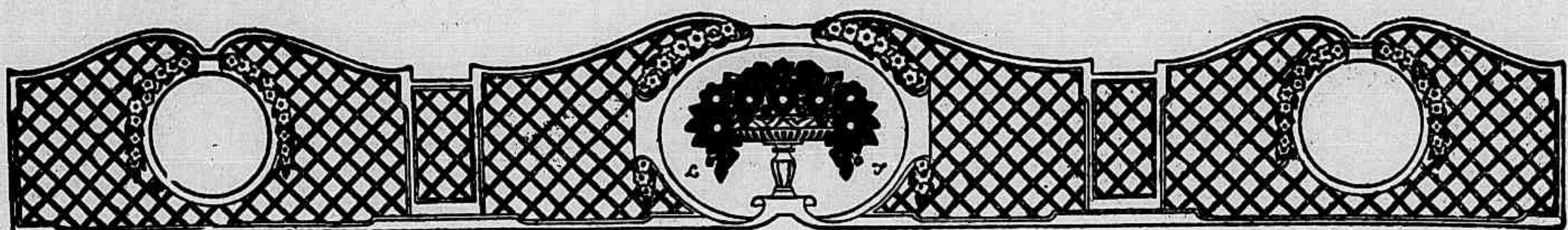
MME. BASTOS — Ainda bem que V. a conhece! Tirando isso, distinctissima.

D. MARIA — Pois não!

MME. BASTOS — O que eu acho graça é a Rosalia a falar de toda a gente, sem lembrar o tio.

PEDRO — Um homem serio, digno...

MME. BASTOS — Que infelizmente



coitado! esteve muito complicado nos negocios do banco... Enfim, estava lá D. Zulmira Guedes. Vae casar uma das filhas, participou-me. E' a Clara. Deu-se até um equívoco.

PEDRO — Com a Clara?

MME. BASTOS — Não, com nigo. Eu pensei que era um rapaz baixo, gordo, do inverno passado. E não era. E' um alto, magro, do Ministerio do Exterior. O gordo baixo casa com a Rosalia. Enfim, casamento e mortalha...

CESAR — Esta senhora é insuportavel!

FLORA — Não nos afastemos. Ella falaria de nós.

SCENA 5.^a—OS MESMOS E O MINISTRO TROMISKROFF.

O ministro tem o sutaque carregado. Anda aos saltinhos, trata todos por você. Pedro vae até á janella. A cantora começa a cantar dentro.

TROMISKROFF.—Senhora D. Maria de Guimarães como vae você? *(Beija a mão e corre as pessoas presentes com o mesmo gesto, dizendo alto:)* — Você? Você? Você? Você?

MARGARIDA — So, so. And you?

TROMISKROFF — Very well! Tank's. E você? E você?

MME. BASTOS — Que confiança a deste homem!

D. MARIA — E' a diplomacia cor-deal.

TROMISKROFF — Está um dia muito bonito. Bello cantor! Bonita musica! muito bonita musica!

FLORA — E' verdade; estão cantando.

ALBERTINA — O canto aqui é acompanhamento.

MARGARIDA — Ninguém ouve.

TROMISKROFF — Perdão. Eu ouço.. Gosto muito de musica mas sem canto. Musica foi feita p'ra dansar.

D. MARIA — Mas é um trecho lyrico!

TROMISKROFF — Agora todos os trechos lyricos são dansados. Bella musica! Bello cantor! Tudo muito bonito! Não apparecerá o photographo?

MARGARIDA — Que photographo, ministro?

TROMISKROFF — O que vem tirar grupos para os jornaes. Eu saio sempre de olhos arregalados...

MME. BASTOS — Olho arregalado só mesmo em photographia...

TROMISKROFF — Tudo muito bonito! Sra. D. Maria parece cada vez mais perfeita.

D. MARIA — Obrigada, Tromiskroff.

TROMISKROFF — Eu estou velho. Fico triste. Somos quasi da mesma idade. Que idade tem mesmo?

FLORA — Oh!

MME. BASTOS — Não pergunte, ministro. Todos nós somos mais velhas...

TROMISKROFF — Não duvido quanto a mme. Bastos!

MARGARIDA — Gaffeur!

ALBERTINA — Toma!

MME. BASTOS *(querendo ser fina)* — Eu sou como a educação.

TROMISKROFF *(sem ouvir)* — Também muito conservada...

MME. BASTOS *(furiosa)* — Se me desse um refresco, Pedro?

PEDRO — Minha senhora!

TROMISKROFF — Muita honra em conduzi-la ao buffet. Também estou com muita sede!

MME. BASTOS — O senhor é a gentileza em pessoa!

TROMISKROFF — Não duvido. Mme. Bastos muito veneravel. *(E como o cantor continúa, sahindo os dois)* — Bello cantor. Cada vez ha mais cantores!

D. MARIA — Coitada de mme. Bastos!

FLORA *(a Cesar)* — Vamos vel-os?

CESAR — Mme. Bastos morre hoje... *(Saem os dois.)*

ALBERTINA — Bem feito! E' para pagar o que ella fala dos outros.

MARGARIDA — Nem por isso ella falará menos...

PEDRO *(voltando do terraço)* — D. D. Maria, se ella não vier?

D. MARIA — Talvez não venha.

PEDRO — Não me diga isso.

D. MARIA — Você não é gentil. Até parece que não aprecia o meu chá.

PEDRO — O melhor do seu chá seria Irene...

D. MARIA — Literalmente pateta!

SCENA 6.^a—OS MESMOS E CLODOMIRO D'ALBA.

(Literato de salão. Bem vestido. Exagero. Sempre agitado, como quem tem pressa).

CLODOMIRO — Deposito aos pés de V. Ex. as flores do meu respeito.. Minhas senhoras. *(Vendo Pedro longe, diz-lhe adeus com dois dedos de longe)* Pedro!

PEDRO — Pedante!

D. MARIA — Mau. Pensei que não vinha...

CLODOMIRO — Tudo, menos perder um chá de V. Ex. O seu salão é o ultimo salão onde se conversa...

ALBERTINA — O ultimo ou o primeiro?

CLODOMIRO — O ultimo porque o primeiro. Mas V. Ex. não poderá imaginar o que me custou para este instante precioso. Com licença! *(Vae até o terraço, espia.)* Estou á espera do automovel que me prometeu o ministro do Japão, para assistir a um chá á moda de Tokio. Será o quinto chá desta tarde...

PEDRO — Deve ter bebido chá, você!

CLODOMIRO — Desde pequeno. Também não me sobra o tempo para outra coisa. Hoje, por exemplo, five-o'clock, ás quatro horas, na casa das Motta. Fui, saudei, fugi... As quatro e meia chá chez mlles. Pereira. Fui, saudei, fugi. As 4 3/4, chá do Proença.

MARGARIDA — Foi, saudou, fugiu...

CLODOMIRO — Exactamente. A's 5 horas chá na casa do Gomide que se lembrou de morar no Ipanema. Cróyez-vous? O Deserto!

ALBERTINA — Foi, saudou...

CLODOMIRO — Como não havia ninguém, mme. Gomide prendeu-me dez minutos.

PEDRO — A' espera que o chá ficasse prompto?

CLODOMIRO — A' espera dos outros. Foi trabalho conseguir vir até aqui

para estar sem falta... Que horas são?

D. MARIA — Quasi seis horas!

CLODOMIRO — A's cinco em ponto no chá do Japão! Com licença... *(Vae até ao terraço)* A ver se vejo o automovel...

D. MARIA — E' uma vida penosa a de mundano jornalista.

CLODOMIRO — Que se ha de fazer, se são raros os jornalistas mundanos? Precisamos animar as tentativas da civilização! Está com um lindo vestido, Albertina. E' de gabardine? Ainda não comprehendi a gabardine.

D. MARIA — Pedro, o dr. Clodomi-ro é que deve queixar-se dos chás.

PEDRO — Pois sim!

CLODOMIRO — Ao contrario. O chá é a craveira da nossa vida. E' a entrada da Inglaterra nos nossos costumes, que aliás foram sempre adoraveis. Antigamente, vossencias de certo não eram nascidas...

MARGARIDA — Este é gentil.

ALBERTINA — Mme. Bastos gostaria de ouvir-o...

CLODOMIRO — Antigamente o chá servia-se á noite com torradas. Patriarchal. Dormitivo. Chá burguez, chá incrível, chá... chá...!

PEDRO — Intragavel!

CLODOMIRO — Mas tempo depois tivemos o chá ao almoço, digestivo, depois dos ovos. Influencia positiva da Inglaterra atravez da India. Chá governador, chá hygienico, chá de garfo, chá...

MARGARIDA — Chá tee!

CLODOMIRO — Perfeitamente. Chá tee! Por fim, agora, apothese: chá pretexto para a reunião, elegancia, Londres atravez de Paris — chá obrigação mundana. Não faz dormir.

PEDRO — Antes pelo contrario.

CLODOMIRO — Não ajuda a digestão.

ALBERTINA — Não se toma.

CLODOMIRO — Não é chá chá, não é chá tee — é chá thé.

MARGARIDA — Tango!

D. MARIA — Pelo amor de Deus, não lembrem o tango!

CLODOMIRO — Diz muito bem: Thé tango! O chá polvilhado da melhor prata, a Argentina...

PEDRO — Eu prefiro a prata da casa.

CLODOMIRO — O maxixe?

D. MARIA — Que pandemonio!

SCENA 7.^a—OS MESMOS, MME. DE ROCHA, PAULO, A JOVEN POETISA ADRIANA DA GAMA, LUZ DE LUCAS, DA LEGAÇÃO DE NICARAGUA. CLODOMIRO FOI AO TERRAÇO

PEDRO — Esta immensa futilidade! Como o amor transforma! Estou aqui como num deserto á espera da estrella.

D. MARIA — Rei Mago! *(Precipita-se)*. Minha querida.

MME. DE ROCHA — Ma très-chère! *(A Margarida)* Marguett!

MARGUETT *(effusão)* — Sweet love! *(Beijando-a)*. Well! Well! Well!

PEDRO — Por que diabo fala inglez a Margarida?

ALBERTINA — Ella fala sempre inglez quando está commovida. Você sabe muito bem...

MME. DE ROCHA — Darling! Bonjour, Pedró.

PEDRO — Boa tarde.
ALBERTINA (a Adriana). — A linda Musa como vae?

LUZ — Con estos poetas hay siempre mucha melancolia...

CLDOMIRO (voltando do terraço) — E o maldito automovel que não vem... Oh! mme. de Rocha... Mais quel éblouissement! Encantadora! Luz!

LUZ — Clodomiro, mira que estas mucho francés.

CLDOMIRO (superior) — Que se ha de fazer, dona Luz? Todos nós temos que falar francez. E' o protocolo.

LUZ — Ya lo creo, hombre. Pero és un costumbre que me fatiga. En mi tierra el protocolo és independente.

D. MARIA — Cada um fala a lingua que póde. Não acha, Paulo?

PAULO — A este proposito lembra-me o caso de um matuto pernóstico com um coronel que sabia falar.

PEDRO — Temos anecdota!

PAULO — O matuto descrevia uma caçada. Chega a um ponto e disse: «Nisso passou de corrida um largato». «Lagarto!» interrompeu o coronel. O matuto coçou a cabeça, humilhado. Mas não querendo confessar o erro, tornou com a voz suave: «nisso passou de corrida um largato que...» «Lagarto!» berrou o coronel furioso. O matuto coçou-se de novo sem coragem mas murmurou: «nisso passou de corrida um bicho, tão depressinha que eu até agora não sei bem se foi lagarto ou largato!» (Todos riem). Por mais que façamos havemos de dar dois nomes para cada bicho, um em portuguez e outro na lingua da moda.

MME. DE ROCHA — Você não tem graça nenhuma.

PAULO — Nem quero.

CLDOMIRO (invencível) — Como eu dizia ainda ha pouco: o salão de D. Maria c'est le dernier salon où l'on cause...

Que espirito esparso no ar! Que sensualidade espiritual!

MARGARIDA — Whi?

PEDRO — E nesta linguagem tricolor que significa a lingua da Marguett?

D. MARIA — O inglez que poucos falam.

PAULO — Positivamente a libra esterlina!

MME. DE ROCHA — Este largato está hoje impossivel!

CLDOMIRO — O espirito de Mme. de Rocha! Ainda outro dia eu dizia no meu jornal que nem Rivarol tinha o à propos das suas reparties!

LUZ — Muy bien.

PEDRO — E dizer que eu já gozei nesta frivolidade, Amor, transformador!...

PAULO — A proposito de reparties sei uma anecdota.

ALBERTINA — Não, chega!

LUZ — Pára con las anecdotas.

TODOS — Basta! Basta!

MME. DE ROCHA — Certamente vocês ignoram, vendo a Adriana tão quieta, a transformação que ella ousou nos recitativos.

CLDOMIRO — Como? Uma transformação! E eu que não sabia!

TODOS — Qual é? Adriana! Responda!

ADRIANA (descendo a scena). — Meu pobre Clodomiro! E' verdade. Nada mais simples, entretanto. Estou agora a compor alguns poemas em prosa. Apenas. E recito-os com acompanhamento de instrumentos de corda. Esses acompanhamentos são como o scenario espiritual onde o poema, isto é, a alma arqueja, debate-se, deseja, sofregamente. Como os heliotropos, o venabulo solar!

PEDRO — Que pedante! E dizer que eu já tomei a serio tudo isto. Como a paixão transforma!

CLDOMIRO — Divino!

ALBERTINA — Deve ser curioso!

ADRIANA — Essas prosas cantam o desejo que a todos iguala.

D. MARIA — Mas poderíamos ouvi-la!

TODOS — Sim! Sim!

ADRIANA — Oh! não!

CLDOMIRO — Em nome da arte!

ADRIANA — Mas preciso de acompanhamento.

MME DE ROCHA — Il y a les tziganes!

LUZ — No te le dê cuidao los músicos.

ADRIANA — Seja! Que a orchestra toque uma triste modinha em surdina.

D. MARIA — Mas já! (Sae um instante).

ALBERTINA — Que idéa, hein?

PAULO — Tudo quanto ha de mais nacional. Reentramos no sabiá.

MME DE ROCHA — Oh! ce n'est pas du tout du sabiá!

PAULO — O sabiá ne chante pas ici comme là — bas?

(Ouve-se em violões dos tziganos a surdina da modinha. As senhoras e os cavalheiros sentam-se. Paulo junto de Margarida. Luz só. Pedro no outro extremo, junto a D. Maria. Adriana toma attitude.)

ADRIANA — Serenata. (Recita com um ar extremamente Musa contemporânea). Serenata! Gorros de veludo, plumas em ponta, escadas de seda sob as gelosias sombrias. Palacios escuros, ruas estreitas em cuja escuridão reluzem os floretes como perdidos raios do luar do alto. Romeu, Verona, susto, receio. Florença, Boccacio afoiteza, sorriso. Sons de corda que são diapasão de almas, sons que ligam o coração escondido e o coração que se arrisca. Voz que junta no ar o beijo dos labios distantes. Serenata, sensualidade... indisivel vibração d'amor.

Serenata! Chapéu molle, lenço ao pescoço, gargantas cheias d'ais.

Casas humildes, ruas sombrias em cuja penumbra riscam navilhas o suspiro dos raios. Pobres vagabundos, tímidos namorados, assassinos, miseraveis, coitados... Escada de oiro dos infelizes, pyra de incenso dos desgraçados, bordões feitos de lua. Voz magica que exprime o ideal dos sem ideal. Aracné do desejo tramando em arpejos as teias da volupia. Som de ambar pedindo

gozo, iman de duas bocas, effluvio embriagador. Serenata, sensualidade — amor... — (murmurio de applauso)

PEDRO — Como commove ouvir falar d'amor — quando se ama...

D. MARIA — Psio!

PAULO (a Margarida) — A proposito de serenatas...

MARGARIDA (irritada) — I can't concentrate my attention in your anecdotes.

PAULO — Yes! Não comprehendí uma syllaba.

MARGARIDA — I don't hear any thing!

PAULO (sem comprehender) — Yes! Yes!...

ADRIANA (recitativo) — Serenata! Amavio de rouxinoes que cada um tem n'alma; suspiro da noite retardando a aurora, berço de sons em que se embala o coração. Transformador dos maus. Mephistopheles escarlata tornado ao luar roxo de saudade. Innocencia dos homens, perdição das mulheres, angulo de arminho da tristeza da vida. Werther com esperanza; D. João enternecido. Serenata! Parsifal aereo ondulado o graal dos sentidos...

Serenata! Metamorphose da vermina humana, oleo sagrado dos miseraveis, caça de amor na floresta das ruas, uivo do instincto que se faz arrulho, bem dos desgraçados. Nevrose, espasmo, extase, Ariel de amor, delicadeza sonora, pollen invisivel do desejo. Serenata, cantharida da volupia! — (murmurio.)

LUZ — Caramba! Que non hay lo que se poner!

MME. DE ROCHA — Épatant!

CLDOMIRO — Maravilhoso!

PEDRO — Esta menina diz extravagancias e eu cada vez estou mais commovido. O amor, como transforma!

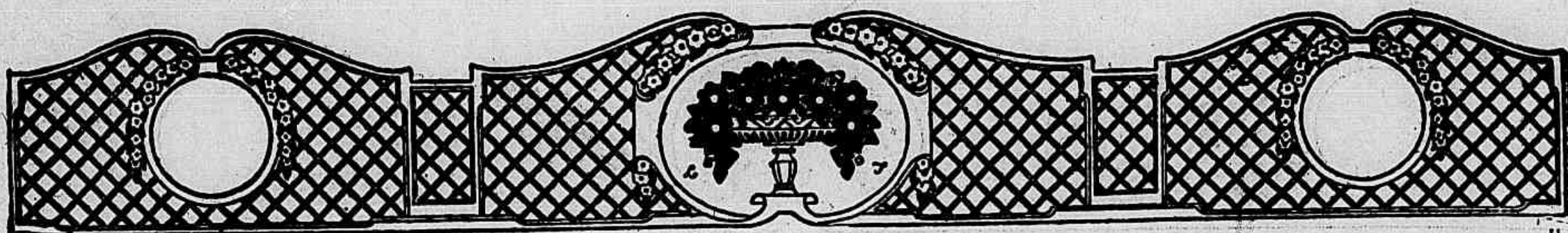
ADRIANA (recitativo final). — Serenata! Quanto te ouço, ó musica do luar! minh'alma canta a rapsodia dos desejos como um crystal reflecte as luzes que d'elle se apossam e varam e queimam e illuminam, na noite ardente. Quanto te ouço, é como se me esmagassem e no ar me librassem. Turbilhões de estrellas e trevas immensas cegam-me o olhar. Nastros de rosas prendem-me como caricias. Todos os perfumes, suspiros do oceano e gemidos da terra asphyxiam-me. Eu quero viver, eu quero morrer, Serenata espelho das almas, panthera alada, Luxuria! Quando te ouço, eu tenho medo, eu tremo, eu escuto, eu anseio, arripio do teu arripio, desvario do teu desvario! Serenata, som do mundo amoroso, polvo-beijo do amor infinito... (Grandes applausos. Adriana cae numa cadeira exausta. Correm a ella.)

MARGARIDA — Sweet hearth! Sweet hearth!

CLDOMIRO — Por Nossa Senhora, que tem?

ADRIANA — Nada, meu pobre Clodomiro. Eu sinto de mais.

MME. DE ROCHA (a Paulo). — Ella sente de mais!



PAULO (a Albertina.) — Ella sente de mais...

ALBERTINA (a Luz.) — Ella sente de mais!

D. MARIA (a Pedro.) — Ella sente de mais...

Luz (a D. Maria.) — Ela siente de más!...

PEDRO — Boa duvida. Com essas coisas não se brinca. Oh! D. Maria, a Adriana, a serenata, as palavras loucas — são bem o tormento da espera, desta espera que me desespera.

D. MARIA — O melhor do chá é esperar por ella.

PEDRO — O peor! Perdão! Eu já não sei o que digo! Eu sinto de mais.

D. MARIA — Como a Adriana? Então é com certeza epidemia...

(Entretanto em cima dão-se em torno de Adriana estas palavras)

CLODOMIRO (frasco de saes). — Melhor?

ADRIANA — Bem, muito bem.

MME. ROCHA — Heureusement! Ficaria tristissima...

PAULO — Que serenata tremenda!

MARGARIDA — Very beautiful! Very nice!

SCENA 8.^a — OS MESMOS, MME DE BASTOS E TROMISKROFF.

MME. BASTOS — Oh! mas que houve?

ALBERTINA — Adriana que recitou o seu poema em prosa *A Serenata*...

MME BASTOS — De quem?

PEDRO — Verdadeira maravilha.

TROMISKROFF — Que pena! Muito comprido! Clodomiro como vae você? (*Caminha para quantos ainda não viu, dando o aperto de mão e indagando em voz de commando*) — Você? Você? Você?

MME. DE BASTOS — Homem insupportável! Até a Serenata fez-me perder! Eu que não perco... Muitos cumprimentos, Adriana. Não ouvi, mas é como se ouvisse. A litteratura é agora um passatempo de boa sociedade.

PAULO — Como diz mme. de Rocha em portuguez: A boa sociedade demonstra assim que se *suffit*...

MME DE ROCHA — E que *en a as* sez das suas impertinencias!

TROMISKROFF — Litteratura muito bonita! Mas eu gosto mais da dansa. Dansa verdadeiro passatempo.

CLODOMIRO (*bate na testa*). — E o automovel do ministro do Japão! Esquecia-me! (*Corre ao terraço, espia*). Será possível que o Japão se tenha esquecido de me mandar um automovel?

PAULO — Descança! Se não vier o auto vem pelo menos um parasol.

CLODOMIRO — Este Paulo! Mas que espirito!

PAULO — Obrigado, mestre. (*Neste momento o cantor recomeça a cantar dentro*).

TROMISKROFF — Outro cantor! Estão cantando de novo.

ALBERTINA — Realmente, não tinha reparado.

ADRIANA — Clodomiro, leva-me a tomar um calice de xerez.

CLODOMIRO — A Adriana ordena. (*A Paulo*.) Com licença.

PAULO (*curvando-se*) — Tu duca,

tu signore, tu maestro... (*Saem Clodomiro e Adriana*).

MME. BASTOS — Terá a Adriana inclinação?

D. MARIA — Por quem é Mme. Bastos!

MME. BASTOS — Os gostos estão tão exquisitos hoje em dia! Eu teria pena em ver uma menina tão... enfim, tão litteraria casando com um rapaz também tão...

ALBERTINA — Tão litterario.

MME. DE ROCHA — Fica litteratura de mais.

MME. BASTOS — Você o diz! O que me conforta é que os tempos de hoje não são os de hontem.

PEDRO — Clarissimo.

MME. BASTOS — Antigamente, uma joven quando se apaixonava, quasi sempre entisicava, e ás vezes até morria...

TROMISKROFF — Coitada!

PAULO — E hoje?

MME. BASTOS — Casa com outro.

TROMISKROFF — E' do canto! Bonito canto mas de mais. Sra. D. Maria, se parasse o canto?

D. MARIA — Estão cantando? Ah, sim. E' verdade. Mas Tromiskroff! o canto é para animar.

TROMISKROFF — Bonita animação. Ninguém escuta. Só eu. Sra. D. Maria vou mandar parar o canto.

D. MARIA — Se é sua vontade, Tromiskroff...

MME. BASTOS — E' incrível este sujeito.

TROMISKROFF — E faço executar pela orchestra uma musica seria, que toda gente escuta, sem canto: — o tango.

Todos — Oh! sim! bravo!

D. MARIA — O tango foi prohibido pelo Papa. (*Tromiskroff cumprimenta e desaparece*).

Luz — El Papa tiene mucho *esprit*. Hace el que nos hacemos com el cantor: non lo escucha...

D. MARIA — Mas este homem desorganisa-me!

PAULO — Não é Tromiskroff é Tangoskroff. (*Dentro, parada subita da voz*).

MME. BASTOS — Prompto! Lá torceu o pescoço ao cantor! (*Ouve-se em seguida um tango*).

ALBERTINA — O tango!

Luz — El Tango, cielito...

MME. BASTOS —

Essa dansa parece

o jogo da cabra

cega com os pés.

PAULO — O tan-

go!

MARGARIDA — O

tango!

MME DE ROCHA —

Pas appris encore les

cortés de gauche...

(*Caminhando insensivelmente todos para a porta do salão. Vão sahindo. As ultimas são Luz e Margarida*).

D. MARIA —

Minhas amigas, não

vão dansar esta dansa prohibida pelo Papa.

MARGARIDA — Só ver.

Luz — E lo bailar! (*Sahiram. Paulo desce do terraço*).

D. MARIA — Não, o Tango não.

Adoptemos uma traducção! Consinto no one-step!

(*Mudança brusca na orchestra*).

SCENA 9.^a — D. MARIA E PEDRO

D. MARIA — Ainda estava cá?

PEDRO — Sabe bem que sim. O one-step enerva-me.

D. MARIA — Mas você é um one-stepista terrível.

PEDRO — Estou muito mudado. O que me admira é a senhora consentindo nessas dansas!

D. MARIA — Contingencias sociaes! Faço como o Papa: não ouço...

PEDRO — Os meus respeitos.

D. MARIA — Parte?

PEDRO — Irene não vem mais. Eu hoje estava cá só á sua espera. Não vindo, ella diz claramente que me recusa.

D. MARIA — As mulheres sensiveis são muito complicadas. Talvez ainda venha.

PEDRO — Seria crueldade fazer-me esperar como esperei só por prazer.

D. MARIA — O prazer das mulheres é a tortura dos homens. Faça o que quizer. Até já. (*Sae*).

SCENA 10.^a — PEDRO E IRENE

PEDRO (*só*) — Enigmas. Como o amor transforma! Ninguém me comprehende! Não comprehendo ninguém. Nem a mim mesmo... Decidamente... (*caminha*).

IRENE — (*apparece. Encontro*). Oh! boa noite!

PEDRO — A sra.! Emfim veio!

IRENE — Esperou muito?

PEDRO — Desde as quatro horas.

IRENE — Então cheguei a tempo!

PEDRO — Sim. Isto é, sim, propriamente...

IRENE — Então cheguei tarde?

PEDRO — Também não. Emfim, para mim chega tão bem que chega tarde, chega a tempo, chega como quizer.

IRENE — E' o começo do madrigal que me mandou annunciar por D. Maria?

PEDRO — E que não teve pressa em ouvir.

IRENE — Se era fatal!

PEDRO — Irene, ha duas horas e meia espero a sua decisão. Não faltou á sua promessa de vir. Obrigado. Mas qual a sua resposta agora? Posso fazer o madrigal?

IRENE — O senhor é tímido como todo o homem superior?

PEDRO — Como todo o homem que ama.

IRENE — Então deixe o madrigal para o papa que é paciente e vamos dansar o one-step.

PEDRO — Irene! A sra. é uma santa! O one-step é o caminho do céu.

SCENA ULTIMA. — OS MESMOS E D. MARIA

D. MARIA — Que vejo! Então não se foi? Então já não acha má a dansa?

IRENE — Minha boa amiga!

PEDRO — O seu chá, D. Maria, é o melhor dos chás do mundo! Juro que jamais esquecerei este five-o'clock (*vendo o relógio*) todos os dias, ás seis horas e meia!

(*Beija a mão de Irene, Enlaça-a. E o panno desce, enquanto a orchestra continúa a tocar o one-step, e veem-se os pares a dansar com enthusiasmo*).

FIM

Noticiario Elegante

ANNIVERSARIOS DA PROXIMA SEMANA

Segunda-feira — general Thomaz Cavalcanti; dr. Flavio de Moura; mme. viuva Heitor de Toledo; mlle. Gonçalves Lemos.

Terça — mme. Heliodoro de Barros; conde S. Salvador de Mattosinhos; general Olympio Agobar; mlle. Soares Dias (Cyrene); mme. Henrique Palhares; mlle. Fabio de Araujo (Lucilia); dr. José Eulalio da Silva Oliveira, lente da Escola Militar; dr. Ruy Pereira Gomes; mme. Coelho Netto (D. Gaby), distincta esposa do illustre escriptor patricio; a illustre mme. Licinio Cardoso.

Quarta — dr. Mario Cavalcanti; mme. Figueiredo dos Barros; almirante Silva Lins; senador Mendes de Almeida; mme. Coelho de Faria.

Quinta — o eminente professor Nunes de Andrade; mlle. Elpidio Boamorte (Zilzi); mme. Antonio Vilella; mme. Americo Pereira da Silva; mme. Sousa Leão Junior.

Sexta — mme. Moreira Valle; coronel Joaquim Vieira de Almeida; mlle. Olga da Fonseca Torres, filha do coronel Franklin da Fonseca Torres, do Rio Grande do Sul.

Sabbado — mme. Viuva Eurico Costa; o embaixador Gastão da Cunha; mlle. Cordeiro da Graça (Evelina);

o secretario de legação Lucillo Bueno; o capitão de corveta dr. Barbosa Romeo; mlle. Castro Silva (Mary); mlle. Gonzaga Brito (Maria Antonietta); o dr. Arizio Silva.

Domingo — senador Thomaz Accioly; deputado José Maria Tourinho; general Celestino Bastos; o dr. Antonio O'Relley; o brilhante jornalista Victor da Silveira.

CASAMENTOS

O sr. dr. Julio Furtado, director de Mattas e Jardins, deu em casamento ao sr. dr. Simões filho (Luiz Pereira), sua formosa filha Maria.

O sr. commendador Jannuzzi casou, com o sr. Eduardo Furtado de Mendonça, a linda Adelia, setima de suas filhas.

OS QUE VIAJAM...

A SEMANA finda movimentou innumeros politicos. Nas listas de passageiros dos navios nacionaes, apparecem os nomes dos srs. senador Walfredo Leal, Camillo de Hollanda, governador eleito da Parahyba, e deputados Moreira da Rocha, Cunha Lima e Costa Rego, e Henrique Novaes, prefeito de Victoria. O professor Oscar de Sousa e sua distincta esposa seguiram para a Europa. De Buenos-Ayres veiu-nos o eminente

te cientista Gregorio de Martinez. E de Porto Alegre, com s. exma. senhora e formosas filhas, Angelica e Laura, o distincto jurista, dr. Leonardo Macedonia.

O CHÁ DANSANTE DO JOCKEY

ABSOLUTAMENTE animada e elegante a reunião da quarta-feira da semana finda, no Jockey-Club. Foi o primeiro chá dansante da estação. Os chás do Jockey possuem o cunho mais requintado de distincção. Os typos mais finos do nosso set frequentam-nos, prazeirosamente. Os salões brancos da brilhante *bonbonnière* enchem-se de animação, vibram e esplendem. Dansam os mais formosos pares. Em volta das pequenas mezas, em que se serve o chá, faz-se uma palestra encantadora, palestra de gente de espirito e boas maneiras.

Quarta-feira, alli estiveram mmes. Bento Ribeiro, Teixeira de Barros, Gasparoni, Alda Perdigão, Marques, Pedro Lago, Munich, Alberto Farani, Affonso Lopes, Camillo de Hollanda, Correia da Costa, Pinheiro Guimarães, Roberto Vieira, Araujo Vianna, Magalhães Costa, Vicente Saboya, Lloyd de Amorim, Tinoco, Edmundo Mello, Leite Pereira, Augusto Meneses, Carlos de Lâet filho, baroneza de Santa Margarida, Fernando de Magalhães e Lamenha Lins.

O tango foi dansado fartamente. Mlles. Licinio Cardoso, Aida Brito,



Grupo tirado em um ensaio geral do "Chá das cinco"



Regina Moura, Gasparoni, Henninger, Saraiva, Teixeira de Barros, Cecilia Tinoco, Martins Cardoso, Santa Margarida, Lucy Marques, Munich, Lopes de Almeida, Roberto Vieira, Araujo Vianna, Sucena e Fernando de Magalhães deram ás dansas o melhor do seu encanto, com a sua formosura, a sua graça.

Foram algumas horas felizes, aménissimas. Os directores Aguiar Moreira e Octavio Guimarães podem felicitar-se. Souberam os dois ser encantadores. A reunião deixou saudade.

O CENTRO PAULISTA

CONTINUAM, frequentadíssimos, os chás do Centro Paulista. O sr. Mario Villalva, secretario, a quem se deve a lembrança desse amavel *rendez-vous* elegante, deve estar radiante: não seria possível tornar mais attrahentes as quartas-feiras mundanas que o seu engenho de bom poeta introduziu no seio da illustre associação. E, demais, o sr. Villalva, que é um excellente *causeur*, deu ao ultimo chá a nota radiosa de uma palestra sobre S. Paulo e o seu Parnaso. A selecta assistencia ouviu, embevecida, os melhores versos dos mais notaveis poetas da grande terra.



O DIA ELEGANTE

(A SEGUNDA-FEIRA)

DEIXEI-ME ficar em casa o dia inteiro. E sahir porque, se a elegancia toda ficara recolhida, aguardando a hora esplendida, em que, no *Municipal*, á noite, se daria o festival em beneficio do Patronato de Menores?

Em casa.

Que fazer, para esperar o instante maravilhoso? Lerei versos... Abrirei o cofre das emoções...

vous vous imaginez que les hommes et les anges sont capables de comprendre, tandis qu'ils ne sont faits que pour sentir...

Isto diziam anjos revoltados, no bosque de Montmorency, em procura de Nectario.

E', lendo versos, que eu sinto. Mas, é exactamente pelas minhas emoções que comprehendo a existencia... Aquelles seraphins famosos tinham mais estylo que verdade...

Mas, devo ouvir um poeta bem mais antigo que os nossos collaboradores de supplementos illustrados. Passo os olhos pela estante: Ronsard... Magny... Jodelle... o marquez de Rancan... o marquez de La Fare... Ducis... adeante... Valmore...

Musset... *Sur trois marches de marbre rose*... O poeta julga que, após a occorrença, *autour d'une pomme*, em que Adão e Eva perderam o Paraíso, nenhum outro jardim teve maior celebridade e belleza que Versailles. Versailles é a evocação, o sonho, o esplendor maximo da elegancia de todos os tempos... Musset ama os seus typos, desde a Pompadour a Arouët de Voltaire, *ce grand frondeur des préjugés*...

Dites-nous, marches gracieuses, Les rois, les princes, les prélats, Et les marquis à grand fracas, Et les belles ambitieuses,

Dont vous avez compté les pas ; Celles-là surtout, j'imagine, En vous touchant ne pesaient pas, Lorsque le velours ou l'hermine Frôlaient vos contours délicats.

O *Municipal*, logo mais, lembrará os dias flamantes, o espirito de Voltaire, as multiplas formosuras da Pompadour, ao lado do encanto de La Vallière e o *ruban* de Fontange...

Mas, continuo a ler o poeta:

Ce soir, tout va fleurir ; l'immortel [nature...

E a tarde chega. E vem a noite. Visto-me. Saio.

O *Municipal* é o deslumbramento. Uma sociedade brilhantissima. A casa fremente, illuminada a grandes jorros de luz. O velario cerrado.

Espalham-se, pelas frisas, todas as graças de Botticelli, multiplicadas por 8 e mais uma. Entre ellas Lilah Teixeira de Barros, cujo encanto espiritual se abrirá como flor de magia na comedia de Paulo Barreto, fala-nos da belleza da festa.

— João do Rio fez um acto delicioso de ironia...

— Ha sustos. Muita gente imagina-se no *Chá das cinco*.

— Mas, se o proprio auctor, se todos nós bem vemos que é um chá como todos os outros. Nenhum mal. Ha de ser um encanto.

— Já viu mme. Santos Lobo? Uma *toilette* magnifica: toda de negro, *gilet* azul.

— A frisa de mme. Nicola de Tefé e mlle. Astréa Palm? A princeza Roland de Rollenbourg?

E mlle. Lilah mostra-nos as illustres senhoras:

— Nicola de Tefé, vestida de gaze ouro, Astréa Palm, com uma *toilette* linda, azul-electrico, e mme. Sousa Bandeira, cujo vestido é azul celeste, acham-se juntas, numa mesma frisa... A princeza de Rollenbourg está fascinante, sua *toilette* de seda *fraise* accusa a origem: é uma das derradeiras creações Georgette...

Deante de nós, mme. Selda Potocka — seu vestido é de seda *cerise*, as rendas de adorno são de um lavor inenarravel; mme. Lola Carneiro da Rocha está de negro, admiravel trajo de seda, digno de uma *primière* na Opera; mme. Farrula veste uma *toilette* de seda côr de bronze novo.

— Veja a consulesa Boettcher. Aquella combinação de velludo e seda é brilhante. D. Bêbê Lima Castro, a formosura cheia de talento, tambem se vestiu assim. Tambem o seu vestido é de velludo negro e a blusa da mesma côr...

Vemos, ainda, mme. Carlos Guinle, muito linda. A joven senhora tem uma *toilette* de gaze branca e fundo de seda da mesma côr. Mme. Bernardino Maia veste um vestido de seda *plombée*, guarnecido de rendas creme. Mme. Sergio Barreto está de negro. Mme. Arthur Lobo, que responde ao nosso cumprimento com um sorriso cheio de bondade, veste uma *toilette* de gaze preta e sombra malva.

— Já viu Regina Moura? Graciosissima.

— Ha muitas *toilettes* de velludo e seda preta. Um lindo *décor* para os corpos alvos.

— De negro? Olhe. Alli estão mmes. Antonio Azeredo, Tristan da Cunha, Itibiré da Cunha, Menezes Quadros, Coelho Barreto, Leopoldo Rocha, Sousa Ribeiro, a consuleza Bernardez, Inglez de Sousa, Lima Castro e a formosa mme. Regina San Juan.

— O preto presta-se a combinações lindissimas... Mme. Alberto de Queiroz, tambem está de preto.

— Repare, então, aquellas gazes negras, com as mais bellas sombras, desde o malva ao *grenat*... Veja mmes. Rodrigues Alves, Castro Cerqueira, Ferreira de Almeida, mles. Zaira Lisboa, Victorino Maia, Camargo Neves, cujos vestidos são de gaze e sombras de seda ou setim.

— Como é difficil destacar *toilettes* num meio como este em que todas estão elegantissimas!

— Não esqueça mmes. Nair Teixeira e Hilda Fontinha, que vestem adoravelmente.

— E cuja belleza nunca se louva sufficientemente...

— Tem deante de si mme. Octavio Silva Costa e suas lindas filhas; mlle. Odette Gasparoni, radiante; mlle. Aida Brito, realçando o encanto dos seus cabellos de ouro, na brancura marfim do seu vestido de seda.

— Mas, está toda a elegancia! E' uma centena de nomes!

Faz-se um movimento por todos os cantos. E' o velario que vae correr...

Mlle. Lilah despede-se.

— Chega de *toilettes*...

— Não será distincto esquecer...

— Mas, se é o impossivel?...

Corre o velario. E' Bastos Tigre. Diz versos encantadores, de um grande *humour*.

Depois, Leopoldo Fróes, muito applaudido. D. Bêbê Lima Castro, em seguida canta duas scenas do *Fausto*. Enthusiasmo. Palmas.

Intervallo. O *Chá das cinco*, de Paulo Barreto. Novo triumpho para o auctor illustre, grandes applausos aos interpretes, que estiveram correctissimos.

Novo intervallo. A *Primavera*, poema choreographico ideado por mme. Bêbê Lima Castro. Foi um instante de emoções. O bailado é um conjuncto de grandes bellezas, uma larga esthesia. As vinte e cinco moças que o dansaram, cercando o esplendor floral da juventude gloriosa de D. Bêbê Lima Castro, transformaram-se em sylphides translucidas, nuvens de variado brilho e variada *nuance*, mais luz que imagens, raios de luar que se corporificassem vagarosamente, e vagarosamente se diluissem em perfume, e se desfizessem em petalas de rosas multicôres, numa ronda de sonho...

E eu sinto que os anjos revoltados do bosque de Montmorency tem estylo e verdade: não fomos feitos senão para sentir, não nos é dado comprehender...

Deixo o *Municipal*.

As—tu vus, comme à l'ermitage, La rondelette du Barry Courir, en buvant du laitage. Pieds nus, sur le gazon fleuri?

FRED.

A Elegancia no Calco

Arrecita de Caridade, de Segunda-feira,
NO MUNICIPAL.



1 — Os interpretes da espiituosa comedia de costumes elegantes «Um Chá das Cinco», de João do Rio, com cujo texto integral a «Revista da Semana» brinda neste numero os seus leitores, Sra. Helena de Carvalho (Maria Guimarães), Senhorinhas Lydia Lincinio Cardoso (Mme. Bastos), Sylvia Nioac de Sousa (Mme. de Rocha), Lilah Teixeira de Barros (Adriana), Lelia Teixeira de Barros (Albertina), Mabel Lacombe (Flora), Margot Morales dos Rios (Luz), Ruth Hentz (Marguett), Leticia Rosenberg (Irene) e srs. Emilio de Barros (Pedro), Roberto Brandão (Paulo), Francisco Rosem-

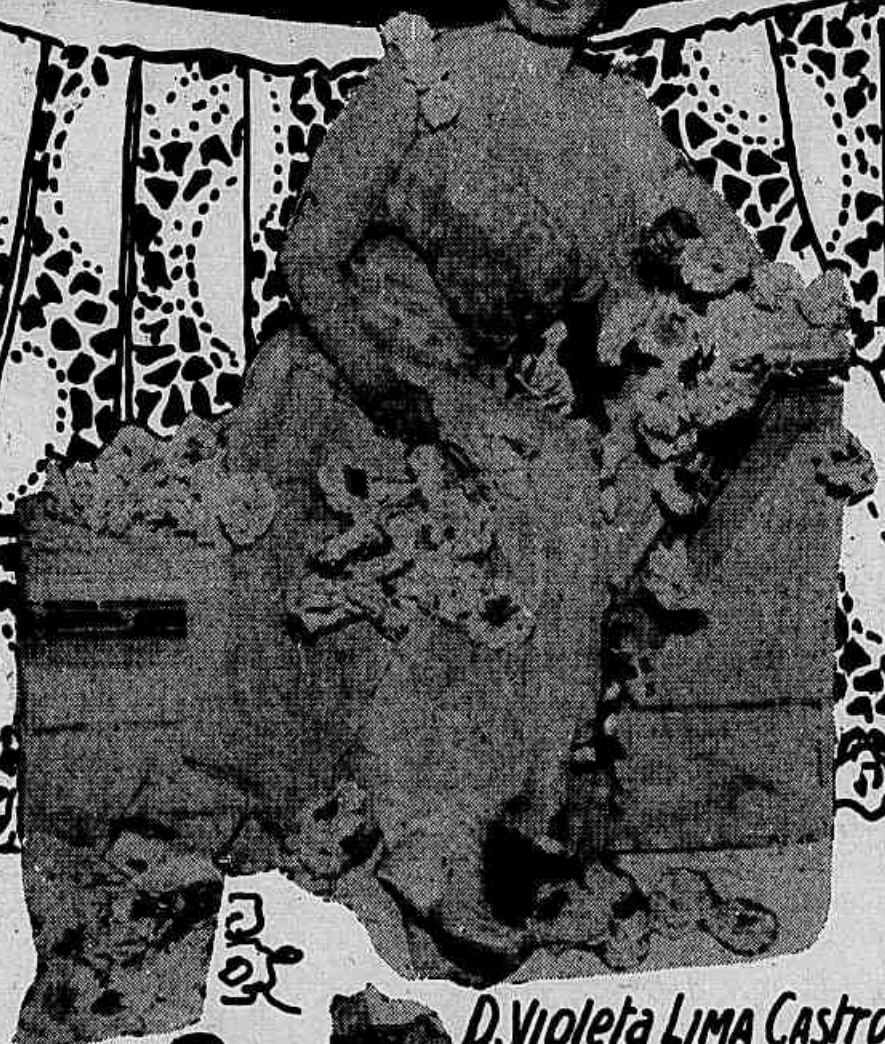
berg (Tromiskroff), Luiz Teixeira de Barros Filho (Clodomiro), Oswaldo Machado (Cesar). 2 — O sr. Emilio de Barros (Pedro), Sra. Helena de Carvalho (Maria Guimarães) e Senhorinha Rosenberg (Irene). 3 — Senhorinha Lilah Teixeira de Barros, na poetisa Adriana. 4 — O sr. Luiz Teixeira de Barros (Clodomiro) a Senhorinha Lelia Teixeira de Barros (Albertina). 5 — Senhorinha Lydia Lincinio Cardoso (Mme. Bastos). 6 — Sr. Francisco Rosenberg, (Ministro Tromiskroff). 7 — Senhorinha Ruth Hentz (Marguett.)





O *peça* choreographico
A Primavera, ideado pela
formosa e distincta sra. D.
Violeta Lima Castro sobre
mctivos musicas de Grieg,
Massenet, Bizet e H. Os-
wald, e que, denunciando a
intelligencia requintada de
sua idealisadora e a sua ca-
pacidade de realisacão ar-
tistica, constituiu o numero
de deslumbramento visual do
programa da festa, inter-
pretado pela auctora, que
symbolisava a Primavera, e
por um grupo encantador de
senhorinhas: turbilhão de ga-
ze branca e grinaldas de ro-
sas, illuminado em todos os
lcs da aurora e dos raios
solares pelas projecções elec-
tricas num scenario do par-
que florido

As photographias desta pa-

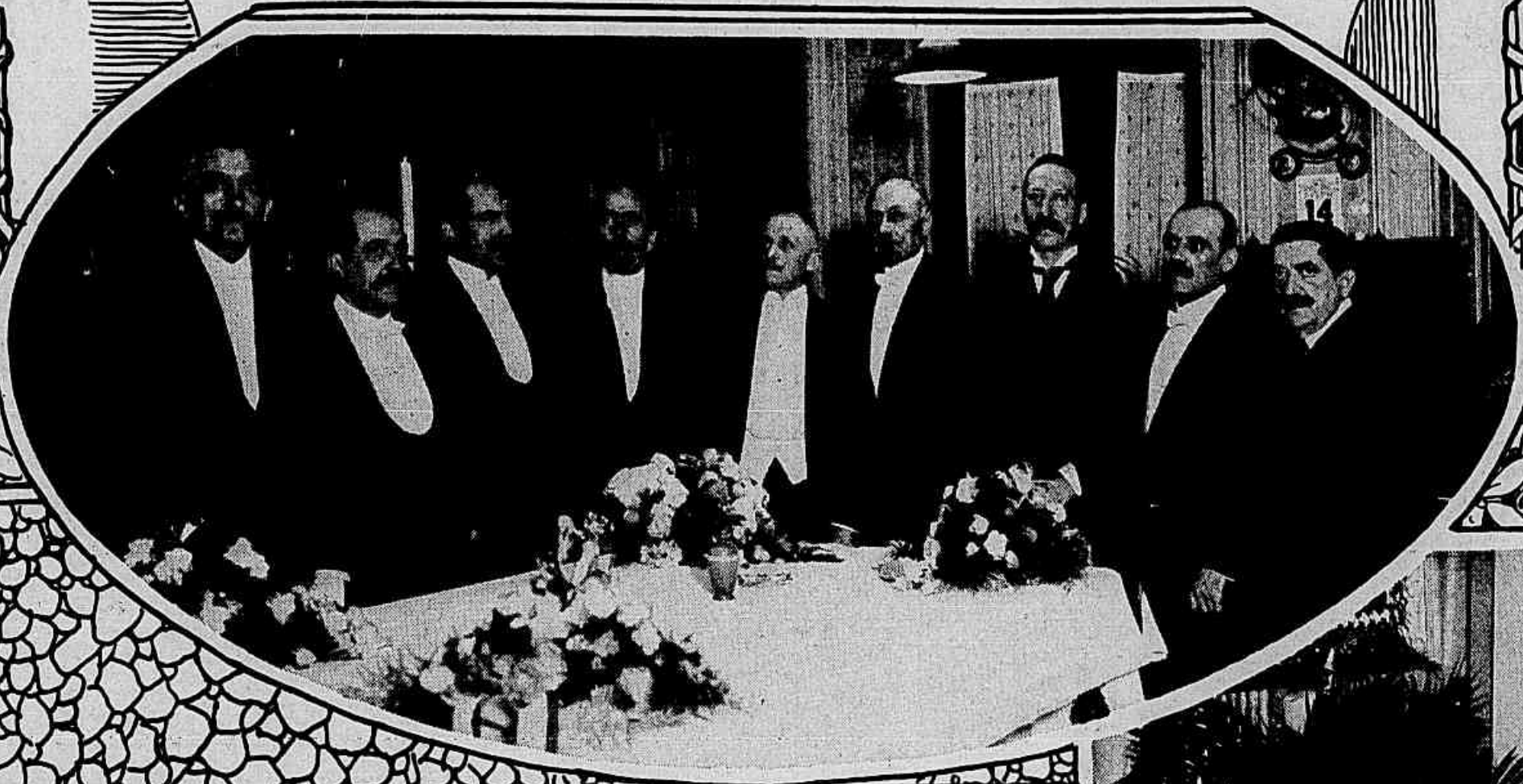


D. Violeta Lima Castro

gina revnem todas as inter-
pretes do bailado, senhori-
nhas Lydia Licinio Cardo-
so, Maria Augusta Licinio
Cardoso, Sarita Rodrigues Li-
ma, Zizi Porto, Maria Er-
nestina Lobo, Lucilia Far-
rulla, Zaira Alves de Sousa,
Helena Alves de Sousa,
Ruth Alves de Sousa, Lili
Camargo Neves, Miriam
Cordeiro, Lalah Teixeira de
Barros, Lelia Teixeira de
Barros, Dinah Lobo de Al-
meida, Celeste Bernardcz,
Gloria Bernardcz, Cecilia
Costa Rodrigues, Rosalina
Coelho Lisboa, Laticia Rosem-
berg, Elsie Pullen, Ruth Hen-
tz, Edith Saville, Alice
Netto Teixeira, Maria do
Carmo Senra e Sophia de
Azevedo.



As festas de 14 de Julho.

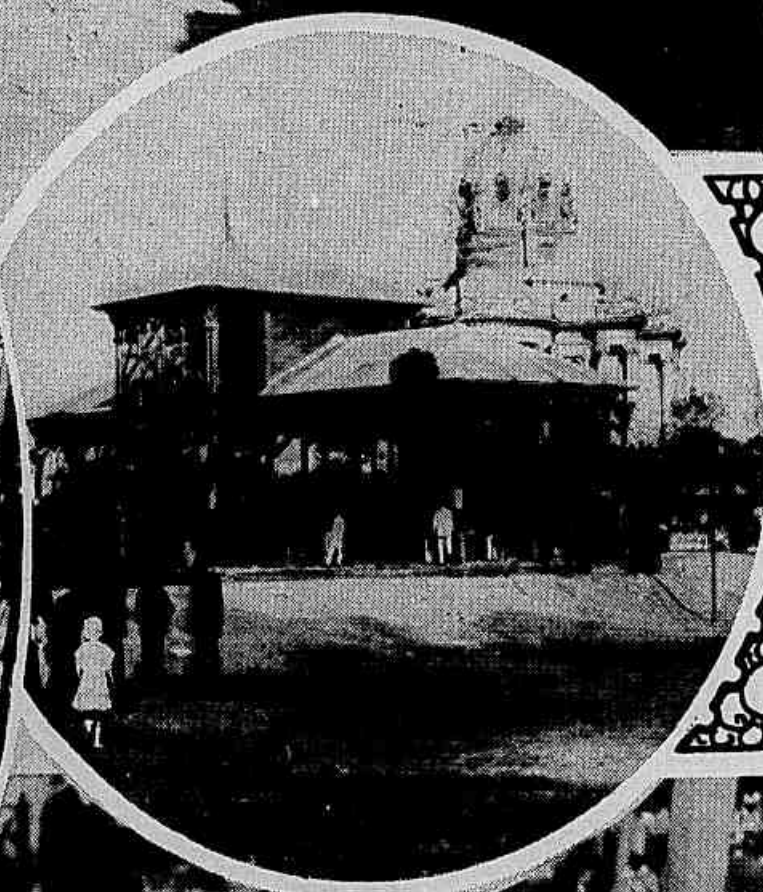
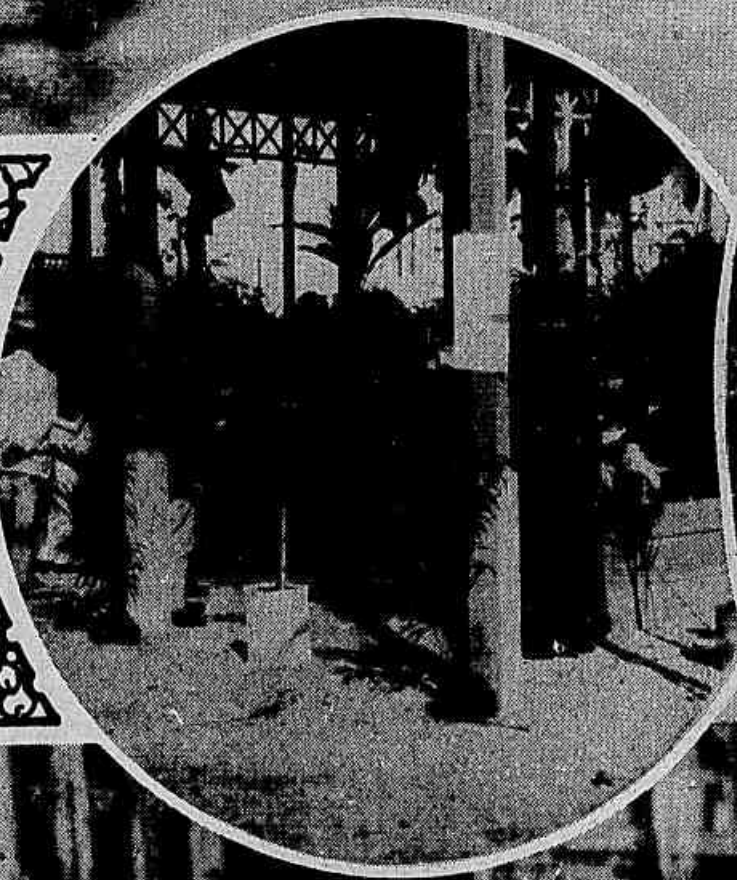


1 — A directoria do «Cercle Français». 2 — Aspecto da assistencia á brilhante festa comemorativa de 14 de Julho no «Cercle Français». 3 — A Senhora Paulito Feiverei cantando a «Marselheza» no festival do Lyrico. 4 — A «Mar-



selheza» cantada na recita promovida pela Liga Pró-Alliados por um grande coral em que participaram muitas senhorinhas e crianças francezas e brasileiras, e que constituiu um dos numeros mais felizes da magnifica e entusiastica festa.

A Exposição-Feira



1 — S. Ex. o Sr. Presidente da Republica e o Presidente do Estado do Rio, S. Eminencia o Sr. Cardinal Arcoverde, Sr. Ministro da Agricultura, visitando a exposição. 2 — Um aspecto da exposição de fructas

e legumes do Estado do Rio. 3 — No pequeno horto installado pelo sr. Pereira da Fonseca. 4 — S. Ex. o Sr. Presidente da Republica, acompanhado pelo sr. conde Candido Mendes de Almeida na sua visita á exposição.

Aspectos da Exposição



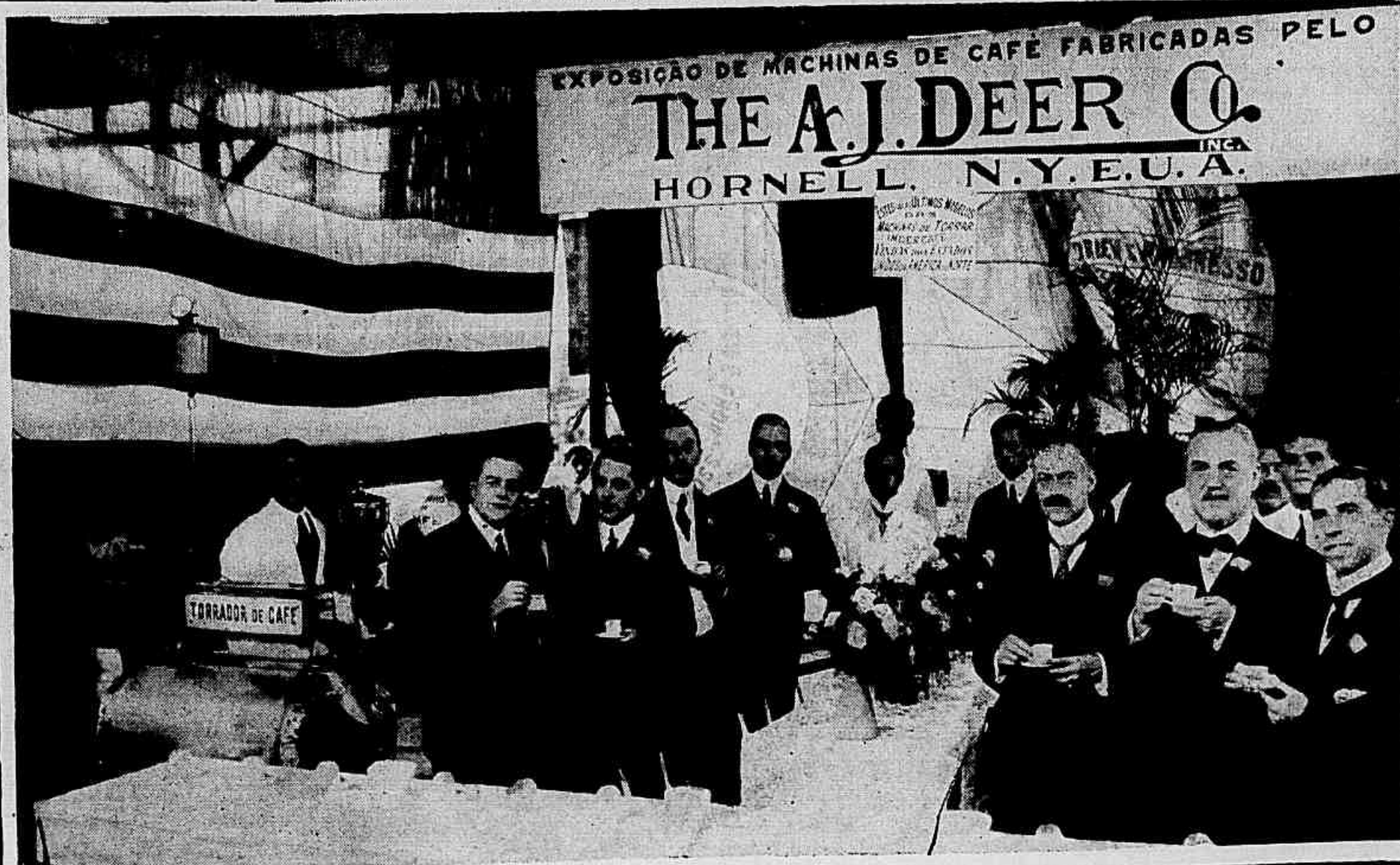
Um dos mostruários mais interessantes da exposição de fructas é o da A. J. Deer Co., dos Estados-Unidos da America do Norte. Elles são os maiores fabricantes no mundo de machinas para torrar e moer café, psriarpo para serem usadas nas casas de varejistas e nos proprios carés. Esta companhia tem milhares dessas machinas em uso nas cidades da America do Norte.

A companhia, que occupou uma das maiores areas na exposição, vae abrir agencias em todo o Brasil e nos outros paizes da America do Sul para a



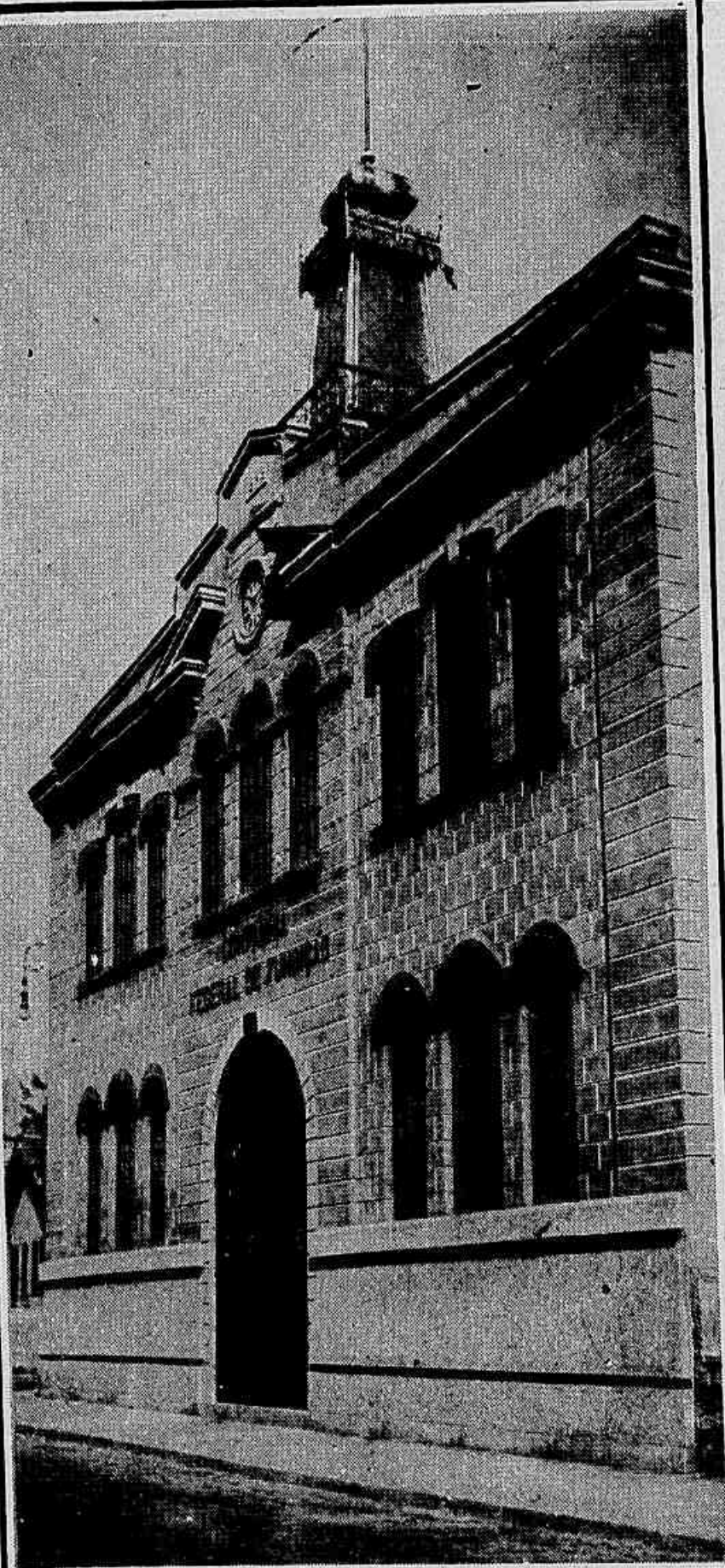
venda destas machinas e todos que estão interessados nos negocios de café não devem deixar de as ver.

1 — Membros da Commissão de Finanças do Senado Federal saboreando o delicioso café, no Mostruario da The A. J. Deer Co. 2 — O Snr. A. J. Deer, inventor das machinas para torrar e moer café, explicando o seu funcionamento, ao Snr. Embaixador Americano. 3 — O Snr. Embaixador E. Morgan e a comitiva americana, tomando café no interior da barraca de A. J. Deer.



Industria Nacional.

Visita da Comissão Especial Parlamentar de Marinha Mercante e Construções Navaes à Companhia Federal de Fundição.



A Comissão Especial da Marinha Mercante e Construções Navaes, da Camara dos Deputados, visitou a Companhia Federal de Fundição, á rua Filippe Nery.

O intuito da Comissão é visitar as principaes fabricas e usinas, examinando-as convenientemente e ouvindo os interessados, de modo a saber quaes as medidas que julgam convenientes no sentido de promover-se o desenvolvimento de suas industrias.

Visitaram a fundição, por parte daquella Comissão, os Srs. Commandantes Sousa e Silva, Dr. Ildefonso Simões Lopes e Dr. Nicanor do Nascimento.

Recebidos pelo Director da Companhia, Sr. Alceu G. de Azevedo, com o mesmo percorreram as diversas secções da Fundição, serralheria, modelação e expedição, etc., que se acham installadas em edificio de propriedade da Companhia, occupando uma area de 5.000 metros quadrados.

A Companhia trabalha na fundição de ferro e de bronze.

Todas as secções estão sob a fiscalisação directa do Sr. Dr. Alceu G. de Azevedo, Director-Presidente.

Dirigem as secções de desenho, electricidade, expedição, machinas, serralheria, modelação, etc., os Srs. João Martins, José de Barros, J. Machado, Marcellino do Amaral, Francisco Cardoso, Manoel Ferreira e Antonio Rosas.

A secção de contabilidade é dirigida pelo guarda-livros Sr. João Motta, que tem como auxiliares os Srs. Domingos de Freitas e José de Freitas.

A Companhia Federal de Fundição tem executado varios e importantes trabalhos, dentre os quaes se destacam: a fonte luminosa do largo do Maracanã, que figurou na Exposição de 1908; os candelabros e postes de illuminação das ruas desta Capital e de varios Estados; os mercados da praça General Osorio, de Botafogo, Bemfica e praça Municipal, bem como encanamentos e registros para a Repartição de Aguas e Obras e Gaz.

E' um dos estabelecimentos que honram a nossa industria, e onde se póde confeccionar desde a mais pequena peça á mais complicada machina.

Terminada a visita, que muito bem impressionou os Srs. Deputados, o Sr. Alceu G. de Azevedo offereceu uma taça de Champagne aos presentes.





Berliques e Berlôques

O norte vae celebrar o centenario do Padre Miguelinho, implicado na revolução de 1817.

Commentario do Gastão Bousquet:

— Até então havia quem nascesse emp'licado; esse morreu implicado.

"La Prensa", de Buenos-Ayres, manifestou-se contra as touradas nas festas centenarias de Tucuman.

Os toureiros protestaram.

Teem razão os toureiros, o seu officio é penoso.

Começa em forçado.

No Theatro Pequeno:

— Porque razão a estrella se apresenta cheia de gazes e filós?

— A crise, meu caro; o panno subiu...

Entre germanophilos:

— Viste? Um submarino foi pacatamente á Norte-America...

— Ah! O "saxão é gente até debaixo d'agua!

Fracassou o "raid" dos austriacos contra Latisana.

Deu em droga.

"A Noite" troçou o senador Lopes Gonçalves por andar a distribuir charutos. O senador suspendeu a distribuição e os filantes queixam-se agora.

Veremos se o senador quebra queixas.

O deputado Nicanor do Nascimento quer que se prohiba a exportação do nickel.

Apoiado.

Quer tambem que a prohibição alcance "o latão e o metal amarello".

Não apoiado, tudo o pechisbeque deve ser posto d'aqui para fora.

O ministro da Guerra acabou com a bigodeação dos caras raspadas com que muitos officiaes ficavam abarbadados.

Na exposição de fructas, o em-

via-ferrea de Petropolis a Friburgo.

Diz uma gazeta que isso constitue uma empreza arrojada.

Arrojada? Então é um simples ramal da Central do Brasil.

A resenha policial menciona a aggressão de um soldado praticada por Thomaz Forças.

Um nome que lembra os tonicos reconstituintes...

Latim macarronico que o Bastos Tigre ouviu no jardim do Recreio:

— Eu cá sou "habitué... Nulla dies sine Ema"... Parece "fita".

O codigo civil acaba com os casamentos dos primos entre si.

Por isso os primos casam-se ás pressas antes que o codigo entre em vigor.

Depois teremos isolados os primos entre os pares.

O aviador Escobado queixou-se do aviador Nicola á policia.

Não fosse elle Escobado e ficaria bem aviado.

Um typo tarado precipitadamente matou a mulher.

Um vespertino chama-o sceelerado.

Acelerado é que é.

Começaram os trabalhos da

As tropas de um cherife occuparam Konfuda, prendendo os turcos.

Lá estão os turcos de Konfuda confundidos.

Luar.



Tres personagens do Theatro Pequeno

Figuras & Facto



1 — D. Carmen Caldas, esposa do Sr. tenente João Caldas, Comandante da Força Policial do Alto Acre. 2 — O professor Antonio Austregesio, rodeado de seus assistentes e internos da 20ª enfermaria da Santa Casa da Misericórdia. 3 — Entace Mirim-Fadino. Grupo tirado por ocasião do casamento do Sr. José Mirim, da contabilidade do "Crédit Foncier", com a senhorinha Carolina Fadino.





O papel dos submarinos

O ENGENHEIRO francez Lebeuf, creador do primeiro submarino moderno, explicou ultimamente, n'uma

serie de conferencias feitas em Paris, a situação da guerra submarina.

Elle demonstra que, se os allemães teem por varias vezes tornado menos violentas as suas façanhas, não significa isso que elles se queiram conformar, tardia nente, com as regras do direito internacional ou ceder aos protestos dos neutros, mas, simplesmente, porque o numero dos seus submarinos se tem sensivelmente reduzido.

Até aqui, os submarinos teem prestado, sobretudo, serviços como «éclaireurs». O almirantado inglez reconheceu, n'um relatorio official, que o exito do combate naval de Heligoland (28 de Agosto de 1914) era devido, em primeiro lugar, ás informações fornecidas pelos submarinos. Durante as tres semanas que precederam o combate, elles revelaram uma audacia extraordinaria penetrando nas aguas inimigas.

Os profanos notando que se ouve falar, sobretudo, de torpedagens praticadas pelos allemães e austriacos, apressadamente concluem que é completa a superioridade do armamento submarino dos paizes germanicos.

Na realidade, para lançar um torpedo com efficacia cumpre ter um alvo e, desde o começo da guerra, as frotas de alto bordo allemã e austriaca, tendo-se mantido cuidadosamente encerradas no canal de Kiel e de Cattaro, tem sido impossivel combatel-as.

Assim, a Inglaterra tem razão, quando diz que a esquadra couraçada allemã não ousa sahir e affron-tar a lucta; mas a Allemanha tem igualmente razão, quando responde que a frota couraçada ingleza nada ousa emprender contra o litoral e os portos allemães, em consequencia dos submersiveis que a esperam.

A heroica tentativa de forçamento das estacadas, minas, redes metalicas, que os austriacos tinham accumulado no porto de Pola, pelo submersivel francez *Cuirie*, que ahi foi afundado, prova a tragica exactidão daquella these.

Assim se explica a immobildade da grande esquadra britannica nas ilhas Orcadas e a das esquadras franceza e italiana em Malta, Bizerte e Taranto.

A Allemanha, que se julgava prestes a conquistar o mundo, estava longe de conquistá-lo no ponto de vista naval. Se tivesse querido fazer uma guerra commercial efficaz, ter-lhe-iam sido necessarios, pelo menos, 300 submarinos para bloquear, de uma maneira collectiva, todas as costas das Ilhas Britannicas, impedindo qualquer navio de entrar n'um porto inglez ou d'ahi sahir.

Do mesmo modo, se no começo das hostilidades a Austria tivesse

possuido bons submersiveis, todas as operações navaes comportando transportes de tropas por mar teriam sido inexequiveis. O transporte das tropas teria offerecido riscos tão graves que os alliados teriam, certamente, hesitado em trazer os seus exercitos da Africa e das Indias e não teriam emprehendido a expedição dos Dardanellos.

Em resumo, a guerra maritima actual poz, decididamente, um termo á grande querelia que existia, antes das hostilidades, entre os partidarios dos couraçados e os defensores dos submersiveis, pois a superioridade destes ultimos está agora estabelecida de modo irrefutavel, porquanto 60 % do total das perdas em navios de guerra dos diversos belligerantes, lhes são imputaveis.

E' o que previa o grande almirante inglez Sir Percy Scott, o qual, a 5 de Junho de 1914, escrevia no *Times*:

«Penso que a importancia dos submarinos não foi ainda plenamente reconhecida. Penso, igualmente, que ainda não se comprehendeu quanto o seu apparecimento revolucionou a guerra naval. No meu conceito, o submarino expellirá do mar o couraçado, como o carro automovel expelle das estradas o cavallo».

As informações de guerra dos paizes neutros

A IMPRENSA neutra, e particularmente o seu systema de informação tem soffrido, depois da guerra, profundas modificações. Foi preciso, para contentar a ardente curiosidade do publico, fornecer-lhe noticias, por assim dizer, de hora em hora, com relação aos acontecimentos. A informação exterior que se fazia: habitualmente, com o auxilio de extractos da imprensa estrangeira e de correspondencia de *reporters*, enviados aos varios paizes teve o grande inconveniente de ser demasiado lenta.

Os *reporters*, a quem a observação directa dos factos era quasi impossivel, foram, aliás, forçados a substituir a informação por digressões sentimentaes ou psychologicas.

Procurou-se, em certas grandes cidades, contentar o publico, projectando sobre enormes anteparos luminosos os boletins dos estados-maiores. Mas, foi preciso renunciar, rapidamente, a esse modo de informação, em consequencias das scenas ruidosas que isso provocava na rua. Cumpria, pois, á imprensa adoptar methodos mais rapidos. Ella o fez, dando consideravel extensão ás mensagens telegraphicas e, sobretudo, aos radio-telegrammas. Os belligerantes, por seu turno, muito contribuíram para essa extensão dos radio-telegrammas.

A Allemanha, primeiramente, para ter influencia entre os neutros, inaugurou o systema dos seus escriptorios de imprensa.

Os alliados, por seu turno, enviaram as suas noticias aos paizes neu-

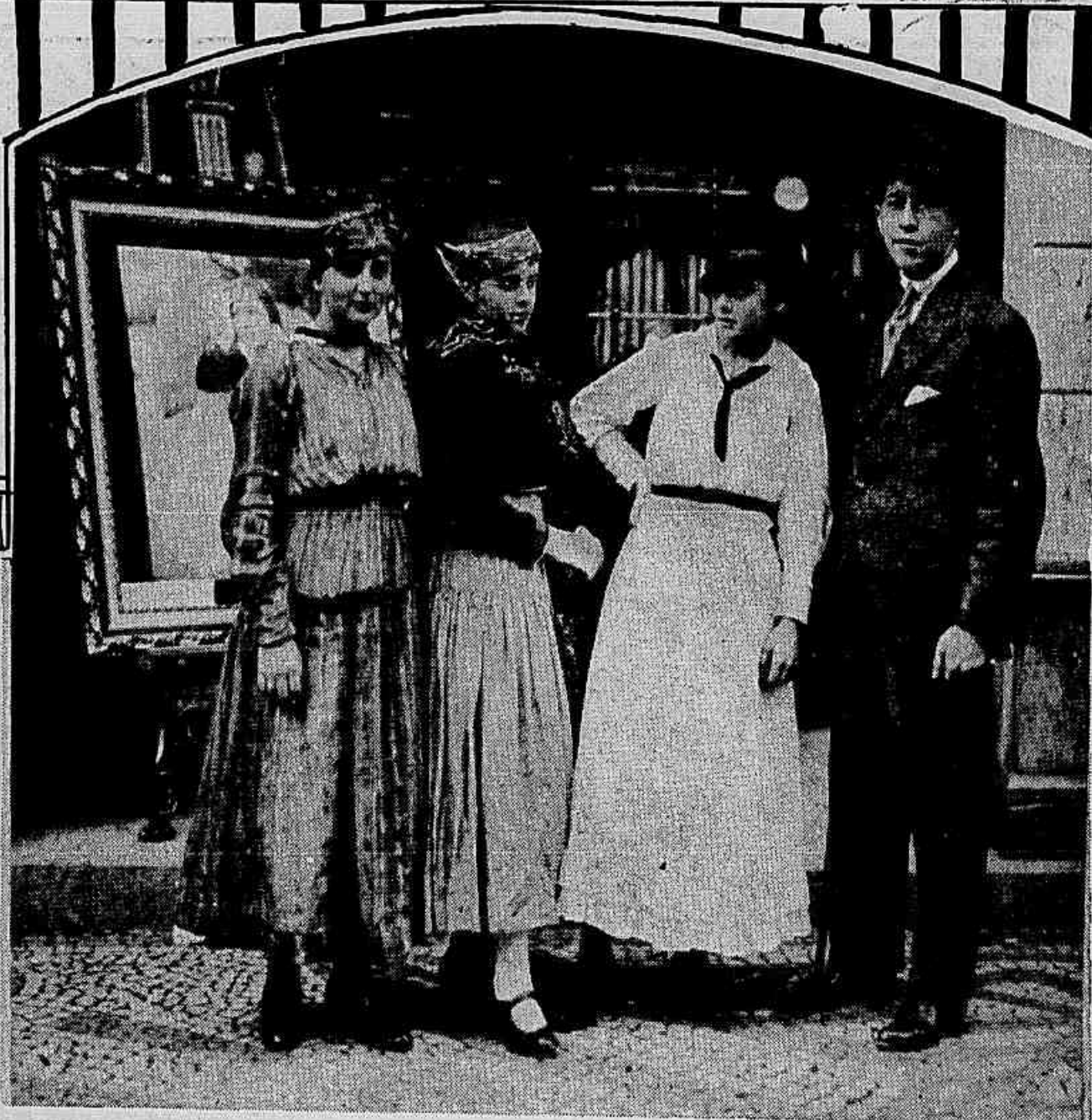
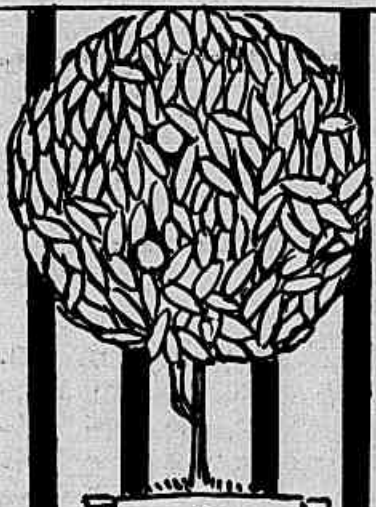
tros, mediante a telegraphia sem fio. E foi assim que se desenvolveu esse systema de informações, o qual pôde funcionar, quasi sem descontinuidade, nos paizes menos perturbados pela repercussão do conflicto. A Hespanha é um delles. Eis o quadro do dia radio-telegraphico:

- 5 horas — Norddeich (300 palavras mais ou menos); mixta, antes official.
- 8 horas — Torre-Eiffel (400 palavras); informações geraes.
- 10 horas — Nauen (radio-telegramma chamado das mil palavras); informações geraes; extractos de imprensa.
- 10 horas — Coltano (150 palavras); boletim militar.
- 11 horas — Lyon (500 palavras); extractos de imprensa.
- 15 horas a 15 horas 30 — Torre Eiffel (300 a 400 palavras); informações diversas.
- 17 horas — Londres, estação do almirantado (300 a 350 palavras); mixta.
- 18 horas — Torre Eiffel (300 a 400 palavras); informações diversas.
- 22 horas — Norddeich (400 palavras); boletim militar.
- 22 horas 30 — Coltano (150 palavras); boletim militar.
- 23 horas — Torre Eiffel (300 palavras); informações diversas e comunicado.
- 23 horas 30 — Poldhu (300 palavras); mixto.
- Oh. 30 — Carnavon (2.000 palavras); informações geraes; contra-partido Nauen de 10 horas.

O radio-telegramma de Nauen é o serviço mais recente da propaganda allemã.

Quanto ás informações inglezas, teem tendencia em amalgamar as noticias de origem officiosa com as informações officiaes. Seria desejavel que, com um systema de informação tão completo, a imprensa neutra restabelecesse a objectividade desejavel. Intelizmente a exasperação das sympathias e das antipathias, que os acontecimentos actuaes desenvolveram, não somente alterou a serenidade dos commentarios, como tainbem, muitas vezes, modificou mesmo o caracter das informações.





Rio em flagrante

Instantaneos obtidos ds portas do
Cine Palais, o cinema elegante da
Avenida Rio Branco.

Jeunesse

GALERIA DA REVISTA

A se sentir parfois une âme si pro-
[fonde
Qu'on en frissonne un peu! ...

Jeunesse qui t'en vas si vite du
[visage
Et plus vite du cœur,
Ne laissant après toi, que l'incer-
[tain mirage
D'un effacé bonheur;

Toi qui, non seulement fardant nos
[joues de rose,
Nos âmes de passion,
Magicienne aux yeux d'or, em-
[bellis toute chose
Du fard de l'illusion.

Car de chaque moment à venir tu
[sais faire
La merveille imprévue,
Que d'un cœur ébloui de croyance
[on espère
D'une attente éperdue...!

Toi qui donnes au jour des matins
[tant de sève,
Tant de langueur aux soirs,
Sirène, dont la voix enchante notre
[rêve
D'un «allegro» d'espoir...

Tzigane, qui t'en vas par les sentiers
[errante,
Sans t'inquiéter jamais
Des regrets que laissa ta grace in-
[souciant
Aux chemins déjà faits.

Jeunesse,—oh! nouveauté des specta-
cles du monde,
Étonnements heureux,



Mlle. San Juan (Marla Luiza)

Jeunesse,—oh! féerie d'un ciel trop
[étoilé,
Divins ravissements,
Parce qu'un cher regard sur vous
[s'est attardé
Peut-être un peu longtemps!...

Jeunesse—ardents chagrins que l'on
[oublie si vite,
Beaux rires sans propos,
Projets inconséquents où l'on se
[précipite
Comme dans un galop.

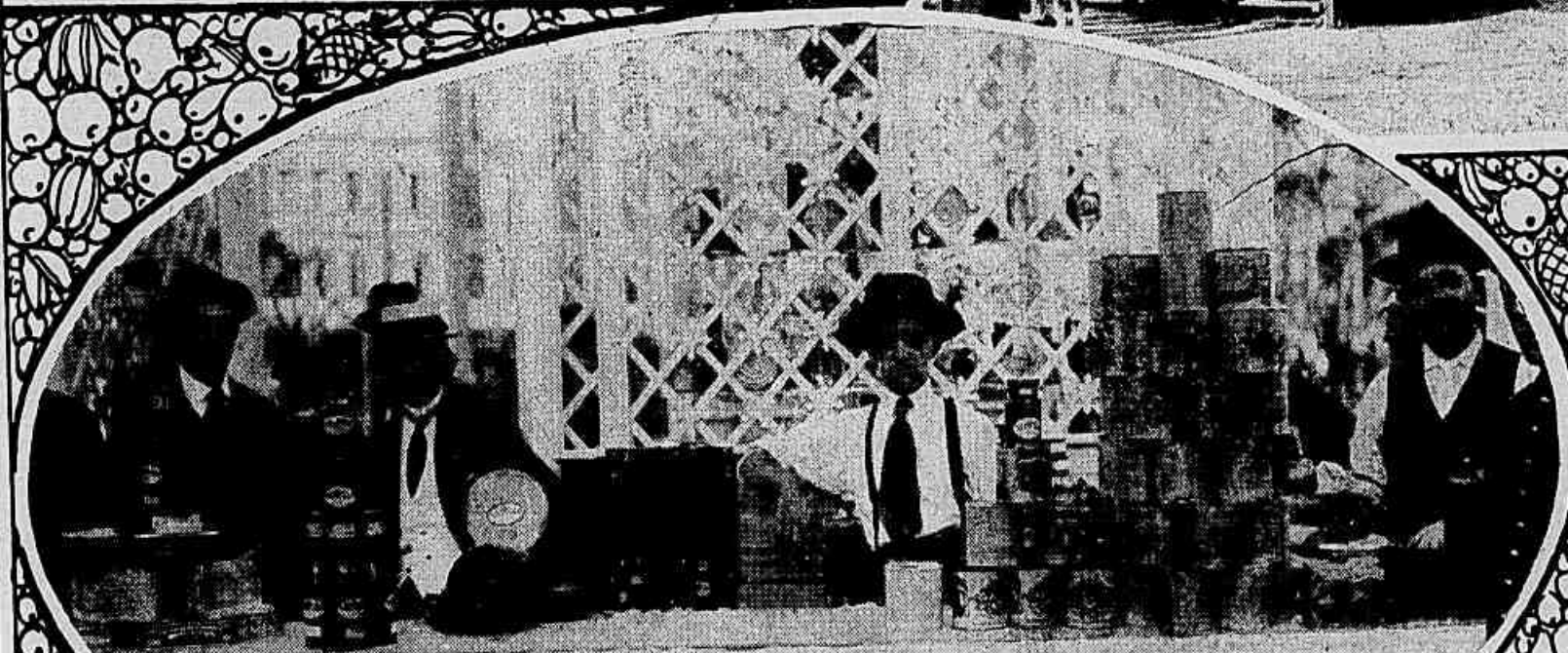
Jeunesse—dont tout heure emporte
[une parcelle,
Et dont déjà mes yeux
Regardent éperdus s'éteindre l'étoi-
[celle
Oh! ma jeunesse, adieu!...

Toi que j'aurais voulue si palpitante
[et riche
De saines émotions,
Tu demeuras en moi comme une terre
[en friche
Aux stériles sillons,

Mais de ton souvenir pourtant,
[oh! passagère,
Mon âme gardera
Comme la fraîche odeur d'une
[rose trémière
Qu'un zéphir effeuilla...

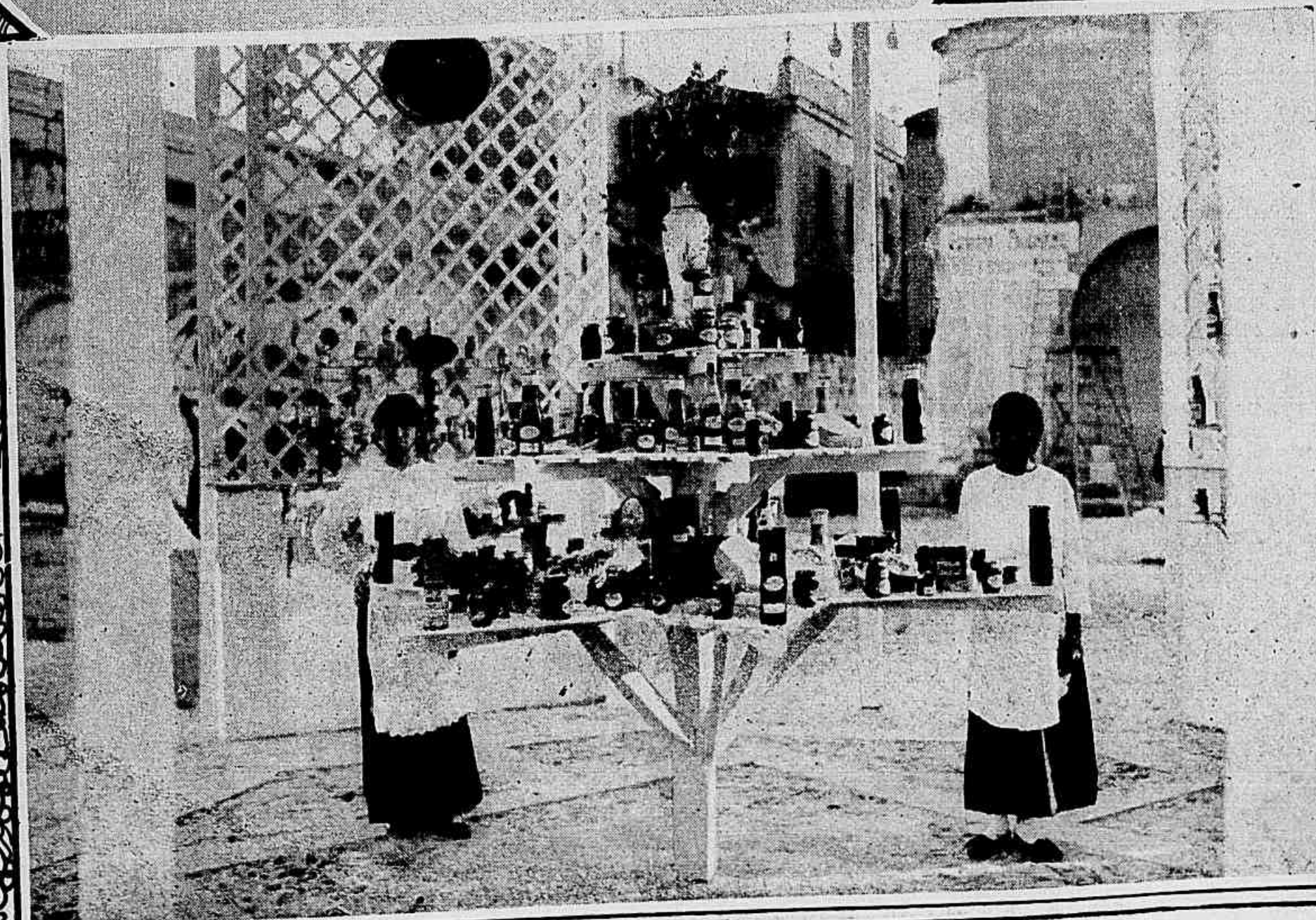
A Companhia Manufactora de Conservas Alimenticias

Na 2ª Exposição-Feira—1— O magnifico aspecto do pavilhão construido no recinto da Exposição. 2— Balcão onde se vendiam os deliciosos productos fabricados pela Companhia Manufactora de Conservas Alimenticias. 3— Interior do bello pavilhão, vendo-se ao centro o artistico



e original mostruario, com os doces e conservas.

Rua D. Manoel, 33
Rio de Janeiro



Salão Academico

Exmas. Senhoras

Temos a honra de lhes apresentar alguns penteados que constituem a verdadeira MODA do dia. Foram executados pelo afamado cabeleireiro Maurice, a quem acabamos de confiar a direcção dos nossos salões para as damas elegantes.



Coiffure de
Théâtre.

"L'Enveloppeuse"

cobrindo toda a cabeça,
desde..... **60\$000**

"Chignon coque"

estilo 1830

desde..... **15\$000**

Attende-se a chamados



Coiffure
de Soirée



Coiffure
de Ville.

Nos nossos salões

Ondulações à Marcel,

preço **3\$000**

Tintura Henné

em todas as cores

desde **25\$000**

Telephone 1505, Norte

Rua do Ouvidor, 165.

A Confeitaria Colombo

na Exposição de Fructas.



O bello mostuario de seus productos.



COFRES NASCIMENTO — S. Paulo e Rio

SÃO OS QUE TEM DADO MELHORES PROVAS ATÉ HOJE, CONTRA O FOGO E ARROMBAMENTO
Os cofres NASCIMENTO são fabricados pelos processos mais modernos, resistindo aos aparelhos
"Corôa", empregados ultimamente pelos assaltantes

COFRES DE 150\$000 A 3:000\$000

Deposito. Rua Quintino Bocayuva, 41—S. Paulo — Filial: Rua Uruguayana, 143—Rio

CASA GUIOMAR

Pelo correio mais 2\$000

Telephone, 4.424, Norte

Avenida Passos, 120



16\$000—Mimosos superiores sapato de pelica envernizada, salto Cavalliere e de sola, tres tiras e fivelinhas, de apertar ao lado, artigo "dernier cri" de Paris.—Ainda o mesmo artigo e feito com tres botões'nhos, salto de sola, 16\$000.



14\$000 — Sapatos de pelica envernizada, salto Cavallieri, com pulseira — Ultima criação da moda. Ditos idem, idem, salto Luiz XV, 16\$000; Ditos de velludo, salto Luiz XV, 15\$000; Ditos de velludo, salto Cavallieri, 13\$000 Ditos de camurça branca, salto Cavallieri, 16\$000.

CARLOS GRAEFF & C.

A CURA DAS MOLESTIAS CAPILARES

está unicamente no uso do:

"SEGREDO DA FLORESTA"

Os cabellos constituem, indubitavelmente, o principal ornamento da humanidade! Especialmente na mulher, os cabellos bellos e profusos predominam como o maior factor de belleza! E' preciso, pois, tratá-los carinhosamente, renovando-lhes o vigor, expurgando-os das caspas e outros parasitas que, commummente, atacam o bulbo piloso atrophian-do-os de tal forma que se torna imminente o seu exterminio. Não basta a cura da enfermidade de que se resentem: é preciso, tambem, conservá-los sãos e em completo estado de antisepticia, maciez e elasticidade para que os pentes não sejam, egualmente, um factor de sua destruição. Para se obter todos os resultados de cura e boa hygiene basta usar o poderoso tonico extrahido da soberba flora brasileira

"SEGREDO DA FLORESTA"

Independente de seu effeito curativo, é tambem agradabilissimo o seu uso. Elle perfuma, refresca, dá brilho, restaura as aóres e conserva os penteados sem amarrar os cabellos.

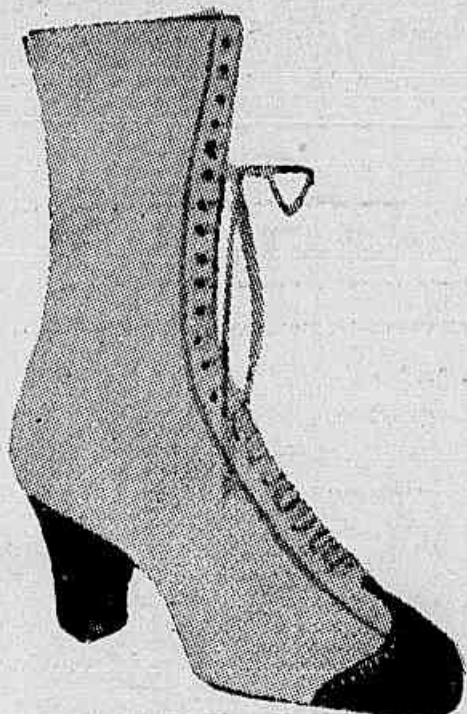
Vende-se em todas as Pharmacias, Perfumarias e Drocarías.

Depositaríios Geraes — **BARROS & CASTRO**

RUA DE S. JOSE', 115

Telephone 4770, Central

PARA DAR BRILHO A'S UNHAS SO' "SMART CALOMINO"



Borzeguins de camurça branca, pollica envernizada 20\$, 22\$ e 24\$.

ULTIMA MODA

Borzeguins de casimira, gaspea de pellica envernizada, 18\$, 13\$, 20\$ e 22\$

Grande liquidaça annual de diversos calçados

BOTA FLUMINENSE

109, Rua Marechal Floriano, 109
Canto da Avenida Passos



Ultima novidade em sapatos de verniz e bezerro setim
15\$, 16\$ e 18\$.



Francisco de Oliveira Barbosa

VICTORIA

Illms. Snrs.

Viuva Silveira & Filho

RIO DE JANEIRO

Um illustre Pharmaceutico

O Pharmaceutico Francisco de Oliveira Barbosa, diplomado pela Academia de Pharmacia de Ouro Preto, tendo em vista os innumerados resultados obtidos na cura radical de pessoas a quem aconselha o uso do "ELIXIR DE NOGUEIRA", magnifico preparado do Pharmaceutico João da Silva Silveira, resultados esses que prova com pessoas que já se achavam em estado desanimador de se curarem da syphilis, terrivel flagello que tanto assola a humanidade soffredora, attesta que é um excellente preparado, a seu ver, como o primeiro depurativo que até então conhece.

Victoria, 11 de Abril de 1913.

Francisco de Oliveira Barbosa.
Pharmaceutico.

Vende-se em todo o Brasil, Republicas Argentina, Uruguay, Paraguay, Bolivia, Perú, Chile, etc.

OS NOSSOS AGENTES GANHAM DINHEIRO



Desejamos agentes em todas partes, para introduzir a nossa completa linha de retratos amplificados, quadros, molduras, espelhos e toda classe de artigos d'arte e novidades.

Não se necessita experiencia, nem que Vce. deixe os seus outros negocios ou occupaões. Este negocio se pode trabalhar solo ou em combinação com qualquer outra empresa ou emprego.

Estes artigos permitem cargar bons preços e obter maior proveito que trabalhando qualquer outro negocio.

Enviamos catalogo e libro de instruccões em Hespanhol, gratis. Baixo nossa experta guia é facilissimo estabelecer esta empresa. Levamos 20 anos no negocio d'exportação e a nossa experiencia a pomos a disposiçaõ dos nossos agentes.

A nossa é uma das mais importantes casas neste negocio. Damos referencias Bancarias e de casas commerciaes. Correspondemos em Portuguez.

Consolidated Portrait & Frame Co.

1029 W. Adams St.

Dept. P 1.

Chicago, Ill., E. U. de A.

Pequeno Anuário de Informações Úteis



SAQUES

S. ore Portugal, Hespanha
Italia, França, Londres, etc.

ZENHA, RAMOS & C.

Rua Primeiro de Março, n. 7.



Em todas as "Leiterias Bol" encontra-se á venda a sua optima «Manteiga Bol» fresca, fabricada com creme pasteurizado, de fino aroma, agradável paladar e isempta de microbios e germens nocivos. — R. Ferreira Leite. — Telephone 609, Norte. Casa Matriz, R. Gonçalves Dias, 73.

Leiteria Minerva. — Leite pasteurizado, manteiga especial, com e sem sal. — Rua do Cattete, 311. — Telephone n. 1.541.



Cascata—Café e Restaurant—O maior estabelecimento no seu genero da America do Sul.—Almoços e jantares especiaes.—Café superior. — Bebidas de primeira qualidade —S. F. Teixeira, 66, rua do Ouvidor, 68.—Telephone 103, Norte.

MOVEIS

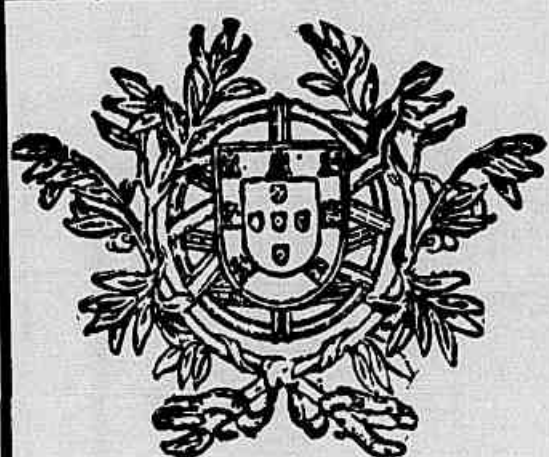
Leão dos Mares

DORMITORIOS DE ESTYLO,
500\$000. GRANDE VARIEDADE
DE MOVEIS A PREÇOS MODICOS

MOURÃO & MERICO

L. rg. da L. p. 3, 110

TELEPH. 882-C.—Rio de Janeiro



BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

Séde em Lisboa

Fundado em 1864—Capital 12.000 contos fortes
Saques á vista e a praso sobre todos os paizes.

Depositos á ordem e a praso ás taxas mais vantajosas do mercado.

Empréstimos caucionados. Descontos, cobranças e todas as operações bancarias. Filial no Rio de Janeiro, RUA DA QUITANDA — ALFANDEGA.

Agencia na Cidade Nova, PRAÇA 11 DE JUNHO.

Na vida installe-se bem

COMPRE MOVEIS

RED-STAR

Pagamento á vista e em prestações combinadas

Rua Gonçalves Dias, 71
Uruguayana, 82

N. TEIXEIRA & C.

Locação de predios

Serviços Commerciaes e Agricolas

Rua Buenos-Ayres, 27

Telephone 766, Norte

(ANTIGA DO HOSPICIO)

FUMEM MISTURA ALLEN

Assembléa, 106

Canto de Gonçalves Dias

Charutaria Allen

MOVEIS

Mobílias para todos os gostos, sortimento para os mais exigentes, condições de venda as mais vantajosas certifiquem-se visitando o grande armazem e deposito á 27, Rua dos Andradas, 27

A. F. COSTA

N. B.—Envia-se gratis a quem pedir catalogos e mais informações

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166 — Rua do Ouvidor — 166

Rocha Pombo: Dicionario de Sinonimos da lingua portugueza, 1 vol.

651 paginas 6\$000

João do Norte : Praias e Varzeas, 1 vol. 2\$000

Afranio Peixoto : Maria Bonita, romance 3\$000

Fabio Luz: Elias Barrão, 1 vol. brochado 3\$000

Generos alimenticios—Bons e baratos. — Praça José de Alencar. — Colombo.

KOLA SOEL

Dá vida e vigor. E' o melhor tonico. Depositos: Araujo Freitas & C., rua Ourives, 88 e Pharmacia Marques.

PRAÇA TIRADENTES, 40-42

RIO DE JANEIRO

LOTERIAS DA CAPITAL FEDERAL — Companhia de Loterias Nacionais do Brasil

HOJE, SABBADO 22 DE JULHO

A's 3 horas da tarde --- 300-30ª

== 1 0 0 : 0 0 0 \$ 0 0 0 ==

Por 8\$000 em decimos

TOLUOL

Cura tosses, bronchites, etc., em 48 horas. Depositos: Araujo Freitas & C., rua dos Ourives, 88 e Pharmacia Marques.

PRAÇA TIRADENTES, 40-42

RIO DE JANEIRO

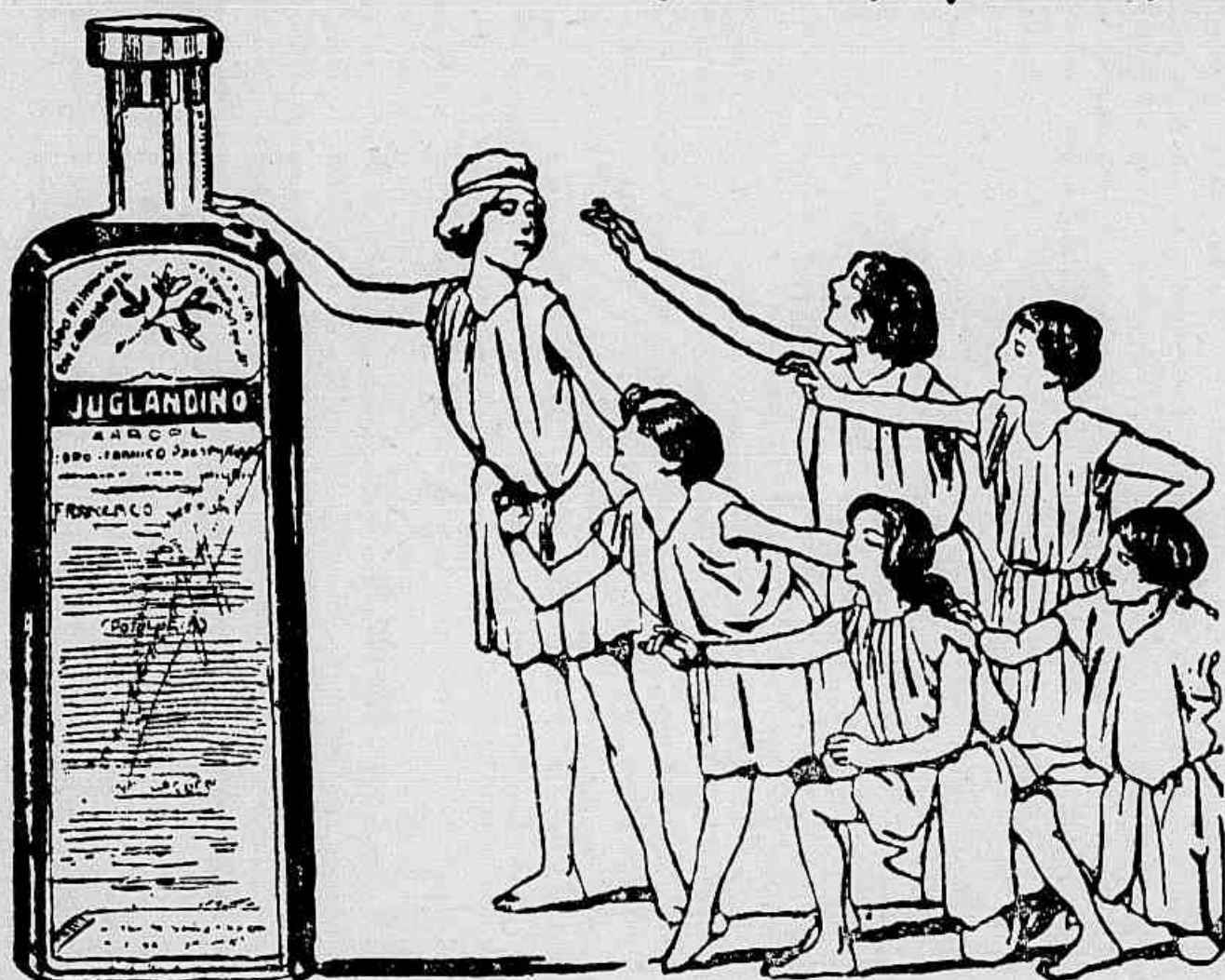
PEROLAS...

Por uma profissional, enfiam-se collares de perolas á vista dos freguezes na joalheria

ISIDORO MARX

138, OUVIDOR, 138

Creanças Pallidas, Lymphaticas, Escrophulosas, Rachiticas ou Anemicas



O **Juglandino de Giffoni** é um excelente **reconstituinte geral** dos organismos enfraquecidos das creanças, **PODEROSO TONICO, DEPURATIVO E ANTI-ESCROPHULOSO**, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.

E' superior ao oleo de figado de bacalháo e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o **iodo vegetal** intimamente combinado ao **TANNINO** da nogueira (**JUGLANA REGIA**) e o **PHOSPHORO PHYSIOLOGICO** medicamento eminentemente vitalizador, sob uma fórma agradável e inteiramente assimilavel. E' um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e ás emulsões; d'ahi a preferencia dada ao **Juglandino** pelos mais distinctos clinicos que o receitam diariamente aos seus filhos. Para os adultos preparamos o **VINHO IODO TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias.—Deposito geral: Pharmacia e drogaria de **FRANCISCO GIFFONI & C. — Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro**

Não ha nada que dê mais cuidado aos paes do que uma creança rachitica e doentia

Em quanto a digestão é perfeita e a saude é boa, não ha perigo; quando, porém, a creança começa a empallidecer, mudando a cor do rosto a cada instante, e vae enfraquecendo gradualmente apesar d'um appetite insaciavel, sobrevindo córes do estomago, colicas, convulsões e paralyrias, urge ver o modo de cural-a.

Pois os symptomas acima em geral indicam que a creança tem lombrigas, contra as quaes nada é de resultado tão prompto e satisfatorio como o Vermifugo «Tiro Seguro», do Dr. H. F. Peery, unico genuino, propriedade exclusiva da Wright's Indian Vegetable Pill Co. Usa-se conforme as direcções da circular que acompanha cada frasco.

VENDE-SE EM TODAS AS DROGARIAS E PRINCIPAES PHARMACIAS DO BRASIL

Wright's Indian Vegetable Pill Co.

372, PEARL STREET.

NEW-YORK, E. U. DE A.

O LOPES
É QUEM DÁ A FORTUNA
MAIS RAPIDA NAS
LOTÉRIAS
E OFFERECE MAIORES
VANTAGENS AO PÚBLICO
CASA MATRIZ
• OUVIDOR, 151 •
FILIAES: QUITANDA, 79
 (Esquina de Ouvidor.)
1º DE MARÇO, 53 • LARGO DO ESTACIO DE
SA, 89 • RUA GENERAL CAMARA, 363
 (Canto da rua do NUNCIO.)
RUA DO OUVIDOR, 181 • 15 DE NOVEMBRO,
50. S. PAULO.



A. DOUBLET

A mais importante Casa de Cabelleireiro de
Senhoras do Rio de Janeiro

OUVIDOR, 149

Telephone 1263, Norte

Henné, a tintura ideal para todas as côres 10\$000 e 12\$000

A ULTIMA MODA

para penteado de
noivas e *soirées*.

Ondulação Marcel
garantida

Visite a casa

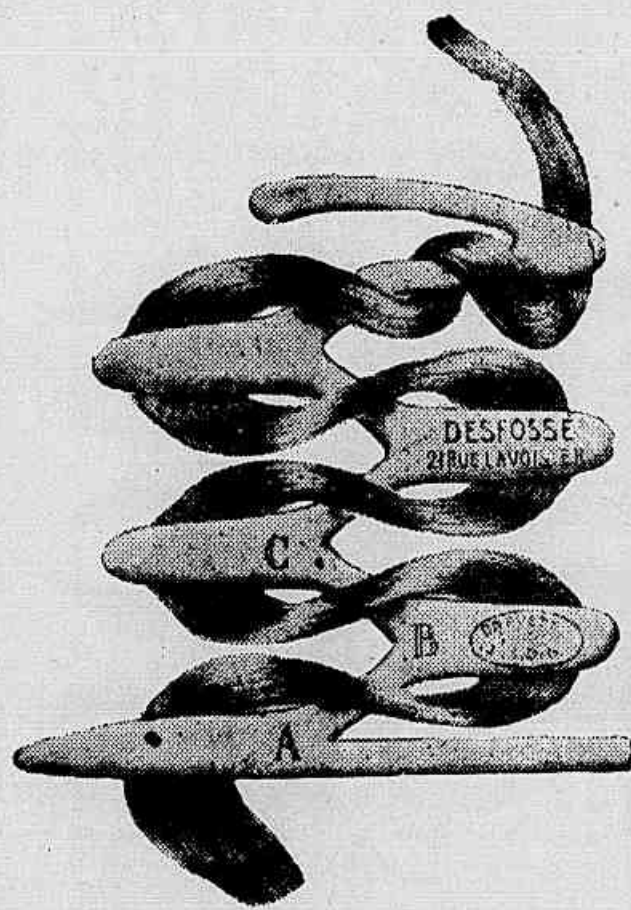
DOUBLET

onde tereis occa-
são de admirar
uma verdadeira
exposição de pos-
tiços artisticos,
de cabellos ondu-
lados naturaes.

Salão para corte
de cabellos
de creanças.

Manucure

Catalogo Gratis



Ondulador "Desfosse", o melhor
até hoje conhecido.

ESTA NÃO ESCAPA Sirva-lhe a experiencia
DE HOJE PARA O FUTURO....

COMPRE SÓ
NA
"A INDEPENDENCIA"



RUA do THEATRO, 1

Telephone 476. Central



Jornal da Família

N.

47

Modas, Costumes e bordados, A vida no Lar, Receitas e Conce'hos praticos, Economia

Domestica, Hygiene de Belleza, Alimentação

22

7

1916

MODAS

Os casacos curtos estão sendo um resultado de mil combinações diversas, imitando-os às vezes também no mesmo corpo do vestido. Os bolsos, porém, são tão pequeninos, que nem ao menos se lhes pode metter o lenço. As golas enfeitam-se com ruches levantadas, formando na nuca uma gola Médicis, e são de tulle, "linon", renda ou "crepon". Alguns delles — e novamente é a tendencia militar a accentuar-se — enfeitam-se com largos galões e parecem uma imitação das fardetas dos zuavos, outros, em panno cinzento de "battlefield" como que evocam as silhoetas dos "scotchgardts", especialmente

se acompanhados de saias largas, amplas, "plissés" e tão curtas, que descobrem "coquettement" a perna.

Esta moda, quando não exagerada, dá um tom "chie", sendo, porém, sempre ajudada d'um calçado elegante, alheio a qualquer defeito.

As botinas devem ser altas, muito altas, com laços ao meio,



mesmo panno, sem folhos. A saia ampla e toda em volta em folhinhos.

Se o vestido fôr amarello, côr de rosa ou azul, as roupas interiores devem ser eguaes.

Agora no que ha menos phantasia é nas camisas de dormir, que se confeccionam quasi exclusiva mente em "chiffon" rosa ou preto.

Com relação á guerra, porque não dizer a verdade? emquanto tantos corações seguem os acontecimentos dolorosos d'uma parte da humanidade, a outra frequenta os salões, theatros, passeios, concertos, etc., e se em Paris continúa a vida normal, em Londres, desde que ella reben-tou, em nada mudou a vida

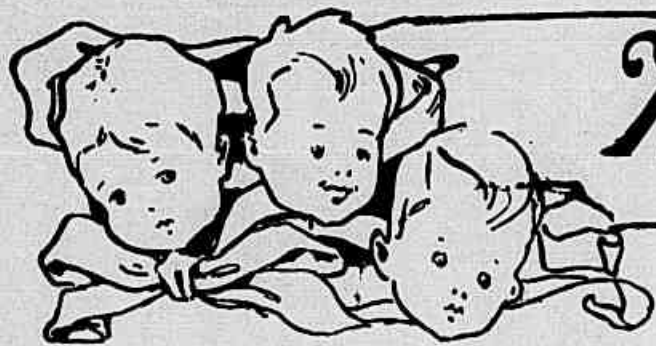
1 — Toilette muito elegante, saia "drapée" feita numa só peça, «blouse» em «chiffon» tendo em volta da cintura uma larga renda, e grande chapéu com dois amores pertencendo de pequenas "rouges", "blouse" kimono, fechando na frente com uma fila de velludo preto.

ou abotoadas ao lado com botões Derby harmonizando o conjuncto simples com a côr do vestido. Um sapatinho elegante acompanhará a saia, formando muitos franzidos.

Quanto á roupa interior faz-se de "chiffon". Para uma "toilette" "mauve" a camisa será de "chiffon" da mesma côr, com applicações de tulle creme e Chantilly. As calças muito curtas e do

elegante. E' crível que se respon-da que ha o seu quê de razão: não só empregam os que sem essa resolução ver-se-iam a braços com a miseria, mas mesmo para tirar um tanto da tristeza que pesa na Cidade-Luz.

Comtudo os espiritos magoados, os que sabem soffrer como poucos, acham o contraste muitissimo doloroso...



Moda Infantil



A creança animada! Não ha palavras mais tristes, porque indicam que se passa por tudo que ellas fizeram. E assim, tra-



tam a mãe como uma creada e o pae como um professor aborrecivel. Os que cedem a esta desvairada fraqueza, colhem sempre a indiferença e o desdem dos filhos. Uma creança diverte-se facilmente em fazer da mãe a sua primeira victimia, e não será a unica: toda a sociedade soffrerá por ter no seu seio um egoista a mais.

Chapéu de palha d'Italia; a copa é coberta com «staff-ia», cahindo uma comprida pontado lado esquerdo, tendo uma rosa encarnada.

[10 a 12 annos]

A primeira virtude d'uma mãe, é a energia, a justiça. Não pode

melhor mostrar o seu amor materno do que ser severa quando o filho anda mal. Ella é a consciencia visivel da creança. Quando a acaricia em demasia, perverte-a.

Quanto a esses gemidos, essas lagrimas vertidas despropositadamente, não passam d'uma fraqueza. O verdadeiro amor é austero e ao mesmo tempo suave; incita ao bem, não consente o mal, e é assim que faz ao mesmo tempo a felicidade da mãe e da creança.

Não basta ser inflexivel com os filhos, é preciso educal-os sem fraqueza, fazer-lhes uma vida sobria, antes rude que desprovida de difficuldades, habituando-os a levantarem-se cedo, pondo-se em seguida ao trabalho.

Levantar cedo, diz um velho proverbio, dá saude, fortuna e felicidade. E quando tudo isto se pode comprar tão barato, ser-se-ia bem culpado não aproveitando o ensejo.

Se quizerem que desde o berço os filhos sejam homens, inspire-lhes um profundo desprezo por essas necessidades artificiaes, que proveem do habito e não d'uma propensão natural, espalhadas na sociedade. O luxo só faz mal. A creança deve ser educada com o seu tanto de severidade no lar paterno. E' um calculo seguro

para lhe dar mais tarde o bem estar.



Vestido para menina de 6 annos em flanella verde "festonné" a côr de rosa ou azul, gola e canhões de flanella branca.

OS BAILES

Os monumentos figurados e os textos de todas as epochas, mostram a existencia do baile nas civilisações passadas.

E assim, do Egypto, temos as pinturas de Memphis e de Thebas, representando bailarinos e bailarinas, provavelmente escravos, que executam passos graciosos, piruetas, meneios de braços, enlaços de mãos, diversas attitudes, expressados tambem nos geroglyphicos, medidos por instrumentos ou pelo choque rythmico das mãos ou das castanholas. Quanto aos hebreus estavam divididos em dois côros: canto e baile, e nas solemnes cerimoniaes religiosas, mostravam os sacerdotes o seu reconhecimento ao Todo Poderoso, dansando; David dansou diante da Arca da Alliança, desde a casa d'Obedom até á cidade de Bethlem, e os israelitas demonstraram a Deus a sua gratidão por terem passado o mar Vermelho, dansando ao compasso dos canticos que improvisou a irmã de Moysés. Os indios e os chinezes introduziram antigamente nos seus ritos religiosos umas dansas mimicas que

symbolisavam o curso harmonioso dos astros, segundo as suas cosmogonias, rito que tambem praticaram os sacerdotes egypcios



d'Apis, em torno do carneiro d'ouro.

O baile e a musica figuravam entre as cerimoniaes dos sacrificios, especialmente em Delos. Os côros, compostos de gente nova, iam de mãos dadas, só os mais habéis dansavam a sós. A dansa com que em Hespanha as raparigs honravam Diana, consistia em movimentos rapidos. Quanto

às bacclicas, as bailarinas tocavam cymbalos ou pandeiretas.

Em Pompeia, as bailarinas de profissão, que se alugavam para divertir os convidados durante os festins, vestiam amplas tunicas de gaze, e como no imperio romano o faziam nuas, os padres da Egreja lançaram-lhes o anathema. A maior parte dellas eram da Asia Menor. Xenophonte descreveu a dansa que executou a sua armada depois da retirada dos Dez Mil. A mais primitiva das dansas, a "gnossiana", realisava-se em volta dos altares e das victimas. Romulo inventou a primeira dansa guerreira. Em 360, os histriões executaram uma para afastar a peste que avassallara Roma. Nenhum cidadão romano devia tomar parte senão nas sagradas para se não envilecer, mas mais tarde os bailarinos foram honrados como heroes.



Para "Mademoiselle" ler

OS TRES ERROS DA VIDA



Tratar d'estabelecer para si proprio regras do bem e do mal e suppor que toda a gente se regerá por ellas;

Pretender medir com o seu critério os prazeres dos outros;

Illudir-se com a convicção que no mundo pode haver uniformidade d'opinões;

Esperar que na mocidade haja juizo e experiencia;

Empenhar-se em fundir todos os caracteres no mesmo molde;

Não ceder quando se trata de ninharias;

Buscar a perfeição nas suas acções;

Apoquentar-se e apoquentar os mais pelo que não tem remedio;

Deixar d'auxiliar qualquer logo que se pode, sempre, e em toda a parte;

Considerar uma cousa impossivel porque não a sabemos executar;

Obstinar-nos em acreditar apenas o que o nosso espirito limitado pode alcançar;

Não tomar em conta as fraquezas alheias;

Apreciar os homens por algumas qualidades exteriores, quando as que menos se notam são as que determinam o que elles são.



LENDA BULGARA



Eram dois irmãos: a um sahia tudo bem, ao outro tudo mal.

Um dia, voltavam juntos do campo, o rico a cavallo e o pobre a pé. Aquelle disse-lhe:

— Esqueci-me lá em baixo d'um cabresto; vae buscal-o.

Obedeceu, mas no sitio indicado encontrou um homem a fazer feixes de lenha.

— Que fazes ahi, ladrão?

— Enganas-te, estou trabalhando para teu irmão. Sou a sua ventura. Porque todos a teem, mas como muitos não a sabem ver, por isso a perdem.

— E como poderei eu encontrar a minha?

— Achal-a-has no bosque, mette-a de seguida n'uma bolsa, e dá depois com ella tantas vezes n'uma parede até que se produzam tres nozes.

Tudo se realisou como estava dito, mas não sabia o que havia de fazer com as nozes. Ao fim, depararam-se-lhe tres rapazes que estavam luctando por causa d'uma vasilha que acabavam de desenterrar; para os apaziguar, deu-lhes as tres nozes em troca da vasilha. Esta encerrava um thesouro, e a partir d'então foi feliz.

Historia das operas

"Acide e Galathéa", op. ital., (Haydn, Vienna, 1780). O velho mestre da symphonia escreveu, pelo menos, 22 operas, hoje completamente esquecidas, mas cujas arias soltas podiam ser cantadas nos concertos com grande interesse.

"Em Clichy", op. com., 1 a., de Dennery e Grangé, (Adolphe Adam, Theatro Lyrique, 1854).

"Acomato", op., (Giordani, Pisa, 1783).

"Aconcio e Cydippo", op. al., (Agthe, Ballenstedt, 1784).

"Acteon", op. com., 1 a., (Mar-



co Antonio Charpentier, n. 1634, m. 1702). Foi discipulo de Carissimi. Só se conhece a sua musica d'egreja. Organista da Capella Santa do palacio durante muitos annos.

"Acteon, a joven de Corintho", op., 3 a., de Rodenberg, (Bott., Theatro Real, Berlim, 1862).

"Laura, ou a actriz em sua casa", op. com., 1 a., de Marsollier, (Dalayrac, Opera Comica, 1799). A actriz ensaia os seus papeis, recebe visitas, e entre ellas a d'um rapaz, auctor timido, que lhe descreve a sua paixão n'uma scena de que a artista percebe os intuitos. O pae chega, deixa-se impressionar, e consente no casamento.

"A força da astucia feminina ou Adalberto", op., (Antonio Draghi, Vienna, 1697).

"Adeana", op., (Gomis, Madrid 1818).

"Adelaide de Borgonha", op., (Carnicer, compositor hespanhol, Opera Italiana, Barcelona, 1818).

"Adelaide", op. ital., (Sartorio, Veneza, 1672).

"Adelaide de Borgonha", op., (Rossini, Theatro Argentina, Roma, no Carnaval de 1818). E' a 22ª composição do grande maestro.

"Adelaide di Franconia", op., (Combi, Trieste, 1878).

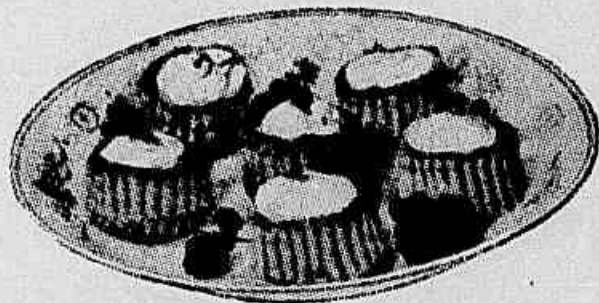
"Adelaide e Guesclino", op. seria, (Mayer, Phenix, Veneza, 1799).

(Continúa).

Nossa alimentação

EMPADINHAS AO NATURAL

Pegue-se em massa folhada, a qual tenha levado cinco voltas, faça-se um fundo de 4 millímetros d'espessura, e desse fundo tantos bocados quantas empadinhas se quizerem. Reunam-se as aparas da massa e faça-se igual numero de bocados um pouco



mais delgados; colloquem-se os primeiros sobre um fundo a pequena distancia uns dos outros; deite-se no meio de cada um delles um pouco de picado ou recheio de gordo ou de magro e cubram-se com os bocados delgados, e mettam-se no forno. E' melhor comel-as quentes.

MACARRÃO A' ITALIANA

Deve-se cozinhar quando haja carne estufada, porque o molho d'esta é um dos seus principaes temperos. Deita-se o macarrão em agua a ferver, temperado com



sal. Em fervendo um bocado, tira-se e põe-se n'uma caçarola, cobrindo-se com o molho, muita manteiga, queijo parmesão ralado e mangerona picada, misturando bem, antes de deitar sobre a massa. Leva-se tudo ao lume e vae-se mexendo com dois garfos. Come-se simplesmente ou acompanhando outras eguarias.



Annuncio:

«Precisa-se d'um individuo honrado, com boa calligraphia para trabalhar 14 horas diarias».

Apresenta-se um candidato.

— Tem as condições exigidas?

— Sim, senhor.

— E terá paciencia d'estar encerrado tantas horas n'uma casa?

— Acabo agora mesmo d'estar seis annos n'uma...

— Onde?

— Na cadeia.

CHARADISMO

3.º TORNEIO JULHO — AGOSTO

2 PREMIOS AOS DOIS MAIORES DECI- FRADORES

A casa «O Crystalino» da rua Uruguayana, 39, offerece um lindo par de jarras para flores.

Charadas Syncopadas 31 a 33

Ao Jofali, em retribuição.

POR LETTRAS

Muito agradecido fiquei por elevar-me a tão alta dignidade 5 — 4.

Alli—K—T.

Por syllabas — 5 — 3 — No collegio ha um homem sincero.

Tio Góes (Bebedouro, S. Paulo).

Não seja precipitado, desça devagar da arvore.

Max-Linder.

Charadas Anagrammas 34 a 36

7 — 2 — D. Branca, eis o homem.

Tachy-Nê.

6 — 2 — Com a planta fiz um chá para este velhaco.

Cyrano.

Josésinho ganhou esta moeda 5 — 2.

Kaiser.

Charadas Novissimas 37 a 39

Nota, que o astro navega no mar 1 — 2.

Sabiatica.

Já está descoberto que aquelle que corre, mais tarde é reconhecido 2 — 2.

Quichote.

No mercado ficou em difficuldade com a pedra o magistrado 3—1—1.

K. Rolin.

Charadas Metegrammas 40 e 41

(varia a ultima) — 8 — 2 — Temos e tememos.

Mustaphá.

(varia a ultima) — 6 — 2 — E' mui pequeno este passaro nadador.

Jonaboli (S. Paulo).

Charadas Electricas 42 e 43

4 — Quem vier a minha morada terá boa recepção.

Zé Maria (Bebedouro, S. Paulo).

3 — Desastre fatal.

D. Folo.

Charadas Antigas 44 e 45

Gosto do peixe que é frito — 3 —
Em banha de tartaruga;
Costelletas de cabrito
Com polvilho de jacuba.

Sendo aberto numa ilharga — 2 —
Um peixinho; e recheado
Com verdura um tanto amarga
Deixa um pobre esbagoado.

Ethalides Paraense (Pedreira - Pará).

Minha charada catita
E' para vós, meu amigo
Não póde ser mais bonita
Desde que estava commigo.

E' um vivente a primeira
Sente, vive... é animal — 1 —
Se tosse assim de carreira
Era uma flexa ideal — 2 —

Dominando a baralhada
Não achareis escondida
Esta catita charada
Mas uma propria guarida.

José das Neves.

PRAZOS

As soluções do presente numero devem estar nesta Redacção até — 18, 20, e 26 do corrente mez, e 5, 7, 9, 20 e 25 de Agosto proximo.

No primeiro prazo, estão comprehendidos os charadistas desta capital e de Nictheroy; no segundo, os de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro; no 3.º, os do Paraná e Espirito Santo; no 4.º, os da Bahia, Santa Catharina e Rio Grande do Sul; no 5.º, os de Sergipe até Pernambuco; no 6.º, os de Parahyba até Ceará; no 7.º os de Piahy até Pará e no 8.º, os demais.

TORNEIO MARÇO — ABRIL

Soluções do n. 7 da Revista de 25 de Março

46 — Almagro; 47 — Cizania;
48 — Taboco; 49 — Agir Riga;
50 — Jogral — Gorjal; 51 — Mon-
da — Damno; 52 — Annullada;
53 — Odre—Ocre; 54 Adurente; 55
— Danilo; 56 — Matulo — Matula;
57 — Confutar — Contar; 58 — Re-
proba.

Decifradores do mesmo numero

Max-Linder; Mustaphá; No-No-Co;
Lyége; Tachy-Nê; Arch'angelus e In-
Fiel 12 pontos cada um; Leduc e
Dadá 11 pontos cada uma; Jo-

naboli e Jupira (S. Paulo) 10 pontos cada um; Leta, D. Eolo e Laudel, 9 pontos cada um; Kaiser 8 pontos; Ragar 4 pontos; Pasquinha 1 ponto.

AVISO

Quando um trabalho sahir sem numeração ou de tal forma apagado que não seja possivel a sua leitura, os collegas não devem perder tempo com o mesmo, elle está annullado.

TORNEIO DE FEVEREIRO

Será dado finalmente no proximo numero, o resultado final deste Torneio. Peço que os collegas me desculpem a demora, mas a mesma é devida ao grande numero de affazeres que me têm prendido no trabalho.

CORRESPONDENCIA

Sabiatica — Agradeço ao collega as referencias á minha pessoa. Quanto ao trabalho que mandou para eu decifrar, lhe digo que me falta tempo para essas cousas, mas em todo caso consegui matar logo a primeira vista o seu — Papagaio — Estará certa a solução? Tenho visto trabalhos do collega no *Malho*. Concorra á este Torneio que fará boa figura. Disponha sempre do seu creado ás ordens.

José das Neves — (Ilha das Enxadas). Como vê foi publicado o seu ultimo trabalho. Fico sinceramente agradecido pela deferencia do collega. Está muito bem feito e muito me honra essa distincção Mande o collega mais trabalhos. Grato.

Dr. Peroba — Inscripto com todo o gosto. Concorra com fé e obterá a victoria. O collega não quer mandar uns trabalhos?

Estou sem trabalhos dos seguintes collegas: Gallieni; D. Eolo; In-Fiel; Arch'angelus; Lyége; Tachy-Nê; Agatha; Leta; Laudel; Serrana (Rgsul); Cyrano e Pery-Quito, Zé Maria e Tio Góes.

Tio Góes (Bebedouro) — Então o collega vae concorrer ao Torneio do «Malho»? A charada publicada sabado é— Estalido? — Tambem gosto de matar os trabalhos dos collegas. amigos. Não apparece mais cá por casa com seus trabalhos e mais Zé Maria? Está zangado?

SEDNEM.

Sabonete sylkale

UMA LINDA PELLE

é indispensavel a

UMA LINDA SENHORA

O SABONETE SILKALE dá á pelle saude, frescura e aroma, evita e corrige a dilatação dos poros e a oleosidade da pelle.

O SABONETE SILKALE é um sabonete absolutamente neutro de finissima pête e delicado periume.

O SABONETE SYLKALE é o sabonete conveniente a toda a cutis delicada ou doente.

O SABONETE SYLKALE é o unico adoptado na sua clinica pela celebre especialista Mme. Selda Potocka.



O Sabonete Sylkale, bem como todos os afamados preparados de Mme. Selda Potocka, acham-se á venda, no Rio, nas melhores perfumarias e nos grandes estabelecimentos: *Casa das Fazendas Pretas, Casa Bazin, Casa Hermany, Casa A' Exposição, e Ramos Sobrinho & C.*

Em *Petropolis* — no estabelecimento de modas de Mme. Pongetti (rua 15 de Novembro, 285). Em *S. Paulo* — Na casa Lebre. Em *Bello Horizonte* — Narciso & Cia. (rua Bahia, 1221). Em *Juiz de Fôra* — Cyrino Carvalho & Cia. Em *Victoria* — Cruz Sobrinho & Cia. Na *Bahia* — Manso & Cia. No *Recife* — A Rosa dos Alpes. Em *Maceió* — J. Lages. Em *Sete Lagoas* (E. de Minas) — Bazar Andrade. Em *Ouro Preto* — J. B. Mendes. No *Rio Grande do Sul* — Palais Royal. — Em *Canavieiras* — L. Guerreiro. Em *S. Luiz do Maranhão* — A Mariposa. Em *Porto Alegre* — Casa Chic Parisiense. Em *Campos* — Casa Lamy. Em *Campinas* — Casa Americana. Em *Fortaleza* — Xavier Pinto & Irmão. Em *Aracajú* (Sergipe) — Sizenando Almeida & C. Em *Pelotas* — A Torre Eiffel. Em *Ribeirão Preto* — Valeriano T. dos Reis. Em *Uberaba* — Ao Motu Continuo. Em *S. José do Rio Pardo* — A Central. — Em *Barbacena* — A Filial.

Depositorios geraes para todo o Brasil — Costa, Pereira & C. — 53, Rua da Quitanda, 55.

O Instituto de Mme. Selda Potocka envia prospectos contendo as instruções necessarias ao uso dos preparados para a hygiene da pelle e do cabello a todas as senhoras que os requisitarem para a rua Pavandú, 111 — Rio de Janeiro.

NO
PETIT MARCHÉ

SEDAS EM PROFUSÃO

Taffetas, setins, crepe china,
châmeuse e gaze chiffon, por
preços extremamente baratos.

ARTIGOS PARA INVERNO

OFFICINA DE COSTUMES "TAILLEUR"

VISITEM

AU PETIT MARCHÉ

OUVIDOR, 86

Esquina da Rua da Quitanda